

FACULDADE DE EDUCAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO

DANIELA CAIELLI PENTEADO

Histórias para habitar: Memórias, Moradas e Trajetividades

Dissertação de mestrado apresentada à banca examinadora da  
Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo  
como parte dos requisitos para obtenção do título de  
mestre em educação.

Área de concentração: Cultura, Organização e Educação  
Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Sanchez Teixeira

São Paulo  
2014

DANIELA CAIELLI PENTEADO

Histórias para habitar: Memórias, Moradas e Trajetividades

Dissertação apresentada a Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo para obtenção do título de Mestre em Educação

Área de Concentração: Cultura, Organização e Educação

Orientadora: Profa. Dra. Maria Cecília Sanchez Teixeira

São Paulo

2014

Autorizo a reprodução e divulgação total ou parcial deste trabalho, por qualquer meio convencional ou eletrônico, para fins de estudo e pesquisa, desde que citada a fonte.

#### Catálogo da Publicação

Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo

Penteado, Daniela Caielli

Histórias para habitar: memórias, moradas e trajetividades / Daniela Caielli Penteado ; orientadora Maria Cecília Sanchez Teixeira – São Paulo, 2014

Localização

Dissertação (Mestrado) – Universidade de São Paulo, 2014

1. Habitação Social. 2. Pós-ocupação

Nome: PENTEADO, Daniela Caielli  
Título: Histórias para habitar: Memórias, Moradas e Trajetividades

Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da  
Universidade de São Paulo para obtenção do título de  
Mestre em Educação

Aprovada em:

Banca Examinadora

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

Prof. Dr. \_\_\_\_\_ Instituição: \_\_\_\_\_

Julgamento: \_\_\_\_\_ Assinatura: \_\_\_\_\_

## Dedicatórias

Ao meu pequeno sol, Yamandu  
E ao meu pai, velha estrela que segue servindo de guia lá no céu.

## Agradecimentos

A Professora Maria Cecília Sanchez Teixeira por orientar meus caminhos pelo imaginário de forma tão afável, presente e precisa.

A Professora Maria do Rosário Porto, pelo bom humor, pela revisão atenta e por ter aberto um portal de novos conhecimentos na minha vida.

A Professora Sandra Maria Patrício Ribeiro Vichiatti pelo olhar sensível e entusiasmo pelo meu trabalho.

Ao Professor Alexander de Freitas por sua contribuição no exame qualificação com observações preciosas (e tão precisas).

A todos entrevistados e seus familiares que participaram deste trabalho abrindo o espaço de suas casas e de suas vidas, a toda rede de amizade que se formou em torno deste projeto.

Ao compadre Alexandre Falcão, pela doçura, companheirismo e boas canções.

Aos manos Marcello de Jesus, Eliana Maurelli, Ana Rolf, Mauro Grillo, Thabata Ewara e Thiago Silva, Samara Costa, Diego Morrone, Letícia Leal, Dona Li, Morena por mostrarem o bairro de José Bonifácio de forma tão amorosa.

Ao Coletivo Alma, por propiciar um rito de passagem na minha vida.

A CAPES, pela bolsa que possibilitou todo processo de pesquisa.

To Sarah Bryce, for her friendship and for helping me with the abstract.

Ao meu filho Yamandu que chegou durante a redação dessa dissertação e me fez renascer.

Ao meu pai, que desencarnou durante a redação dessa dissertação, pra sempre inspiração original nas aventuras imaginárias.

Ao Jonilson, pela sobrenatural força nos momentos finais, companheiro nas angústias, nas alegrias e nas boas refeições também.

Ao Aruan por colocar mais luz no meu olhar.

A minha mãe, Liliane, por todo carinho e apoio sempre.

A Tequinha pelas conversas amorosas e acolhimento sempre.

Aos irmãos Fernanda, Ricardo, e aos quase irmãos Eduardo e Denise, por todo apoio na caminhada.

À Força Criadora, por me permitir desfrutar a vida com intensidade.

## RESUMO

PENTEADO, D.C. Histórias para habitar: memórias, moradas e trajetividades. 2014. Dissertação (Mestrado) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014

A presente pesquisa buscou investigar, por uma perspectiva simbólica, as dinâmicas de convivência e os processos de apropriação afetiva dos espaços de um bairro, tendo em vista compreender a cultura do morar. O intuito foi incrementar o repertório de pesquisas sobre o período de pós-ocupação de Conjuntos Habitacionais de Interesse Social (CHIS) possibilitando, posteriormente, a ampliação do campo para elaboração de intervenções de cunho pedagógico, que possam futuramente ser propostas nesse contexto. Para tanto, o presente estudo propôs uma leitura interpretativa de entrevistas e peças expressivas (fotografias e colagens) além da análise de mapas simbólicos (ATu-9) de moradores do distrito de José Bonifácio – nosso bairro-foco. Os CHIS constituem a configuração de moradia predominante em José Bonifácio e parte-se dessa realidade para refletir acerca da relação entre o espaço físico de moradia e a cultura do morar, numa convergência de narrativas: algumas oferecidas pelos moradores durante as entrevistas, outras nascidas das peças criativas, sempre em diálogo com a própria narrativa da pesquisadora que observa e participa do processo como um todo. O objetivo foi identificar a dimensão simbólica que se expressa nos gestos cotidianos do grupo estudado, tendo o imaginário como fio condutor na compreensão das dinâmicas instauradas na vida social e, para tanto, teve-se como principais referenciais no tratamento do material a Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand, a Sociologia Compreensiva de Michel Maffesoli e os estudos sobre o cotidiano de Michel de Certeau. A pesquisa permitiu concluir que os processos de apropriação dos espaços comuns entre os blocos de apartamentos assim como dos demais lugares do bairro estão relacionados à livre circulação de matrizes simbólicas, sendo incentivado, na concepção de intervenções pedagógicas neste contexto, o reconhecimento das táticas de resistência cultural e simbólica já adotadas pelos moradores como ponto de partida para as ações propostas à comunidade durante o pós-ocupação tardio dos CHIS.

Palavras-chaves: Habitação Social, Pós-Ocupação, Cultura do Morar

## ABSTRACT

PENTEADO, D.C. Stories to live in: a journey through memories and homes. 2014. Dissertation (Masters Degree) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, 2014

This study seeks to investigate, from a symbolic perspective, the dynamics of social organization and coexistence, focusing on the processes of affective appropriation of common spaces, with the aim of understanding the cultural elements related to housing. It intends to contribute to the body of research about the post-occupancy period in Social Housing Complexes in order to expand the possibilities of developing educational interventions in this context. Therefore, this thesis proposes an interpretative reading of interviews and artistic work (photographs and collages) as well as the analysis of symbolic maps (ATu-9) that were made by residents of the José Bonifácio District of São Paulo, Brazil. Social Housing Complexes are the main housing type in the José Bonifácio District, and this reality is the basis for reflection on the relationship between the physical aspects of housing and the cultural elements related to the act of residing, towards a framework of convergence. This framework brings together the collection of narratives offered by the residents through interviews and through creative work, and the personal narrative of the researcher, who observed and interacted with the process as a whole. The main objective of this study is to identify the symbolic dimension that is expressed in the everyday actions of the studied group, with the imaginary as the guiding principle to understand the dynamics of social life of this group. The principal references for this are the General Theory of The Imaginary, developed by Gilbert Durand, the Comprehensive Sociology of Michel Maffesoli, and the studies of everyday practice by Michel de Certeau. The research indicates that the processes of appropriation of common spaces between the buildings and in the surrounding neighbourhood are related to the free circulation of symbolic matrices, thus encouraging – in the field of social and educational interventions - the recognition of cultural and symbolic forms of resistance already adopted by the community as the starting point for actions proposed to the community in Social Housing Complexes during late post-occupancy period.

**Key words:** Social Housing, Post-occupation, Housing Culture

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO: Meu trajeto por moradas e memórias .....</b>	<b>11</b>
<b>CAPÍTULO I – Orientações para o caminhante: Fundamentação teórico-metodológica.....</b>	<b>21</b>
<b>CAPÍTULO II - Entre Espaço e Tempo: percorrendo a história de um bairro à margem – José Bonifácio.....</b>	<b>42</b>
<b>CAPÍTULO III – Modos de habitar José Bonifácio – breve etnografia da resiliência (ou uma visita conhecendo vossa goma).....</b>	<b>61</b>
<b>CAPÍTULO IV – Entre Blocos, Velas e Afetos: Histórias, Convivialidade e Imaginário no bairro de José Bonifácio.....</b>	<b>78</b>
<b>CAPÍTULO V – Habitar como ato pleno de sentido : criando possibilidades .....</b>	<b>114</b>
<b>REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS .....</b>	<b>121</b>
<b>ANEXOS .....</b>	<b>125</b>

## INTRODUÇÃO

### MEU TRAJETO POR POR MORADAS E MEMÓRIAS

Este trabalho foi concebido e realizado no calor do convívio com um grupo de moradores de José Bonifácio, no extremo leste da cidade de São Paulo. Muitas vezes “metonimizado” na fala cotidiana (“esse ônibus vai pra COHAB José Bonifácio”), o bairro visitado nessa pesquisa apresenta evidente predomínio dos conjuntos habitacionais da Companhia Municipal de Habitação (COHAB), coexistindo em menor escala outras configurações de moradia como as casas ou mesmo o condomínio Cingapura – outro conjunto habitacional de interesse social (CHIS) surgido na década de noventa como parte de um plano municipal de urbanização de favelas.

Meu olhar chegou a esse lugar a partir de uma perspectiva “estrangeira”, alheio às minúcias estabelecidas nas relações cotidianas, uma vez que eu não trazia a vivência do que pode significar morar na periferia de São Paulo. Essa condição me permitiu percorrer diferentes trajetos no bairro sem o peso da responsabilidade de seguir as regras de convivência implícitas nos costumes de seus moradores que, de maneira oficiosa, caracterizam as formas de apropriação dos espaços do local. Longe de haver qualquer lógica de identificação única, muitos podem ser os significados criados pelos moradores acerca desse lugar que abriga múltiplas realidades num espaço pretensamente padronizado (os prédios da COHAB foram edificadas todos iguais, sem paisagismo, sem cores, sem planejamento de áreas comuns de convivência). A diversidade nasce no momento em que esse espaço é vivido, quando os significados são tramados no trajeto do corpo que habita esse lugar e que é sensível tanto às marcas da segregação (como a restrição à mobilidade pela cidade, a oferta insuficiente de serviços públicos em saúde e educação ou a escassez de iniciativas artístico-culturais, entre outras limitações) quanto aos laços de cumplicidade criados no dia a dia (nas reuniões de amigos, nas ações coletivas para transformação de espaços comuns ou no apoio mútuo para lidar com situações difíceis como doença ou desemprego). E assim como surgem significados no uso cotidiano desse bairro por seus habitantes, meu olhar também significa os modos de viver este lugar, ocorrendo, desta forma, um corte interpretativo: meu ponto de vista emoldura a leitura dos relatos e criações dos moradores participantes na presente investigação.

A compreensão dos modos de apropriação do espaço urbano passa pela aproximação junto da carne e do espírito de cada lugar da grande cidade. Nós, moradores, nos apropriamos

física e semanticamente de cada porção dessa imensa trama de construções, gente, natureza e movimento; compondo uma interação complexa e recíproca entre sentido e concretude. Cada sociedade projeta materialmente seus modos de ver, inscrevendo-os objetivamente na superfície terrestre por meio de suas ações assim como também sua subjetividade é influenciada pelo dinamismo material presente na configuração física dos espaços. As variantes que interferem nessa relação e a dinâmica que lhe caracteriza são questões que pretendo desenvolver aqui.

A cultura do morar – como corpo de símbolos, mitos e imagens que subsidiam a vida prática e compõem o imaginário que permeia os modos de habitar – se revela em gestos concretos, em relatos, em identificações específicas que indicam maneiras de viver o bairro de José Bonifácio, particularmente pela perspectiva de quem mora em Conjuntos Habitacionais de Interesse Social (CHIS). As feições inicialmente inexpressivas dos blocos de apartamentos e a precária infraestrutura urbana (comento mais sobre essas condições no decorrer do trabalho) são elementos que se somaram às referências culturais, às condições socioeconômicas, às tendências do imaginário que cada morador trazia consigo ao chegar para morar em cada uma das milhares de unidades de moradia implantadas no bairro. Do encontro entre cenário e protagonistas, surgiram múltiplas rotas de aprendizagem cotidiana, gravadas em minúsculos e significativos gestos, nos espaços ordinários do bairro. Ao debruçar-me diante das experiências narradas aqui e diante das representações criadas por estes narradores, procuro compreender como acontecem os processos de apropriação e de convivência num espaço inicialmente nada acolhedor.

Como forma de apresentar o contexto no qual surgem tais interrogações, trago um pouco da minha história em José Bonifácio.

Desde 2009 venho atuando em atividades junto do autointitulado Coletivo ALMA - palavra que surge com dupla função: dar significado às intenções do coletivo e concentrar as letras iniciais do nome oficialmente registrado de Aliança Libertária Meio Ambiente.

Em ação desde 2003, o coletivo surgiu a partir do encontro de jovens moradores de José Bonifácio - que então se situavam numa faixa etária entre 16 e 25 anos- no intuito de integrar dois desejos: expressar-se através da arte e cuidar do bairro. Uma equipe heterogênea, com indivíduos de diversas formações, passou a desenvolver ações relacionadas à criação artística e ao cuidado dos espaços comuns do bairro, em caráter contínuo. A observação e a

participação nestas vivências locais acontecem na minha relação cotidiana junto dessa equipe que passou gradativamente a incorporar não-moradores à sua formação, como é meu caso: participo como pesquisadora responsável e narradora desse trabalho ao mesmo tempo em que integro este coletivo, vivenciando dilemas, dificuldades e alegrias ao longo da trajetória. Enxergo como campo temático, no qual essa minha história junto desse grupo acontece, o entrecruzamento entre a arte e a ação social, estética e ética: eixos temáticos aproximados com intuito de **dar sentido à relação com o espaço de moradia**, na convivência amigável e nas ações nos espaços do bairro.

As propostas do Coletivo ALMA acontecem principalmente no campo na intersecção entre a prática das linguagens expressivas e as ações de cuidado com o ambiente de moradia – entrecruzamento de interesses que desencadeou um modo de trabalho de características bem particulares. A itinerância das ações de ocupação criativa chega a lugares ociosos do bairro e adapta-se aos espaços dos prédios, infiltrando-se nos espaços comuns do distrito de José Bonifácio – desde áreas amplas como o Parque Raul Seixas até espaços de circulação menos intensa e mais íntima como pátios, corredores e salões de festa nos prédios. Esta práxis vem sendo construída coletivamente, entre experimentações, avanços e retrocessos; achando-se os integrantes do coletivo, atores neste processo acompanhando diferentes grupos de moradores, em uma espécie de formação autônoma, na qual desenvolvem habilidades específicas de maneira intimamente ligada à execução das atividades em arte e educação construídas por eles mesmos. O contato com esse modo de trabalho revela-me possibilidades de aprendizado cultural de pensamentos, saberes e atitudes, nascidos no encontro entre propositores e moradores convidados a participar destas ações, num compartilhamento de experiências e conhecimentos que acontece fora das estruturas formais de ensino.

Dessa forma, inserindo-me progressivamente nas atividades desse Coletivo, posso dizer que meu relato se situa no campo mais comumente denominado “educação não-formal” (onde são vivenciadas práticas de ensino—aprendizagem fora do ambiente do ensino formal) - situação mencionada em muitos dos relatos de moradores participantes nesse trabalho como sendo importante forma de adquirir conhecimento, indicando certo interesse da comunidade por esse tipo de ambiente de aprendizagem. Acredito ser relevante descrever aqui o modo de trabalho com o qual tenho convivido, uma vez que é nesse contexto que se forma minha visão sobre o bairro além de serem as concepções e ações da equipe fatores de grande influência nas escolhas teórico-metodológicas desta pesquisa. A trajetória do bairro de José Bonifácio liga-

se intimamente à trajetória deste grupo de trabalho e a reciprocidade dessa relação, por sua vez, repercute na visão desse lugar que pretendo revelar conforme escrevo este trabalho.

É imprescindível localizar no tempo e no espaço o foco sobre o qual voltamos nossa atenção: estamos no extremo leste da cidade de São Paulo, num bairro que hoje aparece urbanizado possuindo vias de transporte, sistema de abastecimento de água e de captação de esgoto, fornecimento de luz elétrica, residências e estabelecimentos comerciais. O caráter urbano, no entanto, convive com resquícios de um passado rural quando José Bonifácio e seu entorno ainda formavam o chamado “cinturão verde”: região de pequenos produtores de hortifrutis que foram progressivamente afastados dali. Atestando essa transição, persiste uma faixa rural (onde ao invés de ser cobrado o Imposto Predial e Territorial Urbano – IPTU - é cobrado o Imposto Rural – IR) de pequenos produtores num bairro vizinho a José Bonifácio, chamado Colônia ou Gleba do Pêssego, numa referência aos agricultores imigrantes japoneses que já foram os principais produtores locais. A intensa velocidade com que se deu a modificação do espaço não foi totalmente incorporada pela cultura cotidiana, já que é perceptível nos costumes e na arquitetura de um bairro uma mistura de valores e estilos de vida rurais (em crise, devido à urbanização veloz) infiltrados por entre valores e estilos de vida urbanos. Algumas pistas indicam este processo que gradativamente se estabeleceu no bairro: é muito comum observarmos a presença de hortas improvisadas em terrenos baldios ou mesmo presenciarmos aqueles que “saem pra tomar sol”, conversar à soleira da porta, varrer a frente da casa – comportamento presente principalmente entre os moradores mais antigos. A influência da cultura agrária em meios aos conjuntos da COHAB José Bonifácio – diferente da Colônia, nesse caso - vem na bagagem dos migrantes das regiões central e nordeste do Brasil, que trazem na sua trajetória formativa a influência do modo de vida de famílias de lavradores das quais descende a maior parte dos primeiros moradores dos blocos, chegados a partir da década de 1980. Diferente dos imigrantes japoneses que ocuparam a faixa leste com intuito de cultivar as terras sistematicamente, entre os migrantes de outros estados brasileiros o cultivo aparece como forma de reafirmar sua cultura de origem em terrenos improvisados enquanto os cargos de trabalho ocupados oficialmente são no setor do comércio ou da indústria.

A referência aos antecedentes rurais aparece também no quadro de ações propostas pelo Coletivo ALMA, que escolheu a educação ambiental no território urbano como um dos eixos de estruturação do trabalho: acontecem os primeiros contatos com a terra no plantio de

mudas em canteiros ou na brincadeira com bolas de semente em argila além de serem valorizados os solitários jardins e hortas cultivados por velhos moradores da COHAB.

Os hibridismos culturais surgem no diálogo entre as gerações de moradores já que crianças, adolescentes, adultos e idosos vivem o lugar de maneiras diferentes, sob a influência de diferentes referências. São diversas as atitudes possíveis na ocupação de um bairro: lado a lado, convivem ações que revelam rejeição (como quando se observa o despejo endêmico de entulho, por exemplo) e integração (como quando se observa a realização de trabalhos comunitários que cuidam e embelezam áreas comuns existentes no bairro, outro exemplo). Muitos compreendem o surgimento das COHABs como um incremento na qualidade de vida da região, enquanto outros sofrem intensamente a exclusão social e geográfica e se sentem estigmatizados ao se declararem moradores deste mesmo lugar. A atitude e o posicionamento dos moradores diante do lugar se concretizam na configuração material dos espaços do bairro em formas e cores, organizando-os numa mensagem cheia de significados.

Redimensionar a percepção diante das construções cotidianas do bairro (muitas vezes despercebidas) é um exercício de sensibilidade buscado nas práticas do Coletivo que optou por aproximar-se das linguagens artísticas como alavanca metodológica para compreender a organicidade do tecido social do qual faz parte:

Será necessário empenhar-se em descrever os estilos, a reconhecer ritos, a captar os modos de fazer e os de dizer que caracterizam as relações sociais. (...) É necessário precisar que essa abordagem afável inscreve-se no jogo de interações que se estabelece entre a imagem do eu e as imagens do ambiente natural e social. MAFFESOLI, 1996, p. 129



Figura 01 - Oficina de permacultura nos canteiros de prédio da COHAB – Ação do Coletivo ALMA em 2011 – Registro do grupo

A arte surge como possibilidade de condensar em obras expressivas as ritualizações cotidianas e, potencialmente, como mecanismo que amplifica as possibilidades de leitura dos lugares cotidianos (já que o processo criativo realizado no contexto comunitário enseja a comunicação entre criações de diferentes indivíduos cujos olhares diversos podem se enriquecer mutuamente). Existem alguns temas transversais que acompanham as propostas de atividade como memória ligada aos espaços de moradia e história socioambiental da região. Além disso, as manifestações artísticas aparecem na trajetória do Coletivo como chamado a novos caminhos dentro dos processos formativos instaurados dentro do próprio grupo, numa busca por ir além de uma estruturação unicamente racional de propostas pedagógicas que projetariam somente objetivações e conceitos rígidos. Apresentações e oficinas participativas de teatro, audiovisual, artes plásticas e música compõem a programação que traz como motivos as impressões ligadas aos lugares cotidianos, os elementos da natureza remanescentes na cidade, os impactos da urbanização sobre os modos de vida.

A experiência estética surge como forma de estimular os sentidos e redimensionar a percepção do vivido, podendo provocar uma reinterpretação contínua das experiências de vida. Lembramos que a experiência é uma vivência de caráter particular que envolve a elaboração e atribuição de um sentido ao acontecimento vivido, caracterizando assim a

existência de um indivíduo ou de uma comunidade desvelando um sentido a sua própria existência. Desta forma, o processo de criação artística pode ensejar a elaboração de sentido de existência por meio da construção de uma forma-matéria, pois como nos diz Ostrower (1984,p.28):

(...) compreendemos na criação que a ulterior finalidade de nosso fazer seja poder ampliar em nós a experiência de vitalidade. Criar não representa um relaxamento ou esvaziamento pessoal, nem uma substituição imaginativa da realidade; criar representa uma intensificação do viver, um vivenciar-se no fazer; e, em vez de substituir a realidade, é a realidade; é uma realidade nova que adquire dimensões novas pelo fato de nos articularmos, em nós e perante nós mesmos, em níveis de consciência mais elevados e mais complexos. Somos nós a realidade nova.



Figura 02 – Oficina de Brinquedos e Brincadeiras em pátio de prédio da COHAB – Ação do Coletivo ALMA em 2011 – Registro do grupo

Assim inserido nos espaços de proximidade e estabelecendo conexões físicas e afetivas durante o processo de significação dos lugares, arrisco dizer que a empatia é um dos fatores que concorre para o caráter contínuo do trabalho realizado pelo Coletivo que, mesmo tendo seu sustento financeiro proveniente de editais públicos pelas secretarias de cultura e meio ambiente (nos âmbitos federal, estadual e municipal), tem suas raízes fincadas no solo da amizade donde florescem ações independentes de mecanismos de controle oficiais. Ainda

assim, a institucionalização é uma sombra que paira nas discussões do coletivo que busca autonomia no planejamento e execução de suas ações, muitas vezes driblando (noutras enfrentando) políticas públicas de sucateamento dos equipamentos culturais e educacionais – frequentes nas margens da cidade.

As alianças comunitárias organizadas em torno de grandes causas coletivas - presentes no histórico das periferias na forma de mutirões, associações de bairro ou movimentos como o movimento pela saúde na zona leste (forte referência durante os anos 70 e 80) - não tem o mesmo destaque como no passado. Muitos moradores da região comentam que “com um teto, luz, água encanada e posto de saúde aberto, cada um foi pro seu canto”. Os interesses se diversificaram, as questões-chave que se apresentam aos moradores se multiplicaram. Então quais seriam as formas de agregação hoje em dia? Como se dão os vínculos entre moradores? Existe possibilidade para proposição de ações conjuntas?

Perguntas como essas suscitam ideias para investigação das atuais demandas dos moradores e das formas de intervenção pertinentes para a comunidade. As ações durante o período de pós-ocupação dos Conjuntos Habitacionais de Interesse Social (CHIS) por parte do poder público tem sido de insignificante alcance. O pós-ocupação tardio dos Conjuntos Habitacionais, frequentemente negligenciado pelas políticas de gestão pública, tem sido foco de pesquisa de alguns estudos acadêmicos – principalmente em Arquitetura e Urbanismo – sem que haja, de forma evidente, uma preocupação especificamente voltada para as questões de ensino-aprendizagem ligadas à ocupação cotidiana dos espaços comuns localizados entre as unidades de moradia. Uma rápida pesquisa pelo Banco de Teses e Dissertações do portal da CAPES revela que, entre 1987 e 2013, foram produzidos menos de cem trabalhos (entre dissertações de mestrado e teses de doutorado) que tenham seus temas diretamente relacionados ao contexto social durante o pós-ocupação dos CHIS. A grande maioria das pesquisas em pós-ocupação privilegia o estudo das tecnologias arquitetônicas e urbanísticas. Poucos estudos, em menor frequência, enfocam as condições vividas no período de pós-ocupação por meio de avaliações e entrevistas e que utilizam uma perspectiva sociocultural-etnográfica. Sem desconsiderar tais estudos e partindo da minha experiência pessoal junto do Coletivo, julgo ser importante tratar das dinâmicas de convivência nos conjuntos habitacionais privilegiando a compreensão das dinâmicas de apropriação do espaço e as possibilidades de ensino-aprendizagem nesse campo.

As características culturais locais, quando levadas em conta no planejamento e na execução de ações sócio pedagógicas, permitem que as intervenções no quadro cotidiano desses prédios se pautem por outros referenciais que não os de participação impositiva, num caminho de reconhecimento e valorização da organicidade social como fator fundamental para a construção de conhecimentos pertinentes à comunidade. A tendência à padronização – explícita na arquitetura destes blocos habitacionais – é contraposta no dia-a-dia dessa comunidade através do comportamento absolutamente diversificado de seus moradores e essa pode ser uma chave de acesso a potencialidades individuais que devem ser respeitadas e valorizadas.

Este é o terreno onde serão urdidas as versões e representações das histórias desse lugar e dos que nela habitam.

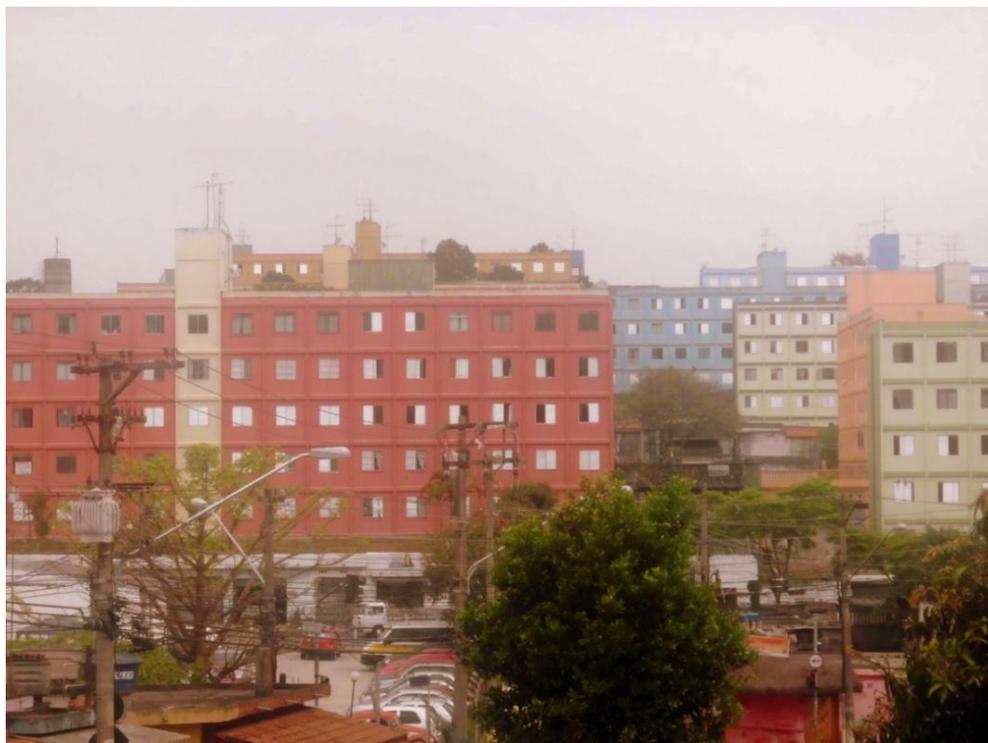


Figura 03 – Sem Título - Visão de prédios da COHAB José Bonifácio - foto produzida por colaborador em passeio fotográfico proposto em 2012

No primeiro capítulo, recorro a autores que motivaram tanto a estruturação da metodologia utilizada no trabalho de campo como posteriormente a leitura dos materiais. Dentro do quadro epistemológico proposto – que ruma na direção da continuidade entre observador e objeto observado – escolho autores que contribuem para um novo paradigma em formação: Gilbert Durand, Michel Maffesoli, Michel de Certeau, Roberto da Matta, Augustin

Berque são pesquisadores cujas ideias orientam esta investigação, que se constrói numa perspectiva antropológica e simbólica. No sentido de ampliar a percepção acerca dos fenômenos cotidianos testemunhados no contexto dos CHIS, busco introduzir o diálogo entre estas vertentes teórico-metodológicas no decorrer deste capítulo. Além disso, apresento o quadro metodológico no qual descrevo os participantes, o território abordado e as heurísticas aplicadas durante o processo de pesquisa.

No segundo capítulo, apresento uma breve descrição dos rumos tomados pelo bairro de José Bonifácio, retomando alguns fatos que fazem parte da história das políticas públicas em habitação, além de reunir memórias ligadas ao bairro que foram ofertadas pelos colaboradores desta pesquisa durante seus relatos.

Uma incursão etnográfica é esboçada no terceiro capítulo com destaque para as táticas de resistência cultural e simbólica criadas no dia a dia. Aqui procuro apresentar algumas situações que ensejam uma reflexão acerca de como o bairro é vivenciado por seus moradores no dia a dia, em seus ritmos cotidianos e contextos de sociabilidade. Eventos significativos, hábitos de circulação, códigos e lugares de convivência que constituem medidas de adaptação diante de dificuldades próprias da vida na periferia, em especial nos CHIS. Conflitos e demonstrações de cumplicidade indicam alguns dos traços da complexa personalidade do bairro.

O quarto capítulo oferece algumas entradas simbólicas para que nos aproximemos do universo de representações que media as relações do grupo de moradores participantes deste estudo nos espaços de José Bonifácio.

A finalização do nosso percurso por José Bonifácio traz questões ligadas ao papel da etnografia e da investigação simbólica na concepção de intervenções sociopedagógicas no contexto dos conjuntos habitacionais de interesse social.

Iniciemos nosso caminho.

# CAPÍTULO I

## ORIENTAÇÕES PARA O CAMINHANTE:

### FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICO-METODOLÓGICA

O racionalismo, aristotélico ou cartesiano, apresenta a imensa vantagem de pretender ser universal através da partilha individual do bom senso ou do senso comum. O mesmo não acontece com as imagens: elas estão sujeitas a um evento, a uma situação histórica ou existencial que lhe dá o colorido. É por isso que uma imagem simbólica precisa ser sempre revivida, mais ou menos do modo como uma música ou um herói de teatro precisa de um intérprete. (DURAND, 1988 p.33)

A busca por empreender uma abordagem compreensiva neste trabalho guiou-me por um campo de conhecimentos que destoa da abordagem científica clássica, na qual predomina o racionalismo. A explicitação da base epistemológica e metodológica como primeiro passo ao adentrarmos no universo dessa pesquisa acontece para que nos aproximemos do fenômeno testemunhado, relatado e interpretado tendo como referências ideias, noções, hipóteses e questionamentos elaborados por um quadro de autores que aqui nos guiam pelo complexo e diversificado traçado escolhido. Inicialmente, há uma característica facilmente identificável neste trabalho: predomina a análise qualitativa. ANDRÉ (2005, p.17) destaca que as linhas de pesquisa qualitativa em educação valorizam a maneira própria de entendimento da realidade pelo indivíduo:

Em oposição a uma visão empiricista de ciência, busca a interpretação em lugar da mensuração, a descoberta em lugar da constatação, valoriza a indução e assume que fatos e valores estão intimamente relacionados, tornando-se inaceitável uma postura neutra do pesquisador.

Todavia, não há como afirmar que todo estudo quantitativo identifica-se necessariamente com a perspectiva positivista ou que todo estudo qualitativo é destituído de identificação com essa mesma perspectiva. Existe uma série de matizes na caracterização de uma pesquisa e, entre referenciais e métodos, a implicação da subjetividade tanto do pesquisador como do colaborador na própria investigação parece ser o fato que delimita o campo de pesquisas qualitativas. Outro posicionamento também se faz necessário: a assunção do caráter interpretativo próprio a este trabalho que se propôs a aplicar uma abordagem etnográfica ao estudo de um caso.

Retomando as delimitações metodológicas propostas por ANDRÉ (2005), descrevo algumas características que balizaram a concepção e o processo da presente pesquisa:

- As técnicas utilizadas para coleta de material privilegiaram o contato com valores, hábitos, crenças, práticas e comportamentos adotados por um grupo social, formando um quadro cultural;
- A observação participante foi adotada: aconteceu interação entre mim e a situação estudada, afetando e sendo por ela afetada. O contato com o ambiente pesquisado foi direto e prolongado. Conforme respondi ativamente às circunstâncias da realidade observada, revii questões que orientavam a pesquisa como um todo além de ter adequado a metodologia às vivências no processo de pesquisa;
- Foram realizadas entrevistas semi-estruturadas, priorizando o aspecto vivencial da realidade, no qual procurei transitar entre a subjetividade (minha e dos colaboradores) e a objetividade do fenômeno estudado;
- Não houve intenção de modificar o ambiente – de modo diverso, em comparação a uma pesquisa-ação, por exemplo, onde são propostos procedimentos cujo impacto é avaliado posteriormente.
- Optei por utilizar três processos: a descrição (por meio das entrevistas e meu diário de campo), a representação (por meio das peças expressivas e mapas simbólicos) e a indução (na qual procuro formular conceitos, abstrações, hipóteses ao invés de testar esses tipos de formulação)

Lembro que esta proposta teórico-metodológica acontece de forma intimamente ligada à minha participação nesse contexto. Assumo, assim, a redação dessa dissertação como matizada tanto pelos questionamentos relevantes à comunidade-foco (e, por extensão, a outras comunidades que vivem o mesmo contexto) como pelas perguntas geradas na trajetória feita por mim, pesquisadora, havendo diálogo entre as questões coletivas e minha experiência pessoal.

O primeiro aspecto a ser destacado nessa jornada interpretativa é a noção de trajetividade, noção que conduz nossa aproximação junto ao universo pesquisado. Enfatizamos um dos sentidos possíveis do termo: a qualidade de quem percorre um trajeto – portanto, a ideia de movimento está implícita. Nesse sentido, a busca é por criar instrumentos para que nosso jogo epistemológico incorpore certo dinamismo, superando uma visão estritamente causalista com conceitos-estranques.

O plano de trajetividade que primeiro se estabeleceu é bastante óbvio: realizei caminhadas exploratórias pelo bairro, literalmente empreendendo trajetos sem destinos pré-determinados. Sob o sol do meio-dia, sob a chuva ou ao pôr do sol: o primeiro intento foi expandir meu conhecimento das áreas do bairro procurando desvendar seus humores em particular. Ainda fora do terreno das palavras, procurei afinar minha sensibilidade à ambiência do local, com seus lugares, cheiros, cores, sons e, principalmente, vozes e gestos.

Minhas primeiras pegadas trouxeram as motivações para o delineamento da metodologia, partindo de duas fortes indicações: a grande vontade de lançar-me numa incursão etnográfica e o desejo de aproximar-me do universo visitado por uma perspectiva simbólica. Para tanto, iniciei uma busca por autores que dialogassem entre si, guiados por semelhantes motivações – para encontrá-los, busquei em campos diversos como o da antropologia, da história oral, da educação e da arquitetura. Também se fez necessária uma revisão preliminar de estudos em planejamento urbano, para que se evidenciasse um pouco da constituição do bairro do ponto de vista não dos que vivem o bairro no seu dia a dia, mas daqueles que o planejam na maior parte das vezes de forma distante das demandas subjetivas de seus moradores.

Berque (1999) é um dos autores que utiliza o termo *trajetividade* nos seus estudos sobre a paisagem. O contato com este autor nos enseja a compreender o meio tanto no seu caráter geofísico quanto no seu aspecto humano, sendo criada a vivência do meio numa relação de ambiguidade, portanto, trajetiva. Este autor diverge do pensamento predominante na modernidade, em que a lógica aristotélica do terceiro excluído e as coordenadas cartesianas sustentam práticas espaciais adotadas pela sociedade urbana ocidental. Esta visão progressista que preconiza o controle da natureza pelo homem é identificada como Paradigma Ocidental Moderno Clássico (POMC). Uma série de práticas sociais, representações artísticas e construções expressam o POMC e integram um esquema de percepção e ação sobre o meio transmitido pela cultura de uma sociedade.

Não pretendo fazer uma revisão acerca do surgimento da noção de paisagem ou cotejar autores nas suas diferentes visões do assunto, mas sim situar algumas ideias trazidas por Berque em diálogo com a perspectiva adotada no presente trabalho. Para este autor, é preciso compreender o sentido que uma sociedade dá à sua relação com o espaço – a paisagem é a expressão concreta dessa relação. Esse processo fornece o terreno no qual, atualmente, se desenvolve a dimensão ética de nossa relação com o meio ambiente:

A paisagem é um fenômeno onde uma história singular se aplica ao espaço. Nesse espaço, o tempo passado se manifesta espacialmente no presente, desde o passado geológico e mais longínquo (como por exemplo as rochas pré-cambrianas que cobrem o leito de um rio) aos eventos mais atuais (como por exemplo a chuva que cai no momento). Esse espaço-temporalidade da paisagem é trajetiva - nela se casam a história inscrita no ambiente, de um lado, e de outro, a memória inscrita em nós mesmos. (BERQUE, 2009 p. 108)

Quando nos aproximamos de um bairro, ao levarmos em consideração os fatores humanos assim como as influências da configuração física do espaço, torna-se evidente o aspecto relacional que se faz presente na caracterização do lugar. Da leitura dessa relação surge um significado, certo sentido atribuído coletivamente ao lugar de vida que é comum à maioria dos habitantes em meio à diversidade de referências culturais trazidas por cada um. A noção de trajetividade reaparece com Michel Maffesoli (1988, 1996), já que para ele o espaço seria uma cristalização das relações que ele comporta. Nesse momento, voltamos nossa atenção à socialidade<sup>1</sup> como experiência vivenciada no espaço, onde se dá o processo de compreensão da alteridade - o espaço aparece como dimensão sensível da existência social. Maffesoli comenta sobre o processo que nomeia como gênese recíproca (numa referência a concepção piagetiana) como sendo “...modo pelo qual a vida social constitui-se em vaivém contínuo entre paixão operante e o meio circundante. Oscilação que não ocorre, aliás, em sentido único” (MAFFESOLI, 1988 p.161)

Orientados pelos limites do território físico-cultural de José Bonifácio, podemos observar como se dá, nesse caso, a formação do significado atribuído ao bairro, levando em conta elementos da cultura como fatores de influência decisiva, pois cada morador utiliza seu referencial cultural quando realiza associações entre componentes sociais e componentes sensíveis-concretos e as expressa no ambiente em que vive: “... o meio, enquanto misto, seria a condição de possibilidade da existência humana, a partir da existência social e da existência natural” (MAFFESOLI, 1996, p.259).

Na cidade em que vivemos, coabitam lado a lado diferentes culturas. Múltiplas influências se fazem presentes – desde reminiscências das culturas tradicionais do interior do Brasil até as marcas da cultura de massa disseminadas à exaustão – formando um complexo quadro policultural. Como cultura, compreendo:

---

<sup>1</sup> A noção de socialidade é desenvolvida em toda obra de Michel Maffesoli como a dinâmica da vida em sociedade que envolve uma multiplicidade de formas de organização surgidas conforme a ambiência simbólica da cultura e da época em que estão inseridas. É inerente à socialidade uma organicidade que extrapola a rigidez de regras próprias à institucionalização.

(...) um corpo complexo de normas, símbolos, mitos e imagens que penetram o indivíduo em sua intimidade, estruturam os instintos, orientam as emoções. Esta penetração se efetua segundo trocas mentais de projeção e de identificação polarizadas nos símbolos, mitos e imagens da cultura (como nas personalidades míticas ou reais que encarnam os valores ancestrais, os heróis, os deuses). Uma cultura fornece pontos de apoio imaginários à vida prática, pontos de apoio práticos à vida imaginária; ela alimenta o ser semi-real, semi-imaginário, que cada um secreta no interior de si (sua alma), o ser semi-real e semi-imaginário que cada um secreta no exterior de si e no qual se envolve (sua personalidade) (MORIN, 2006 pp.10-11)

Os lugares estão carregados de valores, já que cada cultura transmite seu esquema próprio de percepção e ação sobre o meio, influenciando cada indivíduo nos seus modos de habitar o lugar. Essa premissa nos leva a considerar a existência de uma ética que incorpora conceitos sócio-culturais-econômicos e que serve como guia para as escolhas diárias feitas pelo morador no seu espaço cotidiano. A dimensão simbólica fundamentaria a maneira como se dá a relação entre o indivíduo com seu meio, pois como diz TEIXEIRA (2001, p.63):

A cultura é um sistema dinâmico, mediado pelo simbólico, no qual dois polos se tensionam e se equilibram: de um lado, o polo do saber constituído, ou seja, tudo que é instituído (códigos, normas, sistemas de ação) e de outro, o da experiência vivida, isto é, o instituinte, a vida cotidiana que ainda não se integrou aos padrões sociais e institucionais. Esses dois polos se relacionam de forma recursiva, de modo que a cultura é produzida no trajeto que se estabelece, dinamicamente, entre eles. É na trajetividade entre os polos que ocorre a contínua reapropriação cultural dos padrões de comportamento segundo os interesses dos grupos na vida cotidiana. Tal relação impede tanto a reprodução absoluta de padrões de comportamento como a criatividade grupal e/ou individual absoluta. A monopolização de um deles provocaria a despolarização do outro, impedindo a reinterpretação cultural. Nesses termos, a cultura é entendida como o universo de mediações simbólicas.

Reconhecendo que temos percorrido pontos de convergência entre os autores citados anteriormente, é importante frisar que as práticas socioculturais adotadas pelas sociedades possuem um substrato simbólico que se modifica ao longo do tempo. Cada época tem seus valores predominantes que vão progressivamente trocando de posição no alcance de sua influência: valores de pouca influência passam a ter grande impacto e vice-versa.

Gilbert Durand contribui em grande parte para compreendermos a trajetividade entre o homem e a cronologia das culturas quando discute, ao longo de toda sua obra, a ligação intrínseca entre os processos simbólicos e os modos de percepção e ação do homem sobre o mundo. A visão desse autor se faz definitivamente presente neste trabalho e iniciaremos nossa

descoberta do universo durandiano apresentando algumas das ideias que integram sua Teoria Geral do Imaginário e que dão continuidade à nossa reflexão no campo da trajetividade, adentrando a esfera do simbólico.

*Trajeto antropológico* seria um processo resultante da interação entre subjetividade e objetividade, no qual componentes nucleares da cultura (como a tradição, a educação e a linguagem) seriam processados na forma de imagens que orientam a troca constante e recíproca entre o indivíduo e o meio:

(...) precisamos nos colocar deliberadamente no que chamaremos de trajeto antropológico, ou seja, a incessante troca que existe ao nível imaginário entre as pulsões subjetivas e assimiladoras e as intimações objetivas que emanam do meio cósmico e social. Esta posição afastará da nossa pesquisa os problemas de anterioridade ontológica, já que postularemos, de uma vez por todas, que há gênese recíproca que oscila do gesto pulsional ao meio material e social e vice-versa. (DURAND, 1997 p.41)

O mundo em que vivemos, constituído por referências compartilhadas, é um mundo preenchido por gestos sociais, rituais em comum através dos quais as pessoas estabelecem uma ligação mútua. Segundo a visão desse autor, uma complexa rede de imagens realiza a mediação dos seres humanos entre si e destes com o mundo objetivo, organizadas num sistema dinâmico nomeado como *Imaginário*. Como um grande reservatório, o imaginário compreende imagens que, além de serem potências cognitivas, são forças de coesão social. O componente imaginário se apresenta nas estruturações individuais e coletivas como instituinte da realidade em todas as suas dimensões e orienta todas as práticas de uma cultura. A socialidade seria subsidiada por regimes de imagens que variam em sua influência através dos tempos, constelando sentido e hábitos predominantes em cada época observada. As sociedades se “banhariam” em conjuntos de imagens que, em relação de reciprocidade com o meio, serviriam como matriz para as práticas sociais – a metáfora relacionada à água vem da imagem contida na noção de *bacia semântica*.

Na bacia semântica os gestos sociais são compreendidos como manifestações inspiradas em certa matriz imaginária (ou, em outros termos, em certa combinação de imagens dinamicamente relacionadas). O componente imaginário, na sua trajetória de influência, seguiria o desenho que se assemelha ao curso de um rio – nascendo (quando certa matriz imaginária começa a “irrigar” com suas influências as práticas sociais de forma cada vez mais evidente), avolumando-se (como num rio plenamente volumoso, a matriz imaginária se tornaria evidente no ápice de sua influência) e desaguardo (a matriz imaginária deixa de se

destacar, misturando-se no mar primordial de imagens para que outra matriz se destaque a seguir). A paisagem sociocultural abrigaria uma circulação por diferentes matrizes imaginárias, variantes ao longo das épocas, sendo esses conjuntos de imagens ora orientadoras das dinâmicas sociais instituídas (conscientemente reconhecidas ou patentes), ora subterrâneas e não hegemônicas socialmente (latentes), numa dinâmica de alternância que acompanha a trajetória das sociedades. O componente imaginário exerceria sua influência na forma de sistemas e práticas simbólicas como os mitos, as ritualizações, a linguagem, a arte, as formas de organização, carregando em si metáforas significantes que servem de orientação para as práticas de uma cultura.

(...) no fundo, uma sociedade vive sobre dois mitos: um mito ascendente e que se esgota e, ao contrário, uma corrente mitológica que vai beber as profundezas do isso, do inconsciente social. Mas, na realidade, os mitos não se apagam na memória social, e poderíeis sobrepor os dois esquemas, o que daria aproximadamente meu perfil epistemológico. (DURAND 1983 p. 21)

Diante de tais colocações uma questão central se evidencia: quais seriam as imagens de maior influência no quadro cultural dos moradores de José Bonifácio entrevistados aqui e como essas referências simbólicas se expressam concretamente? Essa pergunta é nossa força motriz que gera muitos dos caminhos realizados nesta pesquisa e que, em grande parte, encontra apoio nos estudos do Imaginário.

Uma explicação se faz importante: seguindo no sentido apontado por Durand, o simbolismo que investigamos vem da forma como se dá o agrupamento de representações (figuras e palavras são exemplos de representações que um grupo expressa e que carregam em si imagens significativas), este fundado sobre um contexto. As imagens não teriam uma simbologia determinada a priori, mas, ao invés, se caracterizariam simbolicamente conforme sua contextualização – neste caso o contexto vivido pelo grupo de moradores de José Bonifácio que participou do estudo. As histórias de vida, as influências culturais predominantes, a espacialidade, a fisicalidade entre outros fatores circunstanciam as tendências do imaginário do grupo de pessoas aqui abordadas. Para tornar evidente a fisiologia imaginária desses indivíduos, recorro às chamadas estruturas antropológicas do imaginário - modelos dinâmicos que permitem a compreensão do simbolismo das imagens numa relação de concomitância entre o comportamento perceptivo-motor do ser humano e as representações simbólicas subsidiadas pela cultura.

Lidar com a angústia da morte – esta é a motivação que gera a estruturação do Imaginário, segundo essa concepção. A imaginação humana representa simbolicamente a

angústia diante da finitude e da iminência da morte criando imagens terrificantes e, ao mesmo tempo, estratégias para triunfar sobre elas. Os agrupamentos destas imagens revelam um modo de estruturação do imaginário ligado intimamente aos mecanismos fisiológicos humanos: há uma relação de concomitância entre os gestos corporais gerados no sistema perceptivo-motor do ser humano e as representações simbólicas subsidiadas pela cultura. Com base em estudos de etologia, esse modelo teórico-metodológico comporta a diversidade das imagens representativas em três grupamentos semânticos sendo cada grupo diretamente relacionado a estratégias de sobrevivência que surgem reflexamente no desenvolvimento sensório-motor do ser humano. Essas três dominantes reflexas se fazem presentes por toda vida, de forma modificada e em diferentes intensidades, sendo: erguimento (ou reflexo de tônus postural), digestão e copulação (ou ritmicidade). Esses mecanismos fisiológicos encontrariam paralelo no modo de assimilação das experiências que cada indivíduo apresenta, sendo estes modos de agir e perceber ligados a gestos e imagens representativas:

(...) diremos que cada gesto implica, ao mesmo tempo, uma matéria e uma técnica, suscita um material imaginário e, senão um instrumento, pelo menos um utensílio. É assim que o primeiro gesto, a dominante postural, exige matérias luminosas, visuais e as técnicas de separação, de purificação, de que as armas, as flechas, os gládios são símbolos frequentes. O segundo gesto, ligado à descida digestiva, implica as matérias da profundidade; a água ou a terra cavernosa suscita os utensílios continentes, as taças e os cofres, e faz tender para os devaneios técnicos da bebida ou do alimento. Enfim, os gestos rítmicos, de que a sexualidade é o modelo natural acabado, projetam-se nos ritmos sazonais e no seu cortejo astral, anexando todos os substitutos técnicos do ciclo: a roda e a roda de fiar, a vasilha onde se bate a manteiga e o isqueiro, e, por fim, sobre determinam a toda fricção tecnológica pela rítmica sexual. (DURAND, 1997, pp. 54-55)

Como junção entre os gestos inconscientes da sensório-motricidade, as dominantes reflexas e as representações, o autor apresenta o conceito de esquemas que seriam

(...) trajetos encarnados em representações concretas precisas. Assim, ao gesto postural correspondem dois esquemas: o da verticalização ascendente e o da divisão, quer visual quer manual, ao gesto do engolimento corresponde o esquema da descida e o acocoramento na intimidade. (DURAND, 1997, p. 60)

A estruturação do imaginário durandiano prossegue na divisão das três dominantes reflexas (postural, digestiva, copulativa) em dois regimes de imagens: diurno e noturno. Essa bipartição da tríade inicial é explicada por uma referência à psicanálise, associando ao mesmo

regime as pulsões digestivas e sexuais. Portanto, a divisão em regimes de imagens se daria da seguinte forma:

O Regime Diurno de imagens tem a ver com a dominante postural, a tecnologia das armas, a sociologia do soberano mago e guerreiro, os rituais da elevação e da purificação. O Regime Noturno subdivide-se nas dominantes digestiva e cíclica, a primeira subsumindo as técnicas do continente e do habitat, os valores alimentares e digestivos, a sociologia matriarcal e alimentadora; a segunda agrupando as técnicas do ciclo, do calendário agrícola e da indústria têxtil, os símbolos naturais ou artificiais do retorno, os mitos e os dramas astrobiológicos (DURAND, 1997 p. 58)

De forma resumida, a estruturação se dá da seguinte forma: o regime diurno de imagens abrange a estrutura heroica relacionada à dominante postural (conjunto de reflexos arcaicos que servem como base para o desenvolvimento a motricidade da postura ereta) e às imagens de enfrentamento; o regime noturno inclui a estrutura mística – relacionada à dominante digestiva (conjunto de reflexos arcaicos que se relacionam às funções de alimentação como, por exemplo, a deglutição) e às imagens de acolhimento - e a sintética – que concilia as duas estruturas anteriores de forma sincrônica ou diacrônica. Por essas estruturas transitam projeções conscientes e inconscientes, gestos culturais, comportamentos individuais. No entanto, ao adotar as estruturas antropológicas do imaginário como guia de leitura do material, procuro evitar um reducionismo diante do pensamento deste autor, já que não é possível aferir uma relação simples e direta entre imagem representada e indivíduo que a expressou:

O regime de imagens não é estreitamente determinado pela orientação tipológica do caráter, mas parece influenciado por fatores ocorrenciais, históricos e sociais, que do exterior apelam para um ou outro encadeamento dos arquétipos, que suscitam esta ou aquela constelação. Por outro lado, o comportamento característico da personalidade não coincide forçosamente com o conteúdo das representações. (DURAND, 1997, pg. 381)

A breve síntese das ideias de Durand surge aqui como maneira de apresentar, de maneira condensada, conceitos utilizados no desenho da metodologia. Porém, cabe uma ressalva: a obra deste autor é de vasto conteúdo e somente pretendo tomar contato com algumas de suas noções que me são facilitadoras na aproximação do ambiente simbólico escolhido, servindo de orientação tanto na aplicação da metodologia de campo como na análise dos materiais.

Em trajeto e sob a perspectiva simbólica, pretendo, a partir de agora, apresentar algumas escolhas metodológicas e suas razões de ser.

A primeira escolha foi ouvir diretamente estes moradores e, para isso, decidi partir para o trabalho de campo, de cunho etnográfico, criando coordenadas para um projeto de história oral temática que se alinhasse à proposta de investigação no campo do Imaginário. Como principal referência nesse aspecto, optei por seguir as diretrizes do Núcleo de Estudos em História Oral da Universidade de São Paulo (NEHO) com algumas adaptações que descrevo a seguir. Segundo MEIHY (2005, p.17)

História oral é uma prática de apreensão de narrativas feitas através do uso de meios eletrônicos e destinada a recolher testemunhos, promover análises de processos sociais do presente e facilitar o conhecimento do meio imediato.

A criação de um projeto de história oral encontra justificativa diante de três situações: “1. Quando não existem documentos; 2. Quando existem versões diferentes da história oficial; 3. Quando se elabora uma outra história” (MEIHY 2005 p. 28). No presente caso, observamos que há pouca quantidade de objetos materiais referentes à memória da periferia de São Paulo tais como documentação ou registro da trajetória desses bairros - a urbanização se deu de maneira rápida e agressiva, destruindo mesmo as solidificações da memória no espaço físico desses bairros. Dessa forma, a segregação social e espacial se reproduziria diretamente nos critérios de enquadramento da memória reconhecida como “oficial”: observamos um maior esforço em manter registros oficiais relacionados aos acontecimentos ocorridos no centro da cidade em comparação aos acontecimentos ocorridos nas margens dessa mesma cidade.

História oral temática foi a modalidade escolhida. Essa orientação permitiu que as entrevistas fossem semi-estruturadas, transcorrendo ao redor do tema com abertura para exposição de situações ligadas a esse eixo, conforme julgamento de cada colaborador – termo utilizado para descrever aqueles que ofereceram seus relatos. Todos os entrevistados pertencem à mesma colônia – são moradores do bairro de José Bonifácio – formando duas redes paralelas: uma de moradores dos prédios da COHAB e outra de moradores dos prédios do Cingapura. A escolha por duas redes paralelas se dá por apresentarem quadros socioculturais distintos, semelhantes configurações dos espaços de moradia e diferentes comportamentos de ocupação dos espaços de moradia ao mesmo tempo em que coabitam no mesmo bairro, possuindo grande proximidade física.

As etapas de transcrição, textualização e transcrição – esta última preconizada pelo NEHO – foram realizadas salvo algumas adaptações conforme as características desta pesquisa. MEIHY (2005) comenta que as repetições próprias da oralidade dificultariam a leitura do texto escrito e deveriam ser corrigidas na transcrição, numa espécie de processo de edição do relato. Essa recomendação não pode ser totalmente seguida já que a busca aqui é por metáforas significantes que apareçam de forma recorrente, como sinais indicativos das matrizes simbólicas que tenham maior influência sobre o grupo. Portanto, a repetição de alguns termos foi mantida numa espécie de adaptação do método - algumas recorrências, como pistas simbólicas, foram mantidas na transcrição das entrevistas.

A natureza dos relatos, que versam sobre detalhes da convivência diária no bairro, já sugere por si uma abordagem analítica que possua certa maleabilidade. O campo de conhecimentos construído no dia-a-dia está repleto de comportamentos, práticas e concepções que constituem uma cultura cotidiana diversificada e ampla, transmitida em grande parte no contexto da proximidade, dos vínculos afetivos. Num exercício de aproximação, podemos conceber a história de vida de uma coletividade como uma obra de arte social ao considerarmos as formas adotadas na vida cotidiana como expressões concretas da subjetividade - uma determinada sensibilidade coletiva se imprime nas formas cotidianas. Durante a articulação diária entre moradores vizinhos e seu espaço de moradia, acontece uma série de processos de aprendizagem infiltrados nos gestos mais comuns.

A Sociologia do Cotidiano de Michel Maffesoli – para prosseguirmos na identificação com as ideias trazidas por este autor – serviu como uma espécie de filtro de escuta, orientando meu trânsito pelo ambiente pesquisado assim como a posterior interpretação dos relatos e vivências. Com Maffesoli, voltamos nosso olhar para o banal e o cotidiano, numa valorização da especificidade do vivido social. Torna-se possível uma abordagem compreensiva que envolve uma sensibilidade relativista e um pluralismo metodológico na busca por assim aproximar-se das visões dos diferentes atores sociais num *“movimento que oscila entre o “cheirador social” atento ao instituinte, ao subterrâneo, e o “taxionômico” que classifica as formas ou as situações instituídas e oficiais”*. (MAFFESOLI, 1995, p. 112)

Para este autor:

A tessitura do mundo é complexa e o texto – que a formula em palavras – não deve ser irrepreensível, perfeito; é que tal texto não faz mais do que atualizar, trazendo para o tempo presente, mitos que, bem ou mal, substanciam a vida em sociedade. (...) Talvez tenha chegado o tempo de

voltarmos nossa atenção para estes fenômenos minúsculos, incoerentes, pontuais e passavelmente insensatos que constituem o essencial da estruturação individual e social. (MAFFESOLI, 1988, p. 87)

Maffesoli comenta sobre a existência de grupos formados afetivamente, na cotidianidade, valorizando a temática da comunidade afetiva em oposição à sociedade racional - tendência predominante até então que se encontra atualmente em grave crise. Ao desenvolver o conceito de solidariedade orgânica, este autor reflete sobre valores “arcaicos” como o senso de pertencimento a um lugar e a um grupo, na busca por compreender como essas “aglutinações” têm resistido às racionalizações do mundo.

Contribuindo para compreensão desse fenômeno, MAFFESOLI (1998) nos chama atenção para o que nomeia *proxemia* - ou o “estar-junto” - como o componente que assegura a perenidade de um conjunto social. Os agrupamentos contemporâneos se definiriam a partir de um território e de uma partilha afetual, caracterizando uma intensa atividade comunicacional:

O homem em relação. Não apenas a relação interindividual, mas também a que me liga a um território, a uma cidade, a um ambiente natural que partilho com outros. Estas são as pequenas histórias do dia-a-dia: tempo que se cristaliza em espaço. A partir daí, a história do lugar se torna história pessoal. Por sedimentação, tudo o que é insignificante – rituais, odores, ruídos, imagens, construções arquitetônicas – se transforma no que Nietzsche chamou de “diário figurativo”. Diário que nos ensina o que é preciso dizer, fazer, pensar, amar. Diário que nos ensina “que podemos viver aqui, já que vivemos aqui”. Dessa maneira se forma um “nós” que permite a cada um olhar para “além da efêmera e extravagante vida individual”, sentir-se como espírito da casa, da linhagem, da cidade. (MAFFESOLI 1998, p. 169-170)

Assim, a valorização do conhecimento comum, a empatia e a investigação dos simbolismos que se inscrevem no dia a dia são noções maffesolinianas que nortearam a estruturação das entrevistas e que facilitaram minha aproximação junto dos relatos transcritos.

Outro autor que amplia nossa percepção acerca dos fenômenos cotidianos é Michel de Certeau ao trazer a ideia de reinvenção do cotidiano. Evidenciando como algumas escolhas nas práticas comuns do dia a dia trazem uma subversão das regras instituídas no quadro cotidiano, Certeau (1994a, 1994b) destaca as possibilidades de agir criativamente sobre os espaços – tornando-os lugares praticados, vividos – e de interferir em padrões instituídos de relação - o transeunte em relação com a rua, o motorista do ônibus em relação ao passageiro,

um vizinho em relação ao outro. Certeau aponta situações nas quais se instauram dinâmicas de uso do espaço social que diferem do que é proposto oficialmente. Esse processo se dá graças a aplicação de “táticas de resistência” ou “astúcias sutis” que contornam a imposição de regras de uso do espaço. O indivíduo se utiliza de elementos da estrutura imposta e os manipula conforme sua necessidade:

A presença e a circulação de uma representação (ensinada como código da promoção socioeconômica por pregadores, por educadores ou por vulgarizadores) não indicam de modo algum o que ela é para seus usuários. É ainda necessário analisar a sua manipulação pelos praticantes que não a fabricam. Só então é que se pode apreciar a diferença ou a semelhança entre a produção da imagem e a produção secundária que se esconde nos processos de sua utilização. (CERTEAU 1994, p. 40)

Vários são os exemplos de bricolagem poética, em que os moradores entrevistados utilizam criativas estratégias para lidar com restrições – no espaço físico e das relações – frequentes na vida diária dos moradores das margens de São Paulo. Essa reinvenção, que muitas vezes não surge de modo explícito, é uma forma de resistência à opressão da racionalidade técnica urbana, descrita pelo autor como ocorrendo “por dentro”, como quando comenta sobre a atitude da população indígena diante da colonização espanhola:

(...) mesmo subjugados, ou até consentindo, muitas vezes esses indígenas usavam as leis, as práticas ou as representações que lhes eram impostas pela força ou pela sedução, para outros fins que não os dos conquistadores. Faziam com elas outras coisas: subvertiam-nas a partir de dentro – não as rejeitando ou transformando-as (isto acontecia também), mas por cem maneiras de empregá-las a serviço de regras, costumes ou convicções estranhas à colonização da qual não podiam fugir. Eles metaforizavam a ordem dominante: faziam-na funcionar em outro registro. Permaneciam outros, no interior do sistema que assimilavam e que os assimilava exteriormente. Modificavam-no sem deixá-lo. (CERTEAU 1994, pp.94-95)

Para este autor, os códigos de comportamento, as representações, as formas de apropriação dos espaços do bairro formam um capital simbólico compartilhado que pode gerar certo conforto, dada a previsibilidade dos acordos tácitos em comum, assim como certo poder de coerção, para garantir a observância do código de conduta social próprio a cada contexto.

Temos duas faces de um mesmo bairro que se comunicam entre si: o bairro como sistema simbólico que sofre pressão dos códigos da cidade que segrega, reagindo sob formas insuspeitas e inventivas; o mesmo bairro com seu imaginário próprio, que o caracteriza na

sua fisiologia ordinária e muito particular, abrangendo tanto relações de tensão como de cumplicidade entre pares que se encontram diariamente nos espaços em comum. Escolho me referir ao pensamento de Michel de Certeau por compreender que este autor torna evidente o caráter ativo das comunidades estigmatizadas, sem vitimizá-las.

Além das imagens presentes nos relatos (textos orais que foram transformados em escritos), a investigação passou por representações visuais por meio de dois formatos: fotografias e colagens. As fotografias foram tiradas em passeios fotográficos que foram roteirizados pelos moradores passando por pontos do bairro tidos como mais significativos; e as colagens foram criadas sob o estímulo de perguntas como “Quais são as coisas que caracterizam o bairro pra você?”, “Se você fosse falar do bairro para alguém, o que escolheria mostrar?”, “O que o bairro significa para você?”.

FREITAS (2007) discute sobre a hermenêutica de imagens visuais, levantando questões sobre a elaboração de um texto escrito acerca de uma forma que não é estruturada sobre a sintaxe verbal. Para tanto, o autor adota um recorte nequentrópico – procedimento construído para providenciar algum grau de organização entre os símbolos presentes na imagem, dependendo do seu nível de dispersão. Na sua análise da iconografia ouropretana, Freitas se apoia na análise semântico-simbólica, descrevendo seu processo de decifração das imagens por meio da convergência simbólica – esta em consonância com a compreensão de símbolo trazida por Gilbert Durand. De sua metodologia, aproprio-me de algumas diretrizes sem, contudo, aplica-la de forma integral já que opto por privilegiar, durante o exercício interpretativo, o relacionamento entre os textos visuais, os relatos e os mapas simbólicos – estes últimos descritos posteriormente nesse capítulo. Assim, de forma semelhante à transcrição dos relatos – nos quais enfatizo o tom vital como sendo a fala que matiza cada entrevista como um todo, ao ser analisada – escolho uma imagem em cada colagem como o símbolo principal, que dá o tom à figura. A este símbolo dominante remeto a interpretação dos outros símbolos presentes. Também empresto deste autor a vontade de me aproximar intuitivamente das imagens produzidas, criando redes de matrizes simbólicas que comunicam um sentido.

Há que se considerar que a intencionalidade e, ao mesmo tempo, a intuição daquele que produz a imagem fotográfica encontram melhor tradução neste formato conforme aumenta a intimidade com essa ferramenta expressiva – observações relevantes diante da declaração de todos os participantes da pesquisa como tendo pouca vivência em fotografia. Lembro, porém, que o exercício fotográfico surge neste trabalho com intuito de investigar o

cotidiano dos moradores, de evidenciar as referências (simbólicas, culturais) compartilhadas e não como proposta de aprimoramento técnico na linguagem.

BARROS (2013) afirma que a linguagem fotográfica seria uma ferramenta expressiva cuja produção de imagens teria baixa carga simbólica. Mais próxima à estereotipia, a fotografia aparece como parte do fenômeno de superexposição a imagens que vivemos na contemporaneidade, devido ao intenso fluxo de imagens nas mais modernas tecnologias de comunicação. No processo de banalização da imagem, opera-se a redução do símbolo a simulacro, parte do dinamismo simbólico original se perde já que as tensões contraditórias inerentes são reduzidas.

(...) a fotografia será muito mais frequentemente reprodutora de um conceito do que produtora de imagens. Ela é alegórica, funciona aludindo a significados pré-existentes e nesse sentido seria incapaz de criar futuro. Em uma escala de pregnância simbólica, em que o arquétipo ocupa um subsolo antropológico, apresentando imagens em seu grau máximo de fertilidade e de possibilidades criadoras, a fotografia se alça no extremo oposto, após o símbolo e o mito, estabilizando-se sobre o já dito, o já pensado, o já criado. Seu modo de imaginar imagens atua a partir do clichê, e não só sob o aspecto técnico: mesmo as mil palavras que ela substitui lhe estão de certa forma pré-inscritas (...) (BARROS 2012 p.103)

A mesma autora também comenta sobre o ato fotográfico como relacionado ao imaginário heroico – contudo, há grande diversidade expressiva permitindo a manifestação das outras estruturas do imaginário:

(...) o imperativo técnico da fotografia é embasado na disjunção (uma cena recortada de um contexto), no julgamento (de estar boa a foto ou de estar ruim e ir para o lixo), na abstração racional (os inúmeros cálculos necessários para se obter a exposição correta), e mesmo por causa da imagem banal a que nos remete qualquer fotografia: a de uma janela para o passado, um lançamento de luz sobre algo antes obscuro, o esclarecimento de um fato. No entanto, se pensamos na função equilibrante do imaginário, ocorre o contrário: para compensar os excessos diurnos são geradas imagens noturnas. Examinando a abundância iconográfica em geral e da fotografia em especial, surge com facilidade o caos – imagem noturna que vem resolver a polarização diurna. (BARROS, 2009, p.189)

No presente trabalho, as fotografias foram criadas durante caminhadas no bairro guiadas pelos participantes e, ao final, cada um foi convidado a intitular suas fotos preferidas, após a revisão realizada no visor da câmera digital.

A colagem apareceu como forma de manipulação de fotografias já impressas e ilustrações, e suscitou uma elaboração partindo do tema proposto. Cada morador folheou

cerca de cinquenta revistas diversas, escolheu e recortou as imagens que julgou serem apropriadas para significar o bairro, organizando-as no papel livremente. A natureza das figuras escolhidas, o tamanho que cada imagem ocupa na composição e sua disposição foram aspectos observados.

Outra heurística escolhida foi o ATu-9 – Teste Arquetípico Urbano de Nove Elementos, que é uma proposta metodológica trazida por Danielle Rocha Pitta, como um desdobramento do AT-9 (Teste arquetípico dos nove elementos) - teste criado por Yves Durand como formulação experimental da Teoria do Imaginário de Gilbert Durand. No ATu-9, os nove estímulos – sugestões de imagens arquetipais – são materializados sobre um mapa do lugar pesquisado e têm sua descrição facilitada por meio de perguntas sugeridas pelo pesquisador. Em diálogo com o plano arquitetônico, essa ferramenta permite que moradores visualizem a área do bairro em um mapa (A3, em preto em branco) para atribuírem imagens a locais cotidianos. Segundo PITTA (2001, p.06),

(...)o método permite perceber significados de vivência do grupo que vão além da percepção consciente do próprio grupo, além do discurso oficial, habitual. É possível determinar onde se concentram os símbolos no mapa, ou seja, quais são os pontos significativos no nível das vivências conforme a indicação sugerida por cada um dos nove estímulos.

Descreveremos brevemente as etapas de aplicação do ATu-9:

A cada participante é apresentado o mapa com território abordado no bairro, para que inicialmente proceda à localização dos lugares conhecidos.

Num segundo momento, nove palavras-estímulo são apresentadas:

QUEDA, ESPADA, REFÚGIO, MONSTRO, ELEMENTO CÍCLICO, PERSONAGEM, ÁGUA, ANIMAL, FOGO.

A seguir, cada participante é chamado a imaginar, de forma associada a cada palavra-estímulo:

- **uma imagem representativa** (por exemplo, algumas das imagens representativas que surgiram para a palavra-estímulo “queda” foram “demolição”, “queda de bicicleta”, “escada”, “queda de árvore”, “queda d’água”);
- **um significado** (por exemplo, para a imagem “escada” foram dados os significados de “perigo” e “sucesso” por duas pessoas diferentes);
- **um lugar no bairro onde se situa essa figura representativa** (foram citados avenidas, espaços internos da casa, o principal parque da região).

Esse quadro de nove imagens junto de seus respectivos lugares e simbolismos possibilita a percepção de relações entre os modos de apropriação cotidiana do bairro levando em consideração as estruturas do imaginário propostas por Gilbert Durand.

A cada um desses elementos pode ser atribuído um sentido que se articula no contexto geral da vivência do bairro. Segundo PITTA (2007), os elementos podem se considerados:

- **suporte da projeção do indivíduo** que participa da construção do ATu-9 como no caso da representação resultante da palavra-estímulo “personagem”;
- **gerador de angústia**, indicando risco e exigindo estratégias para lidar com sua influência como nos elementos ligados às palavras-estímulo “monstro” ou “queda”;
- **estratégico** para lidar com uma angústia como quando um elemento é mencionado como oposição direta á fonte de angústia – os elementos ligados às palavras-estímulo “espada”, “refúgio” ou “elemento cíclico” costumam desempenhar essa função;
- **indicador que reforça a tendência do indivíduo a escolher uma das estruturas do imaginário** como os elementos ligados às palavras-estímulo “água”, “animal”, “fogo”.

Por meio dessas indicações representativas podemos descobrir, por exemplo, onde os símbolos referentes à angústia (negativos) e os símbolos positivos se concentram , sugerindo o papel de cada lugar na vida do bairro.

Há algumas particularidades que caracterizam a aplicação desse método no contexto da presente pesquisa: a ênfase aqui é nas particularidades do grupo estudado, sem que haja uma preocupação em atestar um perfil simbólico coletivo de ocupação do bairro. Portanto, as recorrências – como, por exemplo, havendo certo local do bairro que acolha somente simbolizações negativas – não podem ser aferidas como sendo um diagnóstico simbólico do bairro com base estatística. Este esclarecimento serve para lembrar que este trabalho não tem vocação para sugerir intervenções em larga escala - a aplicação do método ATu-9, neste caso, vem somar-se aos outros materiais coletados particularizando um desenho do imaginário que orienta algumas das formas de apropriação do bairro.

Numa referência a PAULA CARVALHO (1991), finalizo a descrição do quadro metodológico recordando alguns preceitos utilizados na culturálise de grupos (mapeamento das representações que permeiam as ações, sentimentos e pensamentos de um grupo). No

entanto, não empreenderei uma culturaanálise do grupo nos moldes que preconiza este autor e sua citação surge como reflexão sobre a natureza e a contribuição de cada heurística na totalidade desta pesquisa.

O exame das produções discursivas e imagéticas de um grupo indica um panorama por onde se pode compreender a interação entre múltiplos fatores - sociais, cognitivos, biológicos, simbólicos. Essas criações nasceriam na trajetividade entre o que é *instituído socialmente* (aspectos lógico-cognitivo-representacionais como códigos de conduta, formações discursivas, instituições, de natureza patente) e o que é criado no *espaço afetivo da convivência* (aspectos residuais-afetivo-imagéticos, nomeados por este autor como constituintes de um plasma existencial, de natureza latente). Os modos de compreender e agir sobre o mundo ao redor aconteceriam integrados a um circuito de sentidos e ações motivados por entre dois polos: de um lado uma *cultura patente* que seria o nível racional de funcionamento do grupo, regido por funções conscienciais, pragmático-reflexivas; do outro, uma *cultura latente* que indica o nível afetivo de estruturação do grupo – o que o autor chama de polo fantasmático-imaginal na fundamentação da existência de um coletivo.

A cultura patente de um grupo é o nível racional de funcionamento do grupo ou o polo técnico das interações grupais, regido, portanto, pelos perceptos e pelas funções conscienciais pragmático-reflexivas.(...) A cultura latente de um grupo é o nível afetivo, ou afetual, de estruturação do grupo ou polo fantasmático-imaginal das interações grupais (PAULA CARVALHO, 1991, p. 105)

Os grupos e organizações, como cristalizações da cultura, seriam formas surgidas a partir de elementos dos dois polos (patente e latente), em meio a um circuito dialetizante. O quadro metodológico deve ter uma diversidade de procedimentos que permita uma aproximação ora de um polo, ora de outro – a maneira como se dá o trânsito entre a racionalidade e a sensibilidade pode caracterizar as tendências do imaginário que se expressam no grupo. Acredito ter escolhido procedimentos que, na sua diversidade, me abrem caminhos para compreender algumas das motivações simbólicas que subsidiam os gestos sociais do grupo estudado.

### **Caracterização do espaço abordado e dos colaboradores da pesquisa**

O território abrangido foi desenhado em um mapa simplificado para que os colaboradores da pesquisa pudessem se localizar conforme sua circulação pelos espaços do bairro. O traçado delimitado inclui alguns marcos do local como o Parque Raul Seixas, as

estações CPTM Dom Bosco e José Bonifácio, a Avenida Jacu-Pêssego e a Praça Brasil. Cada mapa foi impresso em papel A3 e mostrado durante a realização do ATu-9.

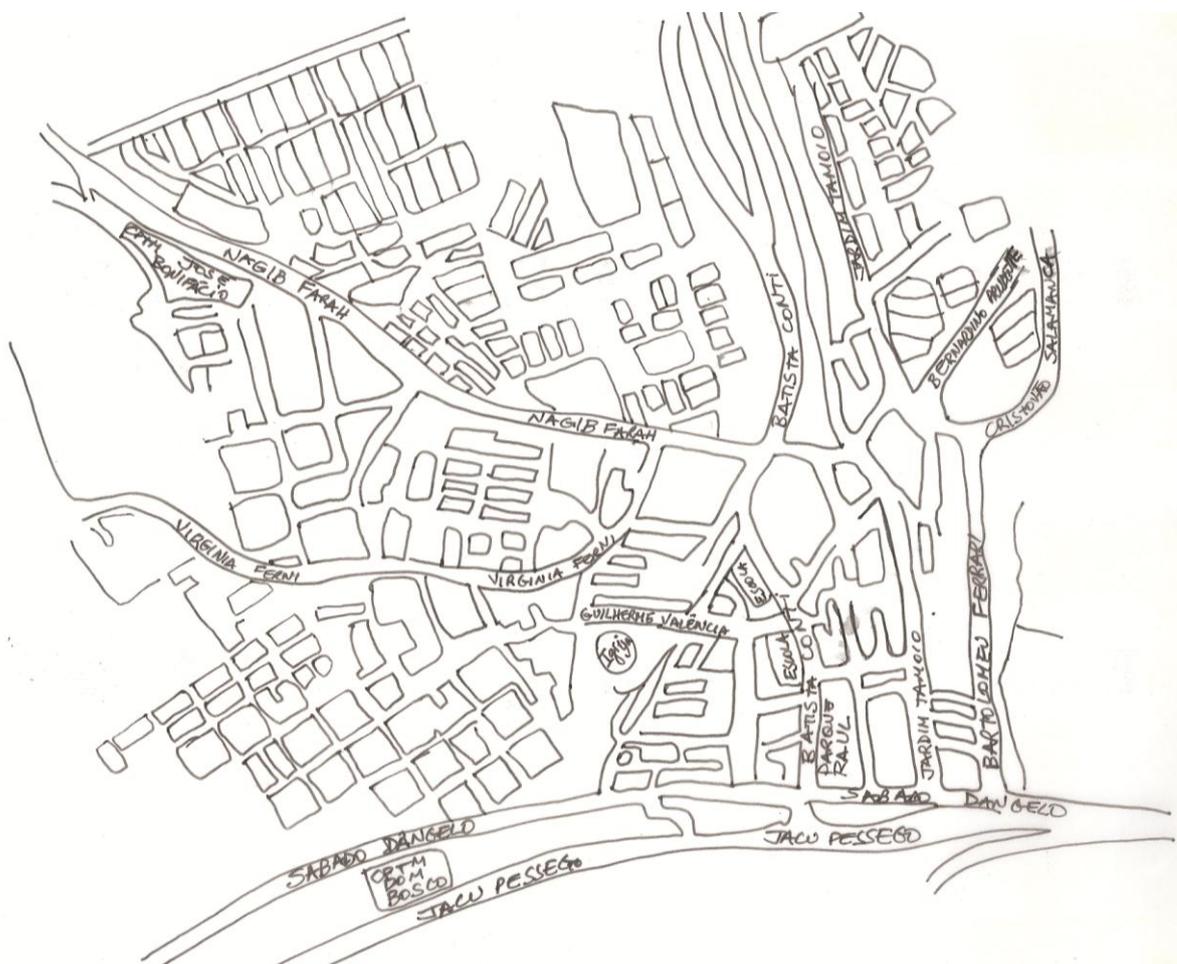


Figura 04 - Mapa do território conforme mostrado aos moradores entrevistados

A seguir, sinalizo os locais de moradia dos entrevistados no mesmo mapa:



Figura 05 – Mapa com sinalização dos locais de moradia dos entrevistados: condomínios da cor azul – Condomínios COHAB; condomínio da cor vermelha – Condomínio CINGAPURA Raul Seixas

Foram entrevistados dez moradores, sendo cinco de condomínios da COHAB (foram visitados três blocos em três diferentes condomínios) e cinco do condomínio Cingapura Raul Seixas (foram visitados dois blocos). A idade dos colaboradores variou entre 15 e 65 anos, predominando os relatos de mulheres entre 30 e 60 anos. O grupo de moradores do Condomínio Cingapura tem menor renda mensal em comparação ao grupo de entrevistados que moram nos apartamentos da COHAB. Já o grau de escolaridade é similar entre os indivíduos das duas redes. Não foi aplicado um questionário formal, sendo as informações relativas à renda e instrução mencionadas durante as entrevistas.

Todos os dez moradores participaram das entrevistas e ATu-9. Cinco participaram do passeio fotográfico, seis criaram colagens. Todos colaboradores foram informados dos objetivos da pesquisa e do andamento da mesma conforme termo de consentimento livre e esclarecido (anexo 05 ).

Descritos alguns dos aspectos formais acerca do espaço abordado e dos participantes da pesquisa, iniciaremos agora nosso caminho pelas histórias vividas no bairro de José Bonifácio. Nessa rota, nossos guias são testemunhas dos acontecimentos passados e autores do tempo presente, tentando achar seus próprios caminhos em meio a fragmentos de uma cidade cindida.

## CAPÍTULO II

### ENTRE ESPAÇO E TEMPO:

#### PERCORRENDO A HISTÓRIA DE UM BAIRRO À MARGEM – JOSÉ BONIFÁCIO

Sou o senhor da limpeza. Minha função é tornar a cidade uma beleza. Um lugar que não exista sujeira, nem ali nem aqui, nem lá nem cá poeira. Comigo tudo ficará puro e limpo, um campo limpo sem Ângela, sem Miriam, sem Missionária em uma grande Olímpia. Juntarei toda a Bela Cintra sem senita num monte azul, um paraíso igual no sul com Mariana, Madalena, Ana e Rosa formando a árvore genealógica de ótica verde e azul. A Liberdade será assistida da ponte estaiada acabando com a sabotagem, queimando o canhão do Brooklin Sul. Joga água lá pra cima! Vem, vem chegando a faxina! Varre, varre! Vou varrer! Tá me olhando assim por quê? Estou trabalhando e você? Vá pra lá! Onde ninguém possa te ver, lá sim poderás viver!

Vou tirar da Augusta a angústia da puta que pariu os filhos do café que agora abriga os da cana que parecem o povo de Gana que vêm no arrasta-pé. Na Paulista vou deixar a Bela Vista com o branco casarão e o negro barracão vai-vai lá pro Capão com o seu Bixigão. Só consolação, os jardins, os pinheiros, os campos belos. E uma nova Luz com missa de Frei Caneca abençoando esse novo castelo. Tenho que deixar essa praça sem mancha, sem jaça. A República vai parecer Colônia. A garoa vai cair como neve sobre cedros, igualzinho na Polônia. As palavras de ordem são: revitalizar, desinfetar, clarear. Uma política que realmente se diga; transparente. Aliada com o meio ambiente em uma separação por cor, reciclando idéias arianas que o socialismo gelou. Pela maneira mais correta e disciplinar da coleta seletiva, também apagarão dos muros grafite e pixação e no lugar, reprodução de obras renascentistas. E frases de Goethe e Nietzsche, educando os leigos pobres e tristes. As fachadas dos comércios terão estética refinada, referência a Bauhaus e uma arquitetura fascinada. Vidraças, cerâmica germânica. Lanches só de Hamburgo. Nas rádios, só se escutarão canções wagnerianas ditando um novo ritmo para o avanço da raça humana. Ruas imaculadas moradores sentirão orgulho de residir e poder dar um passeio ver o asseio de madrugada ao lado de pessoas polidas e bem asseadas. E para completar esse processo de higienopolização só faltará adotar como idioma local o ALEMÃO. (ALCALDE, 2010 p. 19)

Início o capítulo com o texto de Emerson Alcalde, artista e morador do eixo periférico leste, que fala do impulso sanitarista que subjaz algumas das intervenções do poder público no território das periferias de São Paulo nos dias de hoje. A presença de algumas construções urbanas, como o metrô, lembra-nos que a leitura crítica que caracteriza o poema se dá no tempo atual. No entanto, a referência poética no presente possui raízes num passado em grande parte negligenciado pela história oficial da cidade. O que busco neste capítulo é evidenciar um pouco da história e da memória de um bairro – conteúdo parcialmente ignorado do memorial de São Paulo. Se é explícita a desvalorização da biografia das margens, escolho

trilhar os caminhos oficiais e officiosos da memória de José Bonifácio no sentido de valorizar as histórias vividas por essa comunidade.

Às margens da cidade é inevitável o cotejamento entre a ética construída na proximidade do convívio nos bairros de periferia e a ética da megalópole, com seus ideais de desenvolvimento que acabam por cada vez mais confinar os espaços de convivência. O evidente desencontro entre o planejamento urbanístico e as vivências cotidianas nos bairros exige uma revisão cuidadosa das escolhas feitas na implantação dos CHIS em contraponto às escolhas cotidianas realizadas por seus moradores no dia a dia. Neste capítulo, procuro revisitar alguns caminhos traçados pelo bairro, buscando reunir fatos que ajudem a compreender como tem acontecido a construção do pensamento e do comportamento relacionados a esse local ao longo do tempo. Cabe dizer, contudo, que não gostaria de adotar qualquer perspectiva histórico-determinista e sim, ao invés, levar em conta a importância da atitude daqueles que habitam esse lugar, que transformam as condições em que vivem segundo diversas motivações. Portanto, não se trata aqui de menosprezar o aspecto sócio-histórico, mas sim de reposicioná-lo para readequar sua importância no quadro epistemológico em construção. A busca é por empreender uma observação que transite entre os dois planos - objetivo/prático e subjetivo/qualitativo - da situação observada.

Vamos primeiro direcionar nosso olhar no sentido de conhecer algumas particularidades do processo de urbanização de São Paulo (padrão seguido de forma muito semelhante por outras cidades brasileiras) para depois mergulharmos no universo particular de José Bonifácio.

Uma primeira observação é que as principais decisões no que diz respeito à estruturação urbana têm acontecido de forma associada às mudanças entre ciclos econômicos. Com este raciocínio, entretanto, não pretendo indicar uma causalidade definitiva e única, mas antes evidenciar a influência dos aspectos econômicos da mesma forma como posteriormente comentarei sobre os desdobramentos culturais e simbólicos envolvidos no mesmo fenômeno. Prossigo dizendo que o crescimento das cidades foi se evidenciando ao longo da passagem de um regime calcado na produção agrária e escravocrata para outro progressivamente baseado na industrialização. Nos dias de hoje vivemos uma nova transição conforme se afirma um novo paradigma produtivo que envolve um aumento significativo da demanda pelo setor de serviços além da pulverização de micro e médias empresas. Todas essas transformações têm

implicado em altos impactos sociais e na estruturação de determinados marcos no desenho das cidades. (ROLNIK, 2001).

A estruturação dos centros urbanos no Brasil teve seus primeiros movimentos no momento da abolição da escravatura, quando as intensas mudanças na organização da produção agroexportadora levaram a um êxodo rural de grandes proporções. Nesse momento, a estruturação das cidades já tendia a um processo de periferização – fenômeno regido por um padrão de ocupação que divide a cidade em territórios desiguais na sua infraestrutura, revelando uma lógica de segregação, na qual saneamento básico e os investimentos em paisagismo, por exemplo, se restringem a áreas de maior concentração de renda. (MARICATO, 2000). O centro das cidades aparecia como privilegiado nas políticas públicas de urbanização, sendo estas orientadas por um pensamento que partia de diagnósticos de caráter sanitaria, trazendo ideias como o progresso e a circunscrição da doença – ideias estas que foram se plasmando na configuração dos centros urbanos. Enquanto o centro das cidades era “higienizado”, surgiam os primeiros núcleos de ocupação irregular nas franjas periféricas. Como comenta ROLNIK (1999, p. 23) :

Este movimento se expressa pela primeira vez, no Código de Posturas de 1886, quando se demarca pela primeira vez uma zona urbana (correspondente à área central da cidade) onde se proibia a construção de cortiços. O desenho desta zona foi sendo sucessivamente reatualizado, sem, entretanto, romper com a concepção básica de se manter uma zona urbana cada vez mais minuciosamente regulada e uma vasta zona suburbana (e rural) que poderia ser ocupada com usos urbanos vedados para a primeira tais como matadouros, cemitérios, indústrias malcheirosas e... cortiços.

O meio urbano, encarado do ponto de vista técnico e racional, aparecia como algo a ser disciplinado. A longa trajetória de estigmatização da periferia partia, então, de concepções importadas da Europa, onde o fenômeno de intensa urbanização das capitais durante o século XIX era pautado pela centralização dos serviços. Relegados ao segundo plano na distribuição de investimentos públicos, os bairros periféricos apareciam (e ainda aparecem) desqualificados no discurso de muitos dos moradores da cidade como sendo lugares que concentram as mazelas sociais da urbanidade. Muitas dessas premissas permanecem até hoje como nossa referência, principalmente no que diz respeito à periferização nas grandes metrópoles brasileiras, conforme discutiremos posteriormente.

São Paulo, que no final do século XIX teve sua população multiplicada por seis (de 40.000 habitantes em 1886 a cidade passa a ter 260.000 em 1900), acomodava então grande

parte das famílias em cortiços ou moradias de aluguel enquanto apenas 19% dos prédios da cidade eram habitados por seus proprietários. Não havia uma política habitacional que acompanhasse o intenso fluxo imigratório e, como relata BONDUKI (1994), o Estado não intervinha na construção de moradias, sendo o aluguel a forma básica de acesso a moradia e o mercado de locação uma das maiores fontes de rentabilidade durante a República Velha (1889-1930).

Com a intensificação do processo de industrialização, surgem as vilas operárias paulistanas, construídas próximas às fábricas. Essas, na sua maioria, atendiam a uma parcela de trabalhadores fabris – aqueles que eram indispensáveis para o funcionamento das fábricas. Solucionando em parte o problema da insalubridade dos cortiços, as vilas operárias facilitavam o controle das fábricas sobre seus empregados – já que perder o emprego significava perder a casa – além de dispensar a intervenção do poder público na questão habitacional urbana. Do ponto de vista dos moradores, muitas vezes era mencionado certo senso de pertencimento, sendo o empregador encarado como provedor de cuidados – o controle por parte da empresa privada era, desta forma eufemizado sob os símbolos do paternalismo.

O Estado passa a intervir no quadro de soluções de moradia e acesso à terra a partir de 1930, durante o governo Vargas, quando começou a ser proposta uma política habitacional de caráter nacional. As atividades urbano-industriais passavam a exercer o papel de pilares da economia e as massas populares urbanas demandavam uma maior representação política. Em 1946 é instituída a Fundação Casa Popular (FCP), subsidiada pelos recursos dos Institutos de Aposentadoria e Pensões (IAPs), almejando cobrir um amplo espectro de funções como financiamento de moradias, infraestrutura, saneamento, indústria de materiais de construção, formação de técnicos. Contudo, a desarticulação junto de outros órgãos públicos e desavenças políticas contribuíram para o fracasso da FCP, o que não invalida sua existência, como comenta BONDUKI (1994, p. 718):

O fracasso da Fundação da Casa Popular como órgão central e coordenador de uma emergente «política habitacional», no entanto, não obscurece o fato de que sua criação, como o primeiro órgão nacional destinado exclusivamente à provisão de moradias para a população de baixa renda, representou o reconhecimento de que o Estado brasileiro tinha obrigação de enfrentar, através de uma intervenção direta, o grave problema da falta de moradias.

Ainda que o Estado brasileiro tenha assumido o problema da habitação como uma questão social – já que antes as questões habitacionais estavam unicamente submetidas às regras de mercado – não se estabeleceu uma política habitacional integrada, mas uma sobreposição de intervenções desarticuladas e sem continuidade.

Em São Paulo, no início da década de 1940, o prefeito Prestes Maia implantava o Plano de Avenidas, que reestruturava e valorizava ainda mais a zona central – isso gerou um intenso fluxo das populações mais pobres que moravam na zona central para as margens da cidade. Ruas foram alargadas, construções demolidas e um intenso processo de verticalização aconteceram no centro da cidade. Desenvolveram-se a partir daí novas formas habitacionais, criadas pela população que não conseguia alugar ou comprar um imóvel: a favela e a casa própria autoconstruída em loteamentos periféricos. Ampliava-se a área urbanizável em São Paulo sem que a infraestrutura adequada acompanhasse tal movimento. Esse fenômeno se deu diante da ausência de alternativas para adquirir uma casa própria além da acentuada disparidade entre os rendimentos nas camadas populares e o valor padrão do aluguel. A situação exigia soluções urgentes.

Desde a década de 70, as cidades passaram a abrigar a maior parte da população, superando a população rural do país. Hoje aproximadamente 30% da população vive distribuída pelas nove maiores capitais. Um dos maiores impulsos à urbanização se deu em plena ditadura militar: o BNH (Banco Nacional de Habitação), ativo entre 1964 e 1986, passou a impulsionar o mercado imobiliário e reforçou o apartamento como principal modelo de moradia – o que aconteceu sem que, de fato, se promovesse a democratização do acesso à moradia. Partindo dos recursos gerados pela contribuição compulsória dos trabalhadores assalariados ao Fundo de Garantia por Tempo de Serviço (FGTS) e pelo sistema de poupança, o BNH financiou a construção de 4,3 milhões de unidades de moradia – desempenho expressivo que, no entanto, não teve o alcance social demandado, como analisa BONDUKI (2002, p. 73-74)

(...) um dos grandes equívocos foi voltar todos os recursos para a produção da casa própria, construída pelo sistema formal da construção civil, sem ter estruturado qualquer ação significativa para apoiar, do ponto de vista técnico, financeiro, urbano e administrativo, a produção de moradia ou urbanização por processos alternativos, que incorporasse o esforço próprio e capacidade organizativa das comunidades. Em consequência, ocorreu um intenso processo de urbanização informal e selvagem, onde a grande maioria da população, sem qualquer apoio governamental, não teve alternativa senão auto-empresender, em etapas, a casa própria em assentamentos urbanos precários, como loteamentos clandestinos e irregulares, vilas, favelas, alagados etc., em geral distantes das áreas urbanizadas e mal servidos de infra-estrutura e equipamentos sociais.



Figura 06 - Conjunto Habitacional pronto para entrega, implantado pela COHAB-SP na década de 1970, em Cidade Tiradentes, na zona leste de São Paulo – são visíveis os traços do padrão industrial no desenho dos blocos de apartamentos.

E m São Paulo, no final da década de 70, iniciou-se a construção de Complexos Habitacionais direcionados à população de baixa renda nas margens da cidade. Debruçando-nos sobre a trajetória de construção do bairro de José Bonifácio, é perceptível a tentativa de expressão do ideário modernista na configuração dos blocos da COHAB, planejados conforme preceitos que se chocam com as demandas criadas no dia a dia dos moradores e que contrastam com as formas de moradia já presentes no bairro (as chácaras e pequenas casas em lotes de baixo custo). A standartização da habitação popular está em consonância com os preceitos da produção industrial, na qual a moradia é concebida atendendo a uma funcionalidade mínima e a um princípio de eficiência e eficácia: o máximo de produção com o mínimo de gastos.

Esta concepção arquitetônica, de inspiração modernista, propõe, ao mesmo tempo, a redução de custos e a padronização de projetos de construção, na tentativa de compensar a restrição dos espaços privados promovendo a experiência dos espaços em comum. Nos projetos, estão presentes grandes áreas livres sem construção, não havendo separação entre os prédios na implantação dos Conjuntos. Essas áreas livres, no entanto, permaneceram desqualificadas após a chegada dos moradores e para servirem de cenário para convivência, como planejado, foram modificadas pelos moradores de modo improvisado conforme suas necessidades ou mesmo abandonadas. Podemos dizer, então, que os Conjuntos Habitacionais de Moradia Popular na cidade de São Paulo tem sido uma experiência rebaixada da proposta arquitetônica modernista – tanto estética quanto funcionalmente - já que os espaços inicialmente destinados para circulação e convivência entre os moradores dos prédios aparecem frequentemente subutilizados ou, na melhor possibilidade, ocupados por construções como garagens. Cabe questionar se o ideário modernista representaria aos desejos de configuração de moradia do imenso grupo populacional em questão.



Figura 07 – “Lixo – Que feio!” - Descarte irregular em área subutilizada situada entre prédios da COHAB (foto realizada por colaborador da pesquisa durante passeio fotográfico em 2012)

Mostram-se diferentes os modos de interferência realizados pelos moradores nos prédios visitados neste trabalho – os blocos de apartamento participantes desse estudo fazem parte de condomínios implantados por dois programas habitacionais da Secretaria de Habitação do município de São Paulo em épocas distintas. Durante o trabalho de campo, estive em alguns dos incontáveis (e em expansão) blocos da COHAB II – José Bonifácio além de ter conhecido moradores do menor dos conjuntos do programa PROVER-CINGAPURA, o Cingapura Raul Seixas, com quatro blocos.

Nos prédios da COHAB, diversos elementos que não existiam na época da entrega dos apartamentos – como bancos, brinquedos, jardins, cercas, portões, garagens - surgiram custeados por moradores diante da escassez de elementos implantados pela Companhia Metropolitana de Habitação de São Paulo. Muitos moradores antigos do bairro descrevem que, no momento em que chegaram para morar ali, a impressão inicial dos prédios era de “caixinhas de gente”: sem personalidade, sem “cara de casa”. A ocupação cotidiana, em contraste aos projetos originais, permitiu que se dessem as dinâmicas de convivência que a população local julgou necessárias, mesmo que em não-conformidade ao uso do espaço proposto pelo desenho arquitetônico inicial. Um exemplo é a ocupação de grandes áreas vazias por pequenas garagens que se multiplicaram, umas ao lado das outras, ultrapassando as fachadas dos prédios até alcançar as calçadas. Muitas dessas garagens foram a seguir transformadas em pequenos comércios e esse formato predomina no bairro. Esse fenômeno, numa conversa informal, foi descrito por uma antiga moradora da COHAB da seguinte forma: “deixaram de plantar na terra e começaram a plantar garagens...”

Antes de prosseguirmos nos detalhes entranhados na reinvenção deste lugar, lembro que esses e outros usos dos espaços comuns entre os blocos da COHAB foram se estabelecendo por meio da aplicação de táticas de sobrevivência criadas pelos moradores. Esse fenômeno não consta em registros oficiais ou em estatísticas e, a princípio, não é ensinado nos ambientes formais como “história”. No entanto é impossível ignorar essa proliferação de histórias e operações heterogêneas que se dá no improviso, no “jogo de cintura”, como comenta Certeau (1994, p.47) sobre a natureza tática:

[a tática] depende do tempo, vigiando para captar no vôo possibilidades de ganho. O que ela ganha, não o guarda. Tem constantemente que jogar com os acontecimentos para os transformar em ocasiões. Sem cessar, o fraco deve tirar partido de forças que lhe são estranhas. Ele o consegue em momentos oportunos onde combina elementos heterogêneos (assim, no supermercado a dona de casa, diante de dados heterogêneos e móveis, como as provisões no freezer, os gostos, apetites e disposições de ânimo de seus familiares, os produtos mais baratos e suas possíveis combinações com o que ela já tem em casa etc...) mas a sua síntese intelectual tem por forma não um discurso, mas a própria decisão, ato e maneira de aproveitar a ocasião.



Figura 08 – Lanchonete instalada em garagem construída por morador – formato de comércio que predomina em José Bonifácio (foto da pesquisadora)

Arrisco dizer que a somatória desses comportamentos extraordinariamente banais foi provocando, de forma bastante significativa, mudanças em larga escala na configuração do bairro. Proponho-me a comentar mais demoradamente sobre essas construções cotidianas no próximo capítulo. Por enquanto, busco fazer notar que essas criações do dia a dia acabaram constituindo a forma encontrada pelos moradores de definirem ativamente a trajetória do bairro, de escreverem a história do bairro com seus próprios gestos.

A história que posso recontar é aquela narrada por moradores de José Bonifácio, por aqueles que viveram as transformações do bairro cada um de sua forma muito particular. São escassos os registros da história de José Bonifácio – tanto no meio acadêmico, como nos veículos da imprensa. Hoje contando com aproximadamente 125 mil habitantes (IBGE, 2012), o bairro é retratado na mídia mais pelo seu déficit socioeconômico do que pela experiência humana acumulada diante da adversidade enfrentada no dia a dia. Poucos registros falam da realidade cotidiana vivida no bairro, talvez porque poucos moradores tenham a oportunidade ou mesmo a motivação de relatar suas vivências, implicados em empreender longos e demorados trajetos até seus locais de trabalho geralmente localizados em outros bairros, distante dali. Com perspicácia, o morador Agenor Dionísio da Silva, em relato para o documentário “Itaquera em movimento” (2008), conta que chegou para morar no

bairro em 1981 e com o tempo foi se dando conta da situação extraordinária dos conjuntos habitacionais:

*“Eu brinco que os conjuntos habitacionais são diferentes dos bairros: os bairros nascem e crescem, os conjuntos habitacionais já nascem crescidos, grandes... as pessoas não se conhecem, chegam... e a gente nem chamava isso aqui de moradia, de habitação, a gente chamava abrigo.. as pessoas se abrigavam nas suas portinhas, saíam de manhã para trabalhar e voltavam à noite para dormir”*

Com início da ocupação em 1979, a COHAB José Bonifácio recebia seus moradores ainda em meio a vestígios rurais – como rios, nascentes e chácaras – e precária infraestrutura urbana de transportes e serviços. Os números eram díspares: para dezenas de milhares de moradores, três linhas de ônibus e três estações (Itaquera; Parada XV; Guaianases) de uma sobrecarregada linha de trem de longo percurso (Brás – Mogi das Cruzes, que já existia desde 1875 e até o começo do século XX integrava o circuito ferroviário até o porto de Santos) que nem ficavam tão próximas assim do local... A estação de metrô Itaquera só chegaria em 1988 e as estações Dom Bosco e José Bonifácio da CPTM começariam a servir a região em 2000.

A maior parte da memória do bairro permanece guardada por moradores antigos que testemunharam esse processo. Nesse sentido, com escassas referências ao seu passado, em meio ao esforço para sobreviver a duras condições no presente, rumando a um futuro incerto, o trabalho de manutenção, coerência, continuidade e organização social realizado pela memória encontra dificuldades para acontecer na comunidade de José Bonifácio.

POLLAK (1989) comenta sobre a existência de uma memória assumida como oficial - enquadrada pelas instituições e pela moral hegemônica - e uma memória subterrânea – não reconhecida por desafiar as convenções aceitas socialmente. Essa diferenciação se evidencia quando o autor comenta sobre possíveis “estados” da memória: podemos falar em termos de memória solidificada (evidente em registros e objetos concretos como construções e monumentos) e fluida (predominantemente oral, sem registro significativo ou suporte material). Ao transpormos essas ideias para o contexto dessa pesquisa, observamos que as possibilidades de transmissão de memória se dão, em grande parte, no terreno fluido da intimidade, principalmente nos quadros da família e dos amigos. Há pouca quantidade de objetos materiais referentes à memória dos bairros periféricos tais como documentação ou registro da trajetória desses bairros - a urbanização se deu de maneira rápida e agressiva, destruindo mesmo as solidificações da memória no espaço físico desses bairros. Dessa forma, a segregação social e espacial se reproduziria diretamente nos critérios de enquadramento da

memória reconhecida como “oficial” na cidade de São Paulo ao observamos uma maior preocupação em manter registros oficiais relacionados aos acontecimentos ocorridos no centro da cidade em comparação aos acontecimentos ocorridos nas suas margens. Diante de condições notadamente desfavoráveis seriam esses “silenciamentos” da memória irreversíveis? Uma vez ignorados, estariam estes vestígios de memória perdidos?



Figura 09 – “Teatro” - Grafite na Praça Brasil, criado em evento promovido por coletivo cultural existente há mais de uma década no bairro (Reação Arte Cultura) – foto realizada por colaboradora em passeio fotográfico – 2012

A memória do bairro de José Bonifácio, que traz as passagens de uma história gravada na carne e no cimento, é constituída de maneira lacunar, com convergências e divergências entre imagens produzidas coletivamente. A viagem de ônibus até o mercado para a compra mensal, a perua amarela que abastecia a despensa no dia a dia, as mães levando suas crianças para tomar sol, o vozerio se espalhando pelas escadas dos blocos... Entre vicissitudes e alianças, sustenta-se a rede imprecisa de lembranças que colore com tons ora cinzentos ora festivos a fugidia biografia do bairro. A rememoração, segundo BASTIDE (1970) envolve uma busca por reabilitar a integridade da imagem-lembrança. Nesse processo, prevalece a significação da totalidade, com sua coerência própria - a reconstituição se dá pela religação de fragmentos escolhidos com intuito de formar um sentido geral. A manipulação das lembranças-imagens comporta a substituição de elementos de memória por outros diversos. Dessa forma, o modelo significativo permanece ainda que os fragmentos constituintes do todo se modifiquem no exercício da rememoração. Assim, confrontando a predição de uma

comunidade sem passado, permanecem nas manifestações espontâneas durante a efervescência diária e nas memórias reinventadas durante conversas casuais os pontos de ancoragem da trama vivida e narrada pelos que habitam José Bonifácio. Mais uma vez recorro a Bastide (1970) para compreender o material onírico como chave na equibração social – isso nos leva a considerar que a sobrevivência de memórias pode encontrar apoio nas manifestações culturais e artísticas.

Sáimos, portanto, dos quadros formais da história enquanto instituição de caráter oficial para encontrarmos uma história-memória “bricolada” por seus moradores como única forma de tomar conhecimento do caminho rumado em comum pelos que habitam este lugar:

*No começo mesmo, quando a gente veio pra cá, não tinha nada disso, não tinha nenhum mercado, nem padaria. Era uma perua que vendia pão, leite, essas coisas. Pra fazer compra a gente tinha que ir lá pro terminal Carrão (em média, 20 km de distância). Todo mundo da COHAB saía pra lá, fazer compra e ir ao açougue também. Porque aqui não tinha nada. Eu falo pra Dona M: “Dona M,! Aa senhora lembra daquela peruinha amarela?” Aquele lá ficou rico porque a gente comprava tudo lá: pão, miúdos... comprava tudo na perua! E todo mundo - meu pai, minha mãe... saíam pra fazer compra do mês lá no Carrão. Só depois que veio esse mercado. Mas aqui só tinha mesmo a escola. O Parque Raul Seixas também não tinha. Ali era o sítio de um casal de senhores. A gente entrava lá pra pegar laranja, mexerica, jabuticaba... E quando o casal via que a gente tava ali, soltava os cachorros! (Risos) Era gostoso. Eu vim pra cá com nove anos. As mães ficavam lá embaixo conversando e as crianças brincando, até tarde da noite. Era melhor de convivência, de brincar. Agora não. Agora no calor, à noite, é tudo dentro de casa. (A.P. moradora da COHAB)*

*Aqui antes era só mato e barranco. Não tinha esses prédios da frente E a favela. E o rio que passava, que era bem pequenininho antes da avenida Jacu Pêssego existir. Não era nem avenida Jacu Pêssego, era gleba. Depois que tirou a gente daqui, falaram que iam dar casa... aqui ia ser casa, não ia ser apartamento. Ai, o que o Maluf fez? Pra suportar bastante gente aqui, pra vir mais gente de fora, ele achou que o prédio era melhor... O total era 520 famílias, muitos mudaram, muitos morreram. (K.A.moradora do Cingapura)*

*Não lembro muito bem da época do alojamento, lembro mais depois que chegamos aqui no Cinga. Era bem legal quando eu era criança, as pessoas bem unidas, tudo perto, bem divertido. A gente brincava junto e na época de calor tinha uma moça, moradora, que quando chegava seis horas da tarde fazia gincana com todo mundo. Hoje ela mora aqui mas não tem mais tempo porque trabalha e tem filho. (K.moradora do Cingapura)*

Interessante observar que a rede de lembranças dos moradores do Cingapura Raul Seixas - pequeno condomínio de quatro blocos encravado em pleno alto-mar formado por blocos da COHAB - é tramada num circuito que marca certa distancia da trajetória vivida

pelos moradores da COHAB. A primeira distância entre essas duas redes de memórias é temporal: a chegada dos primeiros moradores nos prédios da COHAB aconteceu no início da década de 1980 enquanto o Condomínio Cingapura começou a receber seus habitantes aproximadamente dez anos depois. É recorrente nos dois grupos o mesmo saudosismo de uma alegria pueril que se espalhava em brincadeiras compartilhadas ao ar livre nos primeiros anos após a chegada ao bairro.

A profunda marca que se destaca na chegada dos moradores do Cingapura, no entanto, é sua forte vulnerabilidade social. O incomensurável cansaço depois de quatro anos de espera num alojamento precário, o abandono por parte dos gestores públicos depois da instalação das famílias, a influência do tráfico de drogas dentro do próprio condomínio, a estigmatização de seguir sendo caracterizado por outros grupos dentro do próprio bairro como “favelados”: essas e tantas outras variantes matizam dolorosamente imagens de um passado conturbado relatado por eles:

*Nós vivemos no alojamento perto da estação José Bonifácio. O alojamento era nossa espera. Ficamos de 1995 até 1999. Pra esperar ganhar um apartamento. Lá no alojamento não foi bom. Pegou fogo lá. Morreram oito crianças e quatro adultos. Daí mudaram a gente pro alojamento da Cidade Tiradentes. A gente ficou andando que nem bola de ping pong, até sair a moradia.(A., morador do Cingapura)*

Com início em 1994 e em vigor até meados de 2003, o CINGAPURA-PROVER – programa implantado pela Secretaria de Habitação do Município de São Paulo com financiamento pelo BID - era voltado especificamente para a verticalização de favelas e se chocava com a política de urbanização de favelas baseada em mutirões, proposta pela gestão imediatamente anterior (Luiza Erundina, 1988-1992). Nos edifícios geralmente localizados à beira de rios e córregos e popularmente chamados como “Cingas”, encontramos um comportamento diverso no uso cotidiano dos espaços em comparação ao adotado pelos moradores dos blocos da COHAB, apesar da configuração física semelhante (prédios em H, sem transporte vertical).

A ocupação do Cingapura Raul Seixas iniciou-se em meados de 1996 (a entrega dos primeiros apartamentos foi em julho de 1996), sendo dois blocos habitados predominantemente por antigos moradores da favela situada antes no mesmo terreno, enquanto os outros dois recebiam moradores transferidos de outra favela (Vera Cruz), situada em outro distrito da zona Leste (São Mateus). Os relatos dos moradores do Cingapura Raul Seixas revelam um padrão de insulamento do Conjunto em relação ao bairro de José

Bonifácio e de disputa interna entre os dois grupos de moradores que ocupam os apartamentos:

*Algumas pessoas que já moravam aqui ainda são unidas. O pessoal que veio de fora quer mandar mais do que a gente... Tem uma diferença muito grande. O pessoal do terceiro e do quarto bloco não é daqui. A gente que é daqui é mais primeiro e segundo blocos. Se as crianças daqui, do primeiro bloco, vai pro quarto bloco, o síndico já não gosta. Mas a gente briga por isso. É uma comunidade, todo mundo tem direito de ir e vir. (K.A., moradora do Cingapura)*

O termo “abandonado” foi usado frequentemente pelos moradores para descrever a aparência do Cingapura Raul Seixas – o abandono é referido tanto como resultado do descaso dos moradores como da gestão pública ausente.

À parte das interferências diárias realizadas pelos moradores, a interferência do poder público durante o período de pós-ocupação dos CHIS (tanto no território das COHABs como nos Cingapuras) em São Paulo é bastante heterogênea. Explico o adjetivo escolhido: o escopo de ações e a avaliação destas variam em qualidade e quantidade conforme o programa proposto. A divisão dos trabalhos é bastante complexa e burocrática: a implantação dos programas de pós-ocupação é dividida entre diferentes órgãos da Secretaria Municipal de Habitação – SEHAB e as propostas interventivas variam bastante conforme a visão metodológica de cada gestão.

Com relação à fase de pós-ocupação da COHAB José Bonifácio, há pouco material disponível. Seja no âmbito acadêmico, seja no institucional, não entrei em contato com trabalhos que versassem sobre os detalhes da aplicação de um programa durante o período de pós-ocupação imediato neste gigantesco empreendimento social na cidade de São Paulo. O único registro presente no acervo da SEHAB consta um programa que propôs algumas ações para melhoria da qualidade de vida dos moradores dos Conjuntos da COHAB, aproximadamente trinta anos após a ocupação inicial (José Bonifácio, entre eles). O chamado “Programa Viver Melhor” foi o primeiro programa público cujo objetivo era a reabilitação urbanística tardia de um conjunto habitacional de interesse social na cidade de São Paulo e foi implantado pela COHAB – SP a partir da interação entre diversos órgãos administrativos (secretarias, entidades e órgãos nos âmbitos municipal e estadual) e civis (associações de bairro). O plano de ações, proposto a todos condomínios da COHAB do município (portanto, a um gigantesco público) foi estruturado em cinco eixos: ações físicas (recuperação de edifícios, infraestrutura urbana e iluminação pública, implantação da coleta seletiva,

intervenções paisagísticas, ações de acessibilidade), ações sociais (geração de renda e emprego, registro de histórias de vida, instalação de telecentros, regularização de contratos), ações de lazer e cultura (ruas de lazer, quadras poliesportivas), Projeto Piloto Tiradentes (voltado especificamente à revitalização da COHAB Tiradentes, propondo todas as intervenções citadas anteriormente de forma intensiva nesse empreendimento social).

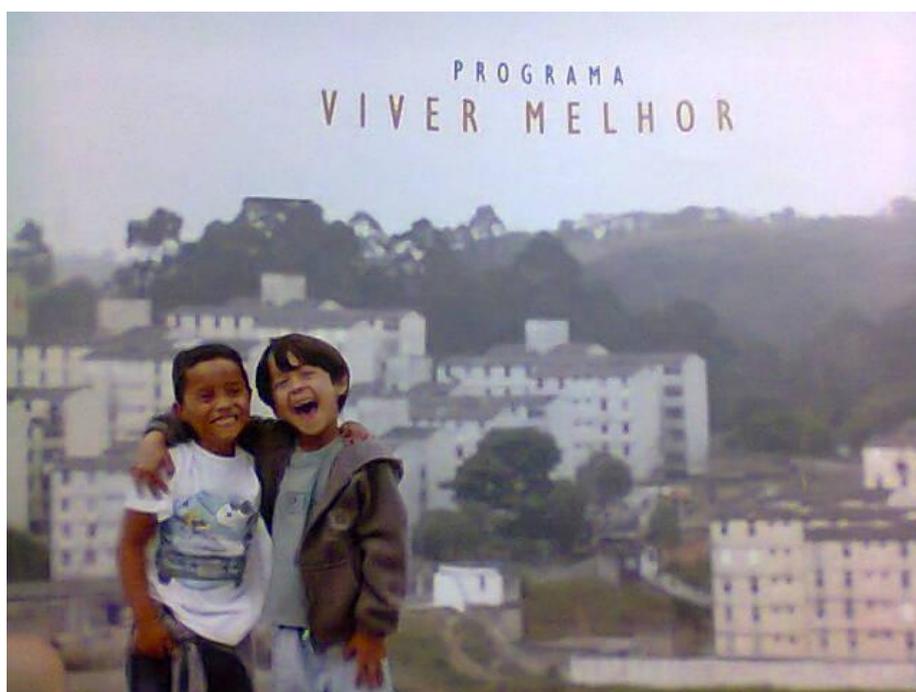


Figura 10 – Capa do material explicativo do Programa Viver Melhor – Sehab – São Paulo - SP

O programa, no entanto, apesar de seus esforços, com uma equipe resumida e um orçamento baixo, durou até 2004 e teve um impacto positivo local e transitório (pois não foi incorporado a um plano de ações administrativas pela SEHAB a médio-longo prazo com possibilidade de resistir às mudanças de gestão municipal) além de não conseguir superar as limitações morfológicas locais (isolamento entre as unidades de habitação) e socioespaciais da cidade (conjuntos habitacionais monofuncionais e distantes dos postos de trabalho, caracterizando o contexto dos chamados “bairros-dormitório”)

Pessoalmente, no intrincado ambiente dos acervos da SEHAB, não tive acesso ao relatório de avaliação deste programa. O único balanço que tive acesso integra, de maneira bastante resumida, o relatório da atuação da SEHAB como um todo durante a gestão 2001-2004, onde foi possível notar as limitações na implantação do programa: o número de Conjuntos Habitacionais espalhados pela cidade é o principal fator de dificuldade, além dos

entraves burocráticos que interferiram negativamente no trâmite entre órgãos públicos e entidades civis atuantes no programa (Secretarias, ONGs)

Na COHAB José Bonifácio, nos dias de hoje, permanecem como iniciativas deixadas pelo programa: um Telecentro (depois, em outros programas, outros telecentros foram implantados) e um posto policial num conjunto comercial cedido pela COHAB. A Padaria Comunitária da COHAB José Bonifácio, anunciada no relato final de 2004 no estágio “em andamento”, não entrou em funcionamento segundo as informações dos moradores.

Desde então, não surgiu nenhum programa com objetivo semelhante. Em mais de trinta anos de existência dos blocos da COHAB José Bonifácio, somente um programa especificamente voltado para a pós-ocupação de caráter tardio foi implantado. Fica explícita a negligência por parte dos gestores públicos com relação à qualidade de vida nas COHABs de São Paulo.

Já no Cingapura-Raul Seixas, as intervenções da gestão municipal nos primeiros anos de ocupação ocorreram de maneira bastante controversa. A própria concepção que guiou a implantação dos condomínios Cingapura que hoje aparecem distribuídos pela cidade já demonstrava que o caráter participativo não era uma das características priorizadas do projeto. No relatório elaborado pelo Instituto Pólis (CYMBALISTA, 2007) (e cabe um desabafo: pouquíssimo material que possua algum viés analítico – crítico está disponível para avaliarmos o impacto da metodologia aplicada na implantação dos programas durante pós-ocupação nos Cingapura) o processo de desapropriação das favelas e de construção dos edifícios excluiu a participação dos movimentos de moradia ativos no momento da implantação do Programa Cingapura nas suas diferentes fases. As intervenções (pretensamente) sociopedagógicas surgiram à revelia de qualquer estudo ou planejamento prévio - assim como os edifícios, que foram construídos à margem de grandes avenidas objetivando maior visibilidade para o projeto Cingapura a despeito da ordem de prioridades no cenário da habitação popular na cidade. O próprio Relatório Fotográfico de Inauguração desse empreendimento já transparece algumas das intenções dos gestores: em comparação a outros relatórios de inauguração fora do Programa Cingapura – nos quais é de praxe a presença de fotos de vários espaços do empreendimento inaugurado, de seus moradores, do entorno – o relatório fotográfico da inauguração do Cingapura Raul Seixas se mostra bastante monótono ao conter somente dez fotos, dentre as quais nove são do prefeito ou de sua equipe

em primeiro plano com sumária menção do ambiente do Conjunto Cingapura Raul Seixas ao fundo.



Figura11 – Foto da cerimônia de inauguração em Julho de 1996 – a única na qual aparece em primeiro plano a população na área livre em frente aos blocos de apartamentos – Relatório Fotográfico de Inauguração do Empreendimento Cingapura Raul Seixas – SEHAB – São Paulo - SP

No Relatório de Avaliação Final da Participação Comunitária no pós-uso do Empreendimento Cingapura Raul Seixas (SÃO PAULO, 1997), tomamos contato com a intervenção proposta por meio de uma descrição bastante superficial (que não problematiza obstáculos enfrentados nem menciona propostas trazidas pelos moradores) que abrange os seguintes segmentos: organização dos grupos de moradores (definição do regulamento interno, escala de limpeza, organização de assembleias, planejamento financeiro, treinamento de moradores para manuseio e conservação de equipamentos de incêndio, bomba d'água, para-raios), organização da comissão condominial, educação sanitária e ambiental (uso de rede de esgoto, acondicionamento de gás e do lixo, instrução de hábitos de higiene e saúde nos âmbitos pessoal e coletivo, incentivo a mutirões de limpeza e jardinagem), realização de campeonatos de futebol e festa junina, trabalhos educativos com crianças com idade entre 06 e 12 anos tendo como temas os cuidados com as áreas comuns do prédio (higiene, erosão do solo, cuidados com animais, disciplinamento do uso da quadra esportiva). A cultura é mencionada de forma genérica, num parágrafo solitário (aparecem os termos “teatro e violão pela Casa de Cultura da região”), mas sem de fato constar no quadro quantitativo de

atividades. Não houve nenhuma ação voltada para geração de renda ou acessibilidade no programa de pós-ocupação do Cingapura Raul Seixas

A mediação pela assistência social no Cingapura Raul Seixas é mencionada nos relatos partindo de opiniões diversas de seus moradores:

*Quando chegamos aqui no prédio tinha assistente social. Ela ficou um ano e depois sumiu. A gente foi jogado igual cachorro aqui dentro. A gente foi tirado da favela, então era chamado de marginal. “Tiraram os animais de dentro da favela e colocaram no alojamento. Agora vamos domar eles dentro dos prédios. Vamos ensinar pra eles o que é uma casa”. Começaram assim. O povo no entendimento deles: “Ah, eu ganhei um apartamento”. Eles queriam ensinar pra gente o que é morar dentro de uma casa. E o que era morar dentro de uma casa pra assistente social? Horário do silêncio, porque é apartamento; ter horário pra tudo; não jogar nada – beleza, isso daí era pra estar ensinando mesmo. Beleza. E umas coisas de carro... Mas já viu quem mora na favela ter carro? Na favela ninguém tinha carro. Era mais cavalo. Não podia colocar carrinho de reciclagem – e quem já sobrevivia disso? Eu mesma já catei, não tem nada de errado. Eles queriam fazer aqui como no Morumbi, tipo um bibelot. Eu achava um absurdo. Eu já era mãe. Alguns que vieram de fora (Vera Cruz) pegaram o que a assistente social falou e estão vivendo isso até hoje. (K.A.)*

*Tá abandonado isso aqui, porque a prefeitura veio, criou, fez... ficou mais ou menos um ano, dois anos dando palestra, incentivando os moradores a acostumar num lugar desse, só que eles nunca acostumaram. Eles não acostumaram porque quando a pessoa é acostumada a viver sem pagar água, sem pagar luz, não sabe o que é ter uma vida melhorzinha... ela não vai pra frente. A prefeitura veio, ajudou, incentivou... na época o prefeito era o Maluf. Eles fizeram de tudo pra pessoa se dar bem. Mas não consegui. Porque é difícil... a pessoa vem de uma favela... ela é acostumada a pagar o que na favela? Hoje não, porque hoje eu fiquei sabendo que na favela paga água e luz. E na época que não pagavam nada? Não pagavam água, não pagavam luz, não sabiam o que era um esgoto. Hoje já tem esgoto, que é saneamento básico. Muita coisa hoje é paga. Então as pessoas que vieram na época, com meu pai, não sabiam o que era pagar. Então foi muito difícil. Tem gente que catava lixo, tem gente que vendia, reciclava as coisas no barraco pra poder sobreviver e teve que abrir mão disso tudo pra vir pra cá, pra um apartamentinho desse. (M.L.)*

Não pretendo avaliar o alcance ou a eficácia da totalidade de medidas propostas nesse âmbito. O foco de investigação neste trabalho reside no potencial de aprendizagem das relações de convivência cotidiana nos espaços dos conjuntos habitacionais e, portanto, o comentário sobre o trabalho realizado pela assistência social se dá conforme sua menção nos relatos dos moradores acerca do histórico vivido nos espaços comuns. O Relatório de Avaliação final da participação comunitária no Raul Seixas, como material institucional, no entanto, sugere um panorama de ações restritas e superficiais, correspondendo ao nível de queixa de muitos moradores com quem mantive contato. Porém, esforçando-me para manter o foco deste trabalho, procuro fazer notar que neste trabalho privilegia-se a perspectiva dos

entrevistados e, nesse contexto, pretendo introduzir uma reflexão sobre a recepção (sobretudo subjetiva) das medidas tomadas pela assistência social.

Percorridos alguns (des)caminhos, na confluência entre referências culturais múltiplas, sob o impacto (ou da ausência) das ações implantadas pela administração pública, na trama de convivência diária ao longo dos anos, evidenciou-se um ponto de vista acerca da história do bairro de José Bonifácio. Nossa trajetória por tempos passados, percorrendo acontecimentos lembrados de forma vívida pelos participantes, nos conduz agora para descansarmos o olhar nos minúsculos e significativos gestos que permitiram o enraizamento destes narradores neste mesmo bairro, surgindo como táticas para lidar com as imposições e adversidades.

### **CAPÍTULO III**

#### **MODOS DE HABITAR JOSÉ BONIFÁCIO – BREVE ETNOGRAFIA DA RESILIÊNCIA (OU UMA VISITA CONHECENDO VOSSA GOMA)**

Talvez tenha chegado o tempo de voltarmos nossa atenção para estes fenômenos minúsculos, incoerentes, pontuais e passavelmente insensatos que constituem o essencial da estruturação individual e social. (MAFFESOLI, 1988, p.87)

O dia a dia, na experiência de quem mora nos Conjuntos Habitacionais, tem peculiaridades que nascem nos gestos mais prosaicos surgidos diante de vicissitudes ou mesmo em momentos de celebração, gerando vínculos e conflitos que se concretizam no ambiente vivido em comum. O edifício multifamiliar tem sido o formato de moradia mais frequente nas grandes cidades – as dinâmicas sociais tem acompanhado essa verticalização. Alguns significados, incorporados nesse tipo de produção de unidades de moradia, podem passar despercebidos aos olhos apressados pelas demandas cotidianas. O enquadramento social que esse tipo de habitação produz é tomado como inerente aos modos de vida urbanos ou chamado de “normal”, tomando forma de regras de convívio que são incorporadas com certa naturalidade (trazendo mesmo um automatismo) ou até negadas conscientemente.

No âmbito da habitação social, soma-se ao isolamento entre as unidades de moradia, próprio aos edifícios, a restrição da mobilidade na própria cidade, intensificando um processo que se assemelha à formação de guetos socioculturais. Ao revermos algumas das medidas sociopedagógicas propostas (porém escassamente implantadas) durante o período de pós-ocupação dos Conjuntos Habitacionais são evidentes algumas normas de ocupação dos prédios transmitidas como sendo ideais – o conteúdo e a maneira como se dá essa transmissão tem sido tema de discussões por parte de condôminos, assistentes sociais, arquitetos, educadores...



Figura 12– Material na forma de cartilhas, folders, cartazes com instruções para moradores dos Condomínios Cingapura – empresa prestadora de serviço em educação ambiental e sanitária (sic) para prefeitura de São Paulo durante Programa Cingapura

Em contraste às proposições de organização racional e lógica, os primeiros movimentos de articulação entre os moradores de José Bonifácio aparecem nos relatos como sendo conduzidos pelas crianças. Tanto no Cingapura Raul Seixas como nos prédios da COHAB José Bonifácio, a criança é o principal vetor de comunicação que propicia os primeiros encontros e experiências no bairro.

No início da ocupação dos blocos da COHAB José Bonifácio, quem descobria os espaços ainda vazios do bairro, entre os desocupados e descaracterizados blocos de apartamento de um imenso Conjunto Habitacional, eram as crianças que corriam percorrendo áreas entre blocos, escadas, ruas de terra, sempre em grandes grupos de pequenos exploradores, formando assim os primeiros fios na trama de vínculos comunitários.

Muitos dos contatos aparecem inicialmente estimulados por elas, que organizavam pequenos festejos batendo de porta em porta para pedir mantimentos e enfeites. As festas inicialmente aconteciam nas áreas comuns dos prédios, convidando adultos e crianças numa integração ainda que momentânea. São também elas que “vão tomar sol”, levadas por suas mães, em grande parte donas de casa ou autônomas que trabalhavam em casa (como costureiras, cozinheiras), isso até o final da década de 80. Enquanto tomavam sol, as crianças e suas mães teciam um campo de convivência nos primórdios do bairro, e mesmo com todas as dificuldades infraestruturais, havia os momentos de confraternização: lanches comunitários providenciados nos apartamentos dos moradores diante da escassez de comércio no bairro, brincadeiras em ruas sem saída, passeios furtivos pela antiga chácara dos Morganti (hoje Parque Raul Seixas).



Figura 13 – Foto pessoal de moradora que mostra crianças brincando em área comum entre prédios da COHAB no início da década de 1980

*“No começo eram todos unidos. Tinha brincadeiras, chegava no final do ano, cada um ia pra casa do vizinho e passava um pouquinho lá... Era assim. A gente jogava bola, tomava banho de chuva, tomava banho de sol nessas áreas em frente ao prédio. Não tinha muros. Não tinha essas garagens. Então ficava todo mundo na rua. Era gramado então a gente ia*

*pra grama. Lembro do teatro que a Dona Marisa organizou, que a gente fez. Eu recordo pouco. Eu tinha uns dez anos. Festa junina que a gente fazia aí na rua. Teve porque a Dona Marisa, quando era síndica, organizou. Eu falo pra minha filha perguntar pra Dona Marisa como era: chegava no final do ano, tinha amigo secreto. Eu, a Dona Marisa, as vizinhas... Chegava no dia das crianças, Dona Marisa fazia as brincadeiras lá embaixo, cada um levava um pratinho de doce. Hoje em dia, aqui, ninguém faz nada”.(A.P, moradora da COHAB.)*

*“(...) eu lembro que, como eu tenho uma irmã também, a gente brincava muito dentro de casa quando não podia sair, e a gente brincava também com as outras meninas do prédio. Era aquela coisa: brincar de casinha, brincar de mamãe e filhinha, uma ia pra casa da outra. E por serem várias casas também, a gente brincava com isso. Ah, eu vou pra sua casa, você vem na minha... o que era o espelho que a gente tinha dos nossos pais: porque eles frequentavam muito o apartamento um do outro. Tinha muito isso da gente ir na casa do outro pra beber um café, pra jogar conversa fora”.(R moradora da COHAB.)*

De maneira semelhante, grande parte das primeiras aproximações entre os moradores do Cingapura Raul Seixas foi propiciada pelas crianças. Em meados da década de 1990, já em um bairro urbanizado – com ruas asfaltadas, serviços e expressiva oferta de alternativas de transporte público – a entrada destes moradores acontecia em meio a uma contraposição entre a reunião em torno das crianças e os conflitos ligados à divisão das despesas de água (pois a conta somente passou a ser dividida entre os apartamentos depois de 2010).

*Minhas primeiras lembranças são de bastante festa, tinha festa junina, ficavam vendendo batata-frita, muitas pessoas no pátio brincando. Era bem mais legal. Eu brincava bastante. Mas eu dependia da minha mãe me deixar participar da festa do prédio. Eu insistia, ela não deixava... eu insistia. Aí ela deixava. Todo mundo contribuía pra dar uma boa festa pras crianças.(M.S morador do Cingapura.)*

*Foi muita briga, muita discussão na época, porque as pessoas não queriam pagar água e vinha aquele montante aí todo mundo tinha que se reunir. Aí um brigava com o outro... tá melhorando agora. Se deus quiser vai melhorar mais. Hoje não reúne mais todo mundo porque já vem boleto individual, separadinho. Antes era todo mundo junto. Que nem: vinha cinco mil de água, dividido pros quatro blocos... era um pau da bexiga! Sá faltava se matar... mas foi passando o tempo foi mudando. Graças a deus agora já tá bem melhor. (M.L moradora do Cingapura.)*

Assim, os sons das crianças nas suas brincadeiras ao ar livre, nos seus pequenos festejos, serpenteando sua alegria entre os adultos, trazem para as lembranças narradas um

tom de nostalgia, aparecendo como um alento diante das dificuldades da convivência em comum.



Figura 14 – Crianças brincando entre garagens – ao fundo, acúmulo de material de descarte. Foto da pesquisadora. COHAB José Bonifácio, 2012.

O universo infantil, no qual as regras são coloridas pelo caráter lúdico das experimentações com o corpo e da mimese do universo adulto, sobressai como refúgio nas memórias dos moradores e reaparece no tempo presente na forma de ações como a organização anual da Festa do Dia das Crianças no Cingapura Raul Seixas. Esse evento, que enseja as únicas frágeis pontes de comunicação e ação comunitária num ambiente estruturalmente degradado, é a única iniciativa comum a todos dentro do condomínio referido por seus próprios moradores como “um monstro”. Os relatos sugerem a solução para os problemas do condomínio como sendo resultado da ação das próximas gerações, num futuro que está por chegar. O tempo presente traz questões urgentes de sobrevivência sem que se vislumbre a curto prazo a resolução dos conflitos. A esperança está na criança que anuncia um porvir de redenção já que o passado e o presente denotam um quadro onde predominam o abandono e os percalços de uma coabitação forçada. Ainda assim, essa imagem esperançosa aparece sob risco nos relatos de moradores do Cingapura Raul Seixas, oferecendo uma precária sustentação simbólica da comunidade do Cingapura:

*“a gente quer resgatar essas crianças porque muitos a gente já perdeu. Muitos a gente viu crescer crianças amorosas.. não chega a dezoito anos se a gente não resgatar agora, não chega nem aos doze. Eu tô lutando pros*

*meus chegarem pelo menos aos vinte. Graças a deus estão aí. Se você for fazer a contagem dos adolescentes que chegam até vinte anos.. é pouco. A droga não deixa. A criminalidade não deixa”. (Trecho da entrevista com KA.- moradora do Cingapura)*

A organização da referida festa iniciou em 2009, diante da recusa de políticos locais em incluir o Cingapura nos festejos do Dia das Crianças (a festa foi realizada com moradores convidados de prédios da COHAB, moradores do Cingapura Raul Seixas não foram incluídos no evento). Desde então, a festa tem sido organizada e custeada pelos moradores do Cingapura e realizada anualmente, no sábado mais próximo ao dia doze de outubro. A preparação se dá ao longo do ano, incluindo acúmulo de recicláveis para venda, pedidos de apoio a comerciantes locais para suporte na alimentação e brinquedos como cama elástica ou piscina de bolinhas (com fraco apoio local, conforme relatos), confecção de fantasias pelos próprios moradores, treino de coreografias de dança por um grupo de adolescentes moradoras para apresentação no dia da festa, entre outros movimentos. Nascida da motivação dos moradores – não tendo sido implantada por meio de intervenções externas – a festa surge como pausa na lista de obrigatoriedades ordinárias, numa espécie de suspensão temporária dos embates diversos entre moradores e descanso do fantasma da violência e da criminalidade no bairro. Esta festiva quebra na rotina parece alimentar parte da sobrevivência social do condomínio.

Da Matta (1991) comenta sobre as manifestações de caráter festivo como possibilidade de experimentação de um senso de coletividade subvertendo a tendência ao individualismo presente nas regras sociais da sociedade moderna. Essas situações representam exceções potencialmente desencadeadoras de transformações sociais além de oferecerem um meio ritualístico de “domesticar” o tempo, controlando a sensação de insegurança diante do imprevisto pela ritualização e repetição de um evento significativo que ocorre de maneira cíclica (nesse caso, anualmente)

(...)sabemos que as rotinas diárias preservam o tempo da sua duração normal, ao passo que nas festas o tempo pode ser acelerado ou vivido como tal. Por que tal experiência é possível? Ora, porque nas rotinas os espaços específicos estão socialmente equacionados a atividades específicas. Não dormimos na rua, não fazemos amor nas varandas, não comemos com comensais desconhecidos, não ficamos nus em público, não rezamos fora das igrejas, etc. Os exemplos, conforme sabe o leitor, são legião. Ora, a festa promove precisamente os deslocamentos destas atividades dos seus, digamos, espaços normais. Isso então permite a sensação de um tempo louco, notavelmente lento ou, como ocorre com o nosso carnaval, uma

temporalidade acelerada, vibrante e invertida. No cotidiano, vivo uma ordem que me diz: conheço as pessoas na porta, vou para uma sala de jantar onde comemos e depois vou para o quarto de dormir. Já numa festa, todas essas ações (e muitas outras) podem acontecer simultaneamente sem haver uma separação entre elas e os espaços onde normalmente ocorrem. Num baile de carnaval, por exemplo, posso acelerar o tempo de modo radical, namorando, noivando, casando e divorciando de uma mesma pessoa, tudo isso no mesmo espaço de algumas poucas horas em que a festa transcorre. Do mesmo modo e pela mesma lógica, os rituais permitem a sensação de uma volta do tempo, porque prescrevem com nitidez e obsessão um lugar para cada coisa, e então o tempo fica congelado. Apesar de todas as mudanças pelas quais o mundo está passando, sabemos que em um aniversário vamos encontrar comidas e doces, bebidas e refrigerantes, sorrisos abertos de recepção, roupas bem cuidadas, casa arrumada e alarido, além de um bolo com velas e de um conjunto de ações que objetivam confirmar aquela situação como uma festa de aniversário. Se isso não ocorrer numa certa ordem, então pode ser tudo menos aniversário. Não é assim, precisamente, que comentamos essas festas? Pois bem, é isso que permite controlar o tempo. É isso também que permite equilibrar o espaço, fazendo com que o mundo se torne menos indiferente e totalmente significativo, posto que ordenado por suas relações com os grupos que se combinam e se reformulam, na complexa lógica social que cada sociedade ordena para si e para os seus membros. DAMATTA, 1991 pp. 41-42

Nesse mesmo sentido, Maffesoli (1998) comenta sobre como o rito cumpre o papel de fortalecer as imagens que dão coesão a um grupo permitindo que este recontar a sua história – seu mito organizador - para si mesmo:

(...) o rito é uma técnica eficaz que organiza, da melhor maneira possível, a religiosidade (religare) ambiente de nossas megalópoles. Podemos mesmo dizer que o aspecto efêmero dessas tribos e o trágico que lhe é próprio acentuam, deliberadamente, o exercício dos rituais. Com efeito, estes, através de seu aspecto repetitivo e da atenção que concedem ao minúsculo, atenuam a angústia do “presenteísmo”. Ao mesmo tempo, como projeto, o futuro, o ideal, já não servem mais de cimento para sociedade; o ritual, confirmando o sentimento de pertença, pode representar esse papel e assim, permitir que os grupos existam. (p.175)

No seu relato, M. - moradora da COHAB, síndica e liderança no prédio durante vários anos – também traz o motivo infantil como agregador dentro da rede de relações entre moradores. Diferente da Festa do Dia das Crianças no Cingapura, a iniciativa se situa num tempo passado, já que deixou de acontecer a anos no prédio de M. devido a uma perceptível mudança de hábitos dentro e no entorno do prédio (o que inclui especialmente os espaços internos comuns do prédio, a rua sem saída em frente ao bloco, os blocos vizinhos, a avenida mais próxima que serve de conexão ao bairro):

*Há muito tempo atrás, quando fazíamos festa junina na rua.. eu que encabeçava, era mais jovem, tinha mais disposição... aí cada um trazia uma coisa, aí fazia quadrilha. Era bem gostoso. Já faz muito tempo... meus filhos eram pequenos ainda. Olha que eu trabalhava, cuidava da casa, cuidava dos filhos e ainda tinha tempo de fazer festa junina. Eu trabalhava na organização. Sempre fui envolvida no condomínio, sempre estive na frente. Sempre fui síndica ou se eu não era síndica, estava na comissão. Só que agora eu desisti porque é muita falação, ninguém ajuda e só fala. Então eu me afastei. Mas eu agitava esse prédio (risos). No fim de semana minha casa ficava cheia. No fim de semana que eu estava em casa queria as crianças perto de mim as crianças vinham todas pra cá. A gente fazia bolo, a gente fazia aniversário, aniversário de boneca... porque esse quarto (aponta) era das crianças. Vivia cheio de criança aqui dentro. Era bem gostoso. Mas a gente vai cansando. Porque um erro que você faz, as pessoas não vem as coisas boas que você fez. Então aí foi desgastando. Daí falei: vou ficar só cuidando da minha casa, dos meus filhos, dos meus netos...*

*(...)*

*Hoje as crianças não podem brincar na rua porque a violência parece que aumentou nesse pedaço aqui. Eu não sinto tanto porque eu moro desse lado e não vejo o que acontece na rua. Por exemplo: se meu neto de três anos vem aqui, ele não fica brincando na rua. Eu desço, fico lá no Parque Raul Seixas com ele. Eu não acho que seja confiável deixar uma criança brincando na rua como se deixava antigamente. As crianças ficavam até a noite brincando, pulando corda, conversando, jogando bola. Agora não dá mais. Nessa rua tem muita gente desocupada. Rapazes, desocupados, sentados, que ficam fazendo sei lá o quê. Então por isso que a gente não tem mais liberdade de deixar as crianças descenderem pra brincar.*

No sentido oposto aos encontros provocados pelas crianças, o isolamento entre os moradores aparece na imagem de espaços comuns esvaziados ou abandonados e relações dificultadas por irreconciliáveis diferenças:

*Esse prédio é morto, é sem vida. Eu tenho vida da porta pra dentro. Da porta pra fora, não tem vida. É uma coisa morta. (A.P. moradora da COHAB)*

*Aqui em casa temos arrumado mais, progredido, mas é nossa própria melhora. Cada um vive da maneira que quer, mas o que os outros aqui fazem na parte de higiene me afeta porque não adianta eu limpar minha porta e meu vizinho não limpar a dele. Isso acaba gerando conflito, confusão. A gente vai falar e a pessoa não gosta... Por isso que da porta pra dentro é uma coisa, da porta pra fora é só sair pra rua. Nós até temos amizade com vários moradores aqui... mas não é todo mundo. Uns tem essas coisas de baile funk.. bagunça a noite inteira, a síndica não toma atitude. Aí você vai falar, não gostam. Vai falar em mudar, não concordam. Não tem organização, não tem união. (A., morador do Cingapura)*

*Aqui todo mundo trabalha. Todo mundo sai de manhã pra trabalhar. Aqui todo mundo tem seu emprego, sua casa, tem sua televisão boa. Só que o pessoal se preocupa com dentro do apartamento. Pessoal não se preocupa*

*com lá fora, que é o cartão postal. Porque se eu te mostro a minha blusa bonita... você gostou? Gostou. Mas o que tem dentro dela? O conteúdo da pessoa. A pessoa. Aqui eles não tão nem aí. O meu apartamento é muito bem arrumado, mas aí fora ... o que adianta? (M.L. moradora do Cingapura)*

*Com relação a minha convivência com os vizinhos aqui no prédio é “bom dia, boa tarde, boa noite, tudo bem”. Eu não fico em escada, não fico em porta de vizinho, não fico na rua. Acostumei meu filho também a não ficar. A minha convivência com eles é tranquila. Tenho pouco contato. Não dou liberdade, também não tenho liberdade com eles. (C. moradora da COHAB)*

A socialidade em José Bonifácio segue oscilante entre o extremo da proximidade afetiva na imagem emblemática a criança e o extremo oposto, configurado no isolamento entre moradores trazido por questões ligadas ao lixo e à criminalidade – pólos positivo e negativo nos processos de significação dos espaços de convivência no bairro. A tensão provocada por um polo (negativo) é dissipada pelo outro polo oposto (positivo).

Sobre a complexidade presente nas relações de convívio, MAFFESOLI (1998) comenta sobre o fenômeno da proxemia:

A proxemia não significa apenas unanismo, ela não postula como a história, a superação do contraditório, daquilo (ou daqueles) que incomoda (m). Daí, uma apropriação, embora relativa, da existência. Com efeito, quando não apostamos numa vida perfeita, num paraíso celeste ou terrestre, nos acomodamos com aquilo que temos. E a verdade é que, para além das diversas e frequentemente pobres declarações de intenções, os protagonistas da vida diária são, concretamente, de grande tolerância de espírito com relação ao outro, aos outros e aquilo que acontece. Isto é o que faz com que, por paradoxal que possa parecer, da miséria econômica possa brotar uma inegável riqueza existencial e relacional. Nesse sentido, levar em conta a proxemia pode ser a maneira certa de superar nossa habitual atitude de suspeita, para apreciar os intensos investimentos pessoais e interpessoais que se exprimem no trágico cotidiano. (...) as relações fundamentadas na proxemia estão longe de ser repousantes. Retomando uma expressão conhecida, as aldeias urbanas podem mostrar relações, ao mesmo tempo, densas e cruéis. Com efeito, o fato de conhecer o outro com exatidão, de saber sempre alguma coisa sobre ele, traz consequências notáveis para os modos de vida cotidianos. Ao contrário de uma concepção de cidade formada por indivíduos livres que tem essencialmente relações racionais – e a esse respeito basta lembrar o ditado conhecido de que o ar da cidade liberta: *Stadtluft macht frei* - pareceria que as megalópoles contemporâneas suscitam uma multiplicidade de pequenos enclaves fundamentados numa interdependência absoluta. A heteronomia do tribalismo está substituindo a autonomia (individualismo) do burguesismo. (pg 174-175)

A busca por parceiros – seja para lidar com obstáculos, seja para compartilhar momentos prazerosos vividos no tecido do bairro - envolve uma aproximação que inclui

também discordâncias. As alianças cotidianas acontecem na diversidade de opiniões e adaptar-se surge como uma das maneiras de lidar com exigências externas que exijam mudança nos hábitos – como percebemos no relato de M. moradora da COHAB, no qual a palavra “adaptação” aparece com frequência:

*“Foi muito diferente mudar pra cá. No início tinha muita diferença, mas depois a necessidade obriga e então fui me adaptando”.*

*“Quando nós viemos pra cá não tinha supermercado perto, açougue, era tudo muito difícil. Agora não, agora nós temos tudo na porta. Bastante condução, temos supermercado pra escolher, temos várias feiras – inclusive feiras à noite... Agora estou super adaptada”.*

*“Era muito difícil. Tinha muitas brigas na escada. As pessoas eram muito mal educadas. Eu acho que ter pessoas mal educadas não é só da COHAB, em qualquer lugar tem pessoas mal educadas. Mas acho que aqui juntaram todos os mal educados num lugar só. Eu sempre morei em casa térrea – casa pequena – e sempre tive espaço pra brincar, pras crianças ficarem no quintal. E aqui não, você tinha que ficar dentro do apartamento. Foi uma outra adaptação, ficar dentro do apartamento”.*

Em alguns relatos podemos notar como a busca por cultivar laços de proximidade se expressa espacialmente no bairro<sup>2</sup>. Espaços de passagem como escadas são citados como lugares de encontro – fato encarado como positivo em alguns momentos e negativo em outros:

*Acho que eles levam daqui as amizades, e até o saber dividir as coisas porque eles brincavam muito juntos. Então, por exemplo, eu dava um lanche pra minha filha, um pão com mortadela, tinha outra menina lá na escada, ela dividia o pão com a menina. Nessa época ela ainda não tinha o irmão. Ela ainda não sabia, porque criança sozinha é difícil aprender a dividir. Mas aí ela dividia com a colega. Então, acho que isso foi muito bom pro aprendizado. Então hoje eles chegam, eles têm amizade com todo mundo. (M. moradora da COHAB)*

*Tinha muitas brigas na escada. As pessoas eram muito mal educadas. Eu acho que ter pessoas mal educadas não é só da COHAB, em qualquer lugar tem pessoas mal educadas. Mas acho que aqui juntaram todos os mal educados num lugar só... (M. moradora da COHAB)*

---

<sup>2</sup> Um comentário antes de prosseguir na descrição de algumas “táticas de encontro” adotadas pelos moradores: lembro que a maioria dos espaços idealmente destinados a cumprirem o papel de áreas de convivência estão hoje desqualificados ou quase abandonados e cito como exemplos deste processo de negligência - seja pela administração pública, seja pela não-apropriação simbólica e afetiva pelos moradores a maioria das áreas entre os prédios, a Praça Brasil além de outras praças do bairro

*Eu não fico em escada, não fico em porta de vizinho, não fico na rua. Acostumei meu filho também a não ficar. (C. moradora da COHAB)*

Estabelecimentos comerciais também aparecem como lugares que centralizam significativa parte da vida social do bairro:



Figura 15 – Vida social nos pequenos comércios em garagens – foto da pesquisadora – 2012

*Não tenho muita coisa pra falar daqui. Aqui pra mim eu falo assim: avenida, padaria, mercado, açougue e de vez em quando posto de saúde. Nada mais. (M.L. moradora do Cingapura)*

*Gosto de morar aqui. Eu caminho pelo bairro pra ir na feira, no mercado e vejo que mudou bastante. Montaram lojinhas de roupa, mais supermercado, farmácia... Essas coisas assim. Tô gostando de como o bairro está ficando. (I. moradora da COHAB)*

O Parque Raul Seixas aparece como unânime dentre todos os locais do bairro como lugar preferido para convivência – principalmente pelos adolescentes. Entre os adultos, ora aparece como amedrontador (por ser um local onde se vende e consome drogas ilícitas) ora como local de diversão em família. A rejeição expressa conscientemente pelos adultos entrevistados é ambígua: muitas vezes o mesmo morador se refere conscientemente de forma negativa ao parque como lugar “onde se esconde safado”, muito difícil de ficar à vontade “devido à droga”, um local que não parece confiável para que então, durante a realização das atividades menos discursivas e mais imagéticas (como no passeio fotográfico ou no mapa ATu-9), seja significado como local que simboliza diversão, companheirismo, um refúgio e

um lugar para renovar as energias. O mesmo local é, assim, idealizado e estigmatizado, desejado e rejeitado pelos moradores do bairro. Muitos dos riscos atribuídos ao parque (roubo, drogas, assédio – imagens ameaçadoras que são noticiadas no bairro e amplificadas nas conversas entre moradores) são confrontados pelos jovens que escolhem, ao invés de deixar de frequentá-lo, aproveitar seus espaços cotidianamente – seja de forma breve durante a saída da escola (duas escolas, de ensino médio e fundamental, ficam ao lado do parque) ou de passagem a caminho de outro destino, ou mesmo em longas visitas, muitas vezes sem que os pais se deem conta.



Figura 16. Título: “Floresta Raul Seixas” – foto realizada por colaborador na pesquisa durante passeio fotográfico em 2012.

Integrando a memória do bairro como local intensamente usufruído, o espaço do parque (antes mesmo de se constituir como tal) era explorado por crianças e adolescentes que chegavam à COHAB José Bonifácio na década de 80 para descobrir os espaços e degustar “frutas do pé” que ainda existiam por ali, sem o peso do fantasma da violência e das drogas. Inicialmente uma chácara particular cheia de árvores frutíferas que recebia a visita de muitos moradores (primeiro a contragosto dos proprietários para, na segunda metade da década de 80, haver um consenso entre todos), o Parque foi delimitado e aberto ao público em 1991. Hoje, sendo a única área verde do bairro em meio à imensa quantidade de conjuntos da COHAB José Bonifácio, é uma das poucas referências que destoam da urbanidade imposta

pelo concreto afirmado na verticalização do bairro. Como um lembrete para as origens do bairro outrora conhecido como parte do “cinturão verde” de São Paulo (isso até por volta da década de 60 do século XX), o Raul Seixas conserva seu apelo natural apesar de toda carga de violência urbana que lhe é atribuída nos relatos.

Seguimos relatando as artes do encontro, passando das criações que permitem o encontro com o outro, no exercício de dar-se conta da alteridade, para nos depararmos com uma criação existente no bairro que revela o encontro consigo mesmo, um reencontro com suas próprias raízes...

O trabalho de campo nos levou a conhecer um espaço muito especial em José Bonifácio: um jardim, construído por uma moradora num terreno que permanecia subutilizado no fundo do seu condomínio. A moradora I., migrante da cidade de Itapetinga, no estado da Bahia, mudou-se para COHAB José Bonifácio em 1981. Lavradora no município natal, I. relata ter passado por um difícil período de adaptação ao novo espaço de moradia:

*Quando cheguei aqui, achei tudo estranho, sabe? O prédio era todo no bloco, não tinha muro, o chão da casa era cimento vermelho batido, não tinha azulejo, nada. Não tinha essas garagens como hoje, os carros ficavam lá fora no estacionamento. E não tinha muito carro não, eram duas pessoas só que tinham carro naquela época. Porque todo mundo veio com uma mão na frente e outra atrás. Não tinha muito poder de vida.*

Dois anos após a mudança, a decisão de iniciar o jardim:

*Eu vi a terra aí vazia e como eu gosto de plantar falei: “eu vou começar a plantar as coisas aqui”. Comecei plantando um pé de mandioca lá em cima, isso em 1983, por aí. Deu mandioca. Aí comecei a limpar mais um pouco a terra e fui plantando, plantando... (...) Dá prazer em ver nascer as plantas, ver a florzinha nascer.*

Quando adentramos o jardim, a multiplicidade de espécies chama atenção: entre ervas para chá e para tempero como capim santo, erva doce, boldo, alfavaca, coentro, manjerição, encontramos leguminosas e verduras como a couve, o almeirão, a berinjela, a abóbora, o jiló além de flores e árvores frutíferas como goiabeiras, bananeiras, aroeiras. Um enorme pé de abacate já foi mote para um episódio conflituoso com os vizinhos:

*Tinha um abacateiro bem grande e um morador veio e cortou assim... cortou também a laranjeira. Hoje esse abacateiro não existe mais, só tem uns brotinhos. Disseram que queriam fazer uma quadra aqui. Só que esse*

*morador já mudou daqui. (...) Algumas pessoas ajudaram a cortar. Falaram em reunião que iam fazer isso só que eu não estava na reunião. Algumas pessoas concordaram, outras não. Eu não estava mas diz que alguns falaram assim: “ah, a Iraci cuida do jardim há muito tempo, gosta de plantar as coisinhas dela, não faz isso, não...” Mas aí, no dia seguinte a pessoa pegou a ferramenta a veio cortar. Tirou tudo do terreno. Urucum laranjeira...Mas brotou tudo de novo. Esse corte deve ter uns cinco anos. E brotou tudo de novo rapidinho. Você vê como é a natureza.*

A situação é inusitada: o fértil jardim se encontra a aproximadamente 200m da Avenida Jacu Pêssego – avenida marginal ao rio Jacu, que está canalizado e poluído. O gesto da moradora I., ao propiciar seu espaço de refúgio no bairro graças a dezenove anos de trabalho diário, não é um enfrentamento direto da restrição causada pelas estruturas urbanas de concreto, mas uma criação que revela um intenso envolvimento na busca pelo contato com a natureza em meio a degradação da cidade. Numa iniciativa solitária (exceto por um breve período onde I. recebeu apoio de outra moradora), ela realiza um gesto de retorno às suas origens rurais em meio à crescente pressão do progresso em nome de uma cidade mais desenvolvida.

Maffesoli (1998) fala sobre as marcas que cada grupo deixa impressas na cidade, numa expressão das próprias referências culturais que lhe caracterizam como grupo, afirmando-se sobre a concretude de edifícios, muros, ruas por meio de cores, sinais, palavras, sonoridades.... Assim é criada a arte ordinária da escrita cotidiana - destituída de status social mas plena de valor simbólico:

Existe uma relação estreita entre o território e a memória coletiva. O que fez M. Halbwachs dizer que, no que se refere às suas cidades, casas ou apartamentos, os grupos de algum modo esboçam sua forma no solo e reencontram suas lembranças coletivas no quadro espacial assim definido. Trata-se de uma expressão forte que estilhaça a rigorosa barreira estabelecida entre a história social e sua inscrição num lugar determinado. E, além disso, ilustra o que pretendo ressaltar, isto é, que a revalorização do espaço é correlativa à revalorização dos conjuntos mais restritos (grupos, tribos). A proxemia simbólica e espacial privilegia o cuidado de deixar seus rastros, quer dizer, de testemunhar sua perenidade. Esta é a verdadeira dimensão estética de tal ou qual inscrição espacial: servir de memória coletiva, servir à memória da coletividade que a elaborou. A partir daí, é verdade, essas inscrições podem sofrer análises estéticas *stricto sensu* e, neste sentido, se tornam obras da cultura. Mas é preciso não esquecer que elas ultrapassam, e de muito, o que frequentemente, é apenas uma redução abstrata e intelectual. Dentro dessa perspectiva a catedral não vale mais do que a decoração kitsch de um loteamento de periferia, e os graffiti ou pichações urbanas podem ser comparados às pinturas das cavernas pré-históricas. Em cada um desses casos um grupo se expressa, delimita seu

território e, dessa maneira, confirma sua existência. (MAFFESOLI, 1998, p.190)

O jardim de I., assim como outros pequenos terrenos ocupados por atividades de plantio surpreendentemente frequentes numa faixa invadida tão rapidamente pela expansão da mancha urbana, pode ser considerado como uma expressão de suas próprias referências culturais - ainda que não seja intencional afirmá-las de maneira combativa, o seu gesto vai na direção contrária ao movimento de urbanização que predomina na cidade. Dentre as múltiplas culturas presentes em José Bonifácio, notamos pequenas hortas que se aventuram insuspeitas por entre largas avenidas e blocos de apartamentos, fazendo notar o valor de ligação com a terra, trazido na bagagem cultural do grupo de primeiros moradores de outros estados brasileiros, descendentes de lavradores. A tática criada para atualizar no presente uma vivência gravada na memória das gerações desse grupo foi a ocupação dos terrenos baldios, imiscuindo-se à trama de prédios



Figura 17. Moradora I. em seu jardim (2012) Figura 18. Árvores e hortaliças - jardim de I. (2012)



Figura 19. Jardim de I. com vista de blocos da COHAB ao fundo (2012)



. Figura 20 – Plantio de ervas, chuchu e hortaliças em terreno invadido na rua Bartolomeu Ferrari, em meio a prédios da COHAB – foto da pesquisadora, 2012

Os gestos descritos até aqui atuam como rituais da vida cotidiana, permitindo às pessoas que expressem, no lugar onde moram, uma diversidade de referências culturais e valores compondo o que pode ser chamado de sentimento de pertença ao bairro de José Bonifácio. Esses localismos (enraizamentos, ainda que efêmeros) constituem uma dinâmica que mostra como microgrupos - ou tribos como nomeia Maffesoli (1998) - pontuam a espacialidade em função de uma *ética* específica, no quadro de uma rede de comunicação.

Poderíamos considerar se a trama de gestos sociais cotidianos revelados nas interferências que caracterizam as feições do bairro (tais como rotas de circulação a pé, locais de encontro, adaptações nas construções, hábitos de convivência com vizinhos, entre outras) constitui o que podemos chamar de “a cultura do morar em José Bonifácio”... Ainda que essa cultura traga em si um desejo e uma atitude de apropriação afetiva dos espaços do bairro, não podemos ignorar a tensão, bastante presente nos relatos dos moradores, trazida pelo conflito entre diferentes concepções acerca do morar que coexistem nesse mesmo lugar. Essa atmosfera conflitual, que por vezes se manifesta entre os moradores, gera ainda inúmeras outras manobras cotidianas que não foram citadas aqui – sejam estas decorrentes de posturas

combativas, de atenuação dos contrários ou mesmo de harmonização de opiniões opostas numa continuidade temporal que traga solução dos conflitos num porvir.

Finalizo essa breve passagem descritiva, na qual pudemos conhecer de perto algumas escolhas cotidianas deste grupo aqui retratado e recorro a intenção que moveu a redação desse capítulo: fazer notar quais são as possibilidades encontradas por estes moradores para lidar com as adversidades presentes no seu espaço de moradia, sugerindo um fenômeno que pode ser comum a outros bairros que vivenciem também o contexto dos conjuntos habitacionais nas periferias de uma megalópole brasileira.

No próximo capítulo, o intento é prosseguir na visita das imagens e gestos construídos no calor do dia a dia, descobrindo possibilidades de desdobramento simbólico deste universo cotidiano. Pela perspectiva do imaginário, queremos nos aproximar das imagens que atuam como centros de força de coesão social na paisagem físico-cultural do bairro e compreender a cultura do morar sob a perspectiva das motivações simbólicas.

## CAPÍTULO IV

### ENTRE BLOCOS, VIELAS E AFETOS: CAMINHOS DO IMAGINÁRIO NO BAIRRO DE JOSÉ BONIFÁCIO

(...) cada cultura traz à sua angústia existencial respostas tão válidas umas quanto as outras e todas capazes de nos encantar porquanto são plenas de sutilezas, engenhosidade, sensibilidade . (ROCHA PITTA, 1980 p. 77)

Conforme fui me aproximando dos detalhes que particularizam a expressão cotidiana dos moradores de José Bonifácio nos seus espaços de moradia, foi tomando corpo um primeiro desenho imaginário do grupo estudado, no qual estão presentes representações que fornecem sentido de ação e de existência para os entrevistados.

Algumas imagens saltam aos olhos durante o processo interpretativo e sugerem apontamentos para que possamos compreender, de maneira intuitiva, as motivações simbólicas que orientam os moradores na forma como se expressam em relação aos espaços do bairro. Os textos verbais e visuais que compõem o material de campo trazem um conjunto de representações dentre as quais, num recorte, escolho comentar aquelas que julgo formarem potentes núcleos imaginários que refletem o trajeto antropológico realizado pelos colaboradores dessa pesquisa e que dialogam com o imaginário coletivo traçado na alma plural e no corpo extenso desse bairro.

Muitas das indicações trazidas nos relatos são reforçadas pelas criações não-discursivas propostas nesse trabalho (fotos, colagens, mapas ATu-9) e, diante da diversidade de materiais, concluo a arquitetura desse capítulo como “zigueagueante”, já que o intento foi de criar uma trama formada pelas imagens mais recorrentes e pelos lugares mais referidos, independente das diferentes metodologias utilizadas na coleta de materiais. O desejo que se impôs foi trazer sinais de convergência simbólica para a composição – o recorte interpretativo para realizar tal intento se serve de uma seleção de materiais mais significativos do ponto de vista da recorrência no território geográfico-cultural-simbólico do grupo estudado. Outra ressalva antes de prosseguirmos: assumo esta interpretação simbólica como pontual, constituindo um estudo de caso (aqui, o grupo de moradores colaboradores) e não pretendo afirmar conclusões definitivas acerca do bairro todo (esta pesquisa, conforme anteriormente já comentado e aqui remarcado, é destituída de caráter estatístico). Sendo assim, somente no final desse estudo, na

forma de anexos, os materiais aparecem na sua totalidade, separados e organizados conforme as diferentes metodologias de coleta.

Início meus primeiros passos na interpretação simbólica do material remetendo-me aos primeiros passos dos entrevistados quando chegaram ao bairro: seguro as mãos da criança “hermesiana” – influência chegada da mitologia grega - que agilmente me conduz por diferentes lugares simbólicos, trazendo mensagens e abrindo caminhos. Busco a inspiração de Exu - que percorreu o mundo colecionando infinitas histórias, constituindo o Oráculo do Ifá, fonte de mitos e rituais que, transmitidos pelos babalaôs, garantem o equilíbrio da vida social, segundo a perspectiva Nagô. Essas duas figuras *tricksterianas* falam muito da astúcia empreendida pelos moradores de José Bonifácio ao subverterem as regras sociais que são usualmente colocadas pela “São Paulo, cidade do progresso e desenvolvimento” para aqueles que moram na periferia. Algumas das táticas descritas no capítulo precedente falam da habilidade dos moradores em cruzar diversas referências e normas socioculturais numa bricolage que viabiliza viver o bairro conforme valores e significados criados no tecido simbólico do lugar, muitas vezes driblando imposições de caráter oficial e oficioso que surgem alheias à trama da socialidade cotidiana local.

Pudemos até agora tomar contato com a criação e adoção de atitudes estratégicas que surgem diante das dificuldades e obstáculos vivenciados, sendo possível perceber nesse trajeto antropológico (de natureza coletiva) algumas imagens que guardam as encruzilhadas no momento em que estes moradores de José Bonifácio se veem na iminência da ação, deparando-se, no ambiente vivido em comum, com a necessidade de escolher entre as demandas objetivas do meio e as pulsões subjetivas. Caminhemos pelas trilhas imaginárias para conhecer esses simbolismos nascidos localmente que são, ao mesmo tempo, universais na sua significância, própria a todo ser vivente.

## À SOMBRA DOS EDIFÍCIOS – QUEDAS, ASCENSÕES, COMBATES E ILUMINAÇÕES



Figura 21 – Vista do Morro do Morganti – prédios da COHAB José Bonifácio – foto realizada por colaborador em passeio fotográfico - 2012

O impulso desenvolvimentista, que avança alargando as fronteiras da mancha urbana, ergue prédios e disciplina ferozmente as margens dos rios urbanos, a despeito do custo humano e ambiental envolvido nessas manobras. O imaginário diurno se afirma como predominante na Grande Cidade. A verticalização das moradias, num movimento marcadamente heroico, sinaliza o desejo de progresso como visão orientadora, sendo a forma mais difundida de afirmar a propaganda “melhoria” das condições de vida na cidade. No ano em que finalizo esta pesquisa (2014) o bairro de José Bonifácio sofre o impacto da multiplicação quase que instantânea das obras viárias, num movimento iniciado pela administração pública em conjunto com setores privados que tem como objetivo suprir o aumento de demanda da circulação dos automóveis durante a realização da Copa do Mundo e incrementar o mercado imobiliário com novas ofertas no bairro... Um futuro melhor desponta para José Bonifácio? Um novo impulso de crescimento para o bairro se anuncia. O progresso traz a visão de um futuro brilhante. No entanto, a toda ascensão se associa uma queda... Pretendo apresentar, aqui, algumas imagens presentes nos relatos e nas representações

figurativas que refletem oposições – atualizações da dicotomia ascensão-queda, luz- trevas - revelando expressões do imaginário diurno:

Três grandes temas, com as interferências a que o estudo dos esforços imaginários nos habituou, parecem-nos não só constituir os homólogos antitéticos das faces do tempo, como também estabelecer uma estrutura profunda da consciência, esboço de uma atitude metafísica e moral. O esquema ascensional, o arquétipo da luz uraniana e o esquema diarético parecem, de fato, ser o fiel contraponto da queda, das trevas e do compromisso animal ou carnal. (...) Precisamente porque são antitéticos da confusão temporal é que se organizam os três (temas) em torno de um esforço de separação, de segregação (DURAND, 1997, pg 123-124)

Os simbolismos do imaginário diurno formam a face mais evidente (ou idealmente almejada) do bairro para aqueles que se identificam com o discurso da eficácia e do desenvolvimento em José Bonifácio. Esta mesma motivação simbólica é percebida em diversas formas construídas e gestos no convívio.

Voltemos nossa atenção às expressões que constituem modos de confrontar ou negar as ameaças identificadas no território do bairro (ou como nomeia Durand no trecho acima citado, as formas concretas que combatem as tenebrosas “faces do tempo”): aqui, o simbolismo das formas ascensionais (de erguimento, na direção dos céus), luminosas (que dissipam as trevas) e diaréticas (de separação, classificação) impregnam as inovações urbanas. Obras viárias de grande porte, avenidas marginais aos rios da região, assépticos shopping centers são lugares que asseguram espaços bem delimitados e individualizados no uso da cidade além de pretensamente fornecerem um maior controle sobre a imprevisibilidade de elementos da natureza (terra, chuva, rios, vegetação, animais).

No plano dos comportamentos e escolhas cotidianas, os esforços heroicos contra as principais ameaças identificadas no bairro – que incluem o lixo, a criminalidade e as drogas, conforme comentarei com mais detalhes posteriormente – tomam a forma de comportamentos que abrangem desde gestos que impactam negativamente nas dinâmicas de convívio (como a estratificações na convivência baseadas em diferenciações socioeconômicas e religiosas, a divisão dos espaços comuns e isolamento nas unidades de moradia) até ações que impactam positivamente na trama de vínculos entre moradores como mutirões de limpeza e organização de espaços ociosos.

A concepção da polícia como única forma de assegurar a sensação de segurança no bairro também pode ser considerada como um gesto social do imaginário diurno:

*É a falta de segurança, em geral, nosso caso, que faz as pessoas se esconderem. A gente fica trancado dentro de casa e os vagabundos ficam na rua. Infelizmente. Acho que o que precisaria ter mais mesmo é mais ronda policial. Eles passam nas avenidas, mas nas outras ruas, como essa daqui que é sem saída, eles só entram se veem alguma coisa errada, alguma coisa suspeita, ou se algum morador chama. Com relação a minha convivência com os vizinhos aqui no prédio é “bom dia, boa tarde, boa noite, tudo bem”.*  
C. moradora da COHAB

*“O que a gente tem hoje, foi depois de muita luta. Pras minhas filhas, o conselho que eu dou é ir pra escola e voltar. Ou elas ficam no computador que elas tem aí ou faz algum trabalho da Igreja, trabalho de escola. A gente não fica muito do lado de fora. Eu e a mãe dela procuramos não deixar as meninas com amizade com certas pessoas aí, porque a maioria das meninas aqui tá no meio desse negócio de baile funk, de namoradinho, Minhas filhas eu não deixo porque isso acaba em droga ou gravidez. Eu ensino o que é bom, o que é ruim”.*A. morador do Cingapura

*Se você olhar da minha janela, tem um vão. Aí, minha filha começou a fazer teatro com o Coletivo Alma, na Casa de Cultura Raul Seixas. Não sei o que falaram de plantar aí ela comentou. Eu falei pra ela fazer o seguinte: “Conversa com síndica que está aí agora pra ver se tudo bem comprar umas sementes e você cuidar. Vocês vão plantar, vão ver como é o plantio, vão colher uma salsa..”. Aí, depois de pedir permissão pra plantar, a síndica comprou um material e fez um muro sem precisão, cimentou, fechou. Agora ali serve pra que? Pra neguinho jogar lixo, bituca de cigarro; quando chove, empossa. Era uma coisa que ia servir pra minha filha, pro filho dela e pros outros também. Dava pra plantar tanta coisinha. Esse prédio é morto, é sem vida. Eu tenho vida da porta pra dentro. Da porta pra fora, não tem vida. É uma coisa morta.* A.P. moradora da COHAB

*Acho que as pessoas estão individualistas. Hoje você tem sua casa, seu carro e a sua família – nada mais importa. Se não tiver cultura, não tem problema. Se não tiver transporte público, que está uma porcaria, não tem problema. Ninguém corre atrás porque tem o seu garantido. Se eu tenho minha casa, meu carrinho, minha família, tá tudo certo, eu não preciso de mais nada. Então, por exemplo, tem alguns espaços culturais como o Parque Raul Seixas... está lá. Poderia ser um espaço maravilhoso. Mas quem quer brigar por aquilo? Às vezes precisa pessoas de fora daqui pra poder brigar por aquele espaço, que reconhecem a importância.* R. moradora da COHAB

O preconceito (termo mencionado diversas vezes nos relatos ) traz questões sobre a *rejeição do outro ou pelo outro...* Esta atitude diátrica acaba se retransmitindo progressivamente, em redobramentos que se repetem com justificativas aparentemente distintas, mas que se revelam semelhantes ao negar aquele que é tido como “diferente”:

*“É aquela coisa: primeiro, por você morar numa periferia, então você já sofre um certo preconceito mesmo. Porque é da periferia. Aí depois tem a zona leste, periferia da zona leste, que é diferente da periferia da zona sul, que é diferente da periferia da zona norte. No estereótipo, quem vive na*

*periferia da zona leste é pobre, seria o periférico mais ignorante. E se você for ver, tem muita coisa boa também. Até coisa de cultura que eu tô conhecendo hoje em dia, tem muita gente fazendo cultura aqui, muita gente da arte. Hoje eu tenho orgulho de falar: eu sou da periferia. Antigamente eu me sentia excluída - eu nunca me incomodei por estar aqui, mas me incomodei porque as pessoas criavam uma imagem que não era verdadeira. Mesmo sofrendo esse olhar, pra mim não importava, não mudava nada no que eu era e no que eu sinto. E hoje é como se eu tivesse assumido que não importa onde eu moro, importa quem eu sou. (...) Eu sou quem eu sou pela criação que eu tive, claro, mas por ter morado aqui. Acho que muitos valores que eu tenho hoje, foi por eu ter morado numa periferia, foi por ter morado na COHAB”. (R., moradora da COHAB José Bonifácio)*

*“Zona Leste diz que é maloqueiro, que tem coisa que não tem na zona sul. Lógico que tem, né? Diz que se você vem de lá pra cá, você sente a diferença. Eu não sei porque eu nunca fui pra zona sul mas diz que pra lá tem uma diferença. Quando alguém pega o metrô pra ir pra Itaquera já diz: “meu deus, eu vou pra lá...” porque, pra quem nunca viu, acha que é um lugar terrível. É que nem falar de lá: fala Capão Redondo todo mundo faz “óóó”. É um com medo do outro. Não sei te explicar direitinho, mas é bem assim.*

*(...)*

*Meus filhos se passarem daqui pra cima... Eles não tratam como um morador da COHAB. Embora a COHAB seja pior que aqui. Aqui a gente é tratado como maloqueiro. Já senti o preconceito. Você tá ali fora, você sente a diferença. Eles não gostam do pessoal do Cinga. Eles acham que aqui só tem bandido e vagabundo”. ( M.L. moradora do condomínio Cingapura Raul Seixas)*

*Eu já senti o preconceito. Eu fui numa festa aqui na COHAB II (COHAB José Bonifácio é conhecida como COHAB II, leste), na casa das minhas colegas. Aí perguntaram pra mim: “Onde você mora?” Eu falei: “Eu moro ali embaixo”. E ela: “Ali embaixo aonde? Não acredito que você mora ali naquele Cingapura..”. Eu falei: “E o que você tem contra o Cingapura? A menina: “Deus me livre! É só passar ali, os marginais já roubam a gente”. Eu falei: “Você já olhou na cara do marginal?” Ela disse que não. E eu disse: “Eu moro no Cingapura. Você me viu te roubando?” Eu moro no Cingapura faz anos e eu nunca vi isso. Ao contrário: muita gente daqui de dentro foi roubada ali fora. A Natasha foi uma: o cara roubou o tênis. Apontaram a arma na cabeça da menina e tudo. Eu fico constrangida, quando perguntam onde eu moro eu digo: ali. Até pra dar endereço pra serviço você não pode dar o do Cingapura, que ninguém pega. Aqui no Joli (hipermercado de materiais de construção quase ao lado do Cingapura Raul Seixas, recentemente aberto na época da entrevista) uma pessoa daqui foi lá e quando deu o endereço o cara falou: eu não pego pessoal do Cingapura. A gente é muito discriminado. Muito. (K., moradora do Cingapura)*

Gilbert Durand comenta sobre o processo de marginalização social como integrante das transformações da sociedade, uma vez que essa passa por uma série de transições nas quais códigos, hábitos e regras alternam-se, ciclicamente, entre sua legitimação e sua negação: costumes aceitos passam a ser recusados e vice-versa: *“As margens são uma espécie de reserva cultural e social, enquanto as transformações do tempo desgastam, provocam fissuras na sociedade dominante”*. (DURAND, 2006, p. 176)

Mas a delimitação dos grupos “ativo” e “passivo” no sistema de classificações do preconceito aqui não é muito clara: se considerarmos a dimensão da cidade como um todo, José Bonifácio faz parte do agrupamento “periferias”, porém, se considerarmos o território estudado, o descompasso se manifesta numa inércia que propaga subdivisões: “moradores de casas no bairro do José Bonifácio que existiam antes da COHAB”, “moradores de prédios da COHAB”, “moradores do Cingapura”, “moradores do Cingapura e nunca antes moradores de favela”, “moradores do Cingapura e ex-moradores de favela”, “moradores do Cingapura e ex-moradores da favela Vera Cruz” “moradores do Cingapura e ex-moradores da favela do Jacu”, “moradores da favela”... Fica difícil estabelecer o início e o fim da cadeia do preconceito uma vez que se está inserido nela.

PAULA CARVALHO (1999) fala sobre o etnocentrismo como um fenômeno no qual se privilegia um universo de representações como modelo e se reduz à insignificância as culturas “diferentes”. Sempre partindo de um referencial teórico-prático (e podemos falar aqui das concepções e práticas do morar), tornam-se outras culturas subalternas por comparação. A “problemática da sombra” constitui uma dinâmica de exclusões-estigmatizações sociais onde as alteridades são tomadas como mais diferentes do que de fato são, já que o outro discriminado representa algo inconsciente que incomoda reconhecer como próprio:

(...) os outros (alteridades) que foram tornados mais diferentes do que são para serem afogados com as melhores intenções, que foram produzidos e construídos, esses outros incomodam porque são aspectos meus e de meu grupo e de minha cultura mas com eles incompatíveis... Por isso eu os exorcizo e os encarno nos bodes expiatórios, que sendo executados limparão minha consciência e o ser social...Eles são, como diz Jung, a sombra coletiva do meu grupo, ou o inconsciente que incomoda reconhecer (...)

 (PAULA CARVALHO, 1999, pp. 34-35).

Esse autor descreve como estratégias do preconceito no trato com as alteridades (remetendo-se a Levi-Stauss e Taguieff): antropofagia dialógica (englobando o outro pelo discurso persuasivo), antropofagia digestiva (que inclui todas as formas de aculturação),

antropoemia genocida-etnocida (destruição do diferente, como nas perseguições), antropoemia da tolerância (em aparência, respeita-se o outro, mas acontece um isolamento sem que haja um enfrentamento das diferenças). Situo tais manifestações no conjunto de atitudes heroicas presentes no cotidiano de José Bonifácio (e acredito que, da mesma forma, esse fenômeno se repita em outros bairros periféricos com semelhantes configurações)

No plano das representações figurativas, quando estimulado a criar uma colagem sobre o bairro de José Bonifácio, um morador do Condomínio Cingapura, elaborou uma composição que considero possuir um forte caráter heroico (Figura 22). Ele recortou duas figuras: na figura que tomo como principal na sua colagem, um grande foco de luz traz uma revelação para a qual um homem aponta. O bairro onde gostaria de morar é um sonho distante como a paisagem turística que ele coloca logo abaixo – nesta segunda figura, um alto edifício, moderno, à beira-mar, aparece como um sonho de descanso sob a brisa marítima distante da realidade que, ao invés, traz um rio Jacu deteriorado, aprisionado pela Avenida Jacu Pessego no recorte emoldurado pela janela de seu apartamento. O bairro do qual este morador quer falar se ilumina sob um grande feixe de luz, longe do desconforto do lixo e do perigo das drogas – aspectos sombrios tidos como os piores do bairro, conforme relatos dos colaboradores desta pesquisa.

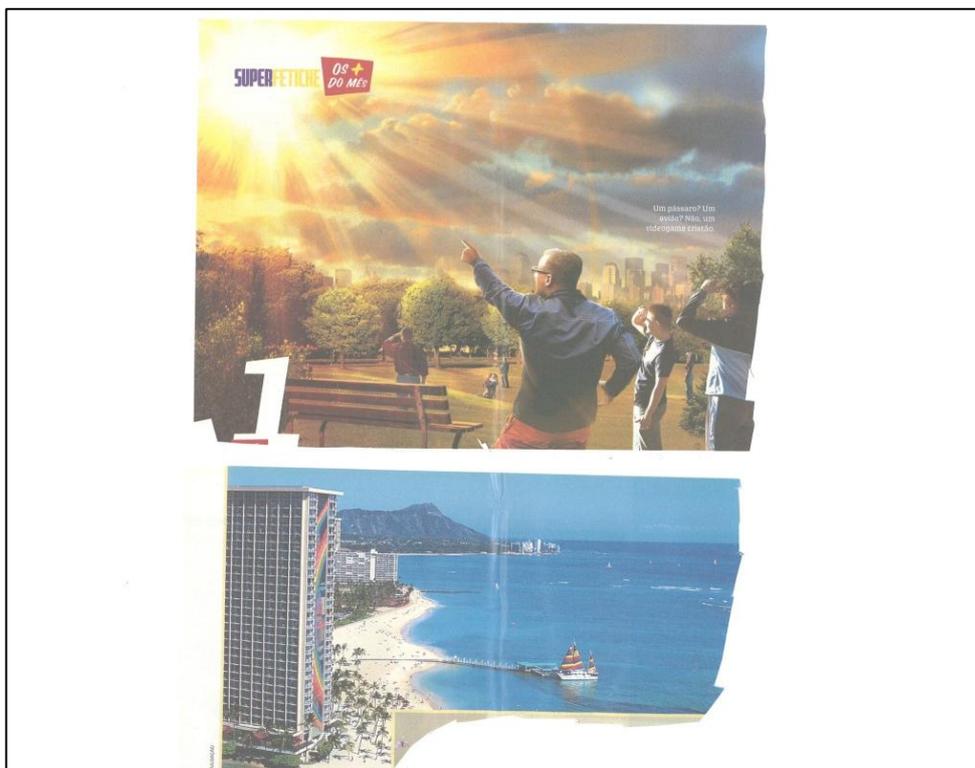


Figura 22 – Colagem realizada por morador do Condomínio Cingapura

A luminosidade também é um dos aspectos que ganha maior destaque na colagem desta moradora da COHAB (Figura 23):



Figura 23 – Colagem realizada por moradora de prédio da COHAB

A claridade predomina na totalidade da colagem: conforma o ambiente posicionado no centro do papel (uma sala com bastante luz, cores claras, confortável e ampla), emoldura a família na foto posicionada logo acima, dá o tom às roupas do papa e das pessoas ao seu redor além de servir como cenário onde os adultos se exercitam, na foto mais abaixo. Uma luz também aparece por entre as árvores, como numa clareira que evidencia a frente da casa isolada numa paisagem bucólica – e não notamos qualquer outra casa ou presença do ser humano no entorno. A intenção que predomina é de delimitação – tanto no isolamento da casa ou mesmo no contraste da claridade junto dos traços mais escuros. Interpreto esta colagem como uma representação heroica na leitura do bairro.

Outra possibilidade de leitura se abre na análise das representações do elemento espada no teste projetivo ATu-9:

Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Espada de São Jorge (planta)	Enfeite	Jardim do prédio	+
2	Espada de brinquedo	Alegria	Área comum do prédio	+
3	Faca	Cortar males	Avenida Jacu Pêssego	+
4	Faca	Violência	Casas COHAB	-
5	Faca	Utensílio	Supermercado Lopes	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Faca	Violência	CPTM Dom Bosco	-
7	Espada	Justiça	Em nenhum lugar do mapa	+
8	Espada de Samurai	Segurança	Virginia Ferni	+
9	Espada de príncipe	Antiguidade	Av. Jacu Pessego	+
10	Bíblia	Guia espiritual	Cingapura	+

Quadro 1. Distribuição do elemento **espada** nos espaços do bairro de José Bonifácio

Dentre os dez testes realizados, temos que o elemento “espada” – ícone bastante presente no imaginário diurno e que neste teste concentra esta projeção – é representado tanto por semantismos positivos como negativos (na proporção 5/5). A inversão do simbolismo deste elemento (ligada a motivações do regime noturno das imagens) ocorreu na mesma proporção, trazendo alguns simbolismos eufemizantes tais como: “enfeite”, “alegria”, “utensílio”, “guia espiritual”, “antiguidade”. Significados como “violência”, “para cortar males”, “justiça”, “segurança” trazem preservado o caráter combativo do regime diurno das imagens, sem que haja evidência clara de um lugar que se destaque no bairro concentrando projeções do imaginário heroico. Logo, não há sugestões conclusivas acerca de um espaço notadamente “diurno” do bairro segundo a concepção dos entrevistados.

Uma moradora do Condomínio Cingapura não posicionou este elemento – que, para ela, simbolizava a justiça – em nenhum espaço do local. Um posicionamento grave é adotado por essa moradora, já que na sua leitura do bairro, não há espaço para justiça.

O único lugar do bairro citado duas vezes como espaço de projeção do elemento “espada” foi a Avenida Jacu Pêssego - via que recebe intenso fluxo de carros e caminhões no sentido da Rodovia Ayrton Senna e serve como cenário para situações significativas relatadas pelos moradores. Símbolo do progresso - por permitir o fluxo rodoviário e por “disciplinar” o curso do rio Jacu – esta avenida é uma espécie de marginal que se localiza na área da várzea aterrada e já foi espaço para eventos tão diversos entre si como festejos comunitários (carnaval de rua), e atropelamentos e furtos a automóveis. As simbolizações dessa avenida dialogam com o corpo fluvial margeado por ela, conforme comentaremos mais adiante.



Figura 24. Título: Jacu-Pêssego – foto realizada por colaborador em passeio fotográfico, 2012.

### **ONDE MORA O PERIGO...**

A angústia diante do tempo e da irreversibilidade da morte toma formas diversas e gera as motivações imaginárias diurnas e noturnas, conforme vimos discutindo no decorrer desse trabalho. Iniciamos esse capítulo mencionando as formas imaginárias mais difundidas no discurso oficial, concordantes com o pensamento que predomina no planejamento urbano concebido pela administração pública: as formas heroicas do progresso e desenvolvimento. No entanto, pretendo agora retomar ao estágio anterior no qual voltamos nosso olhar na direção das imagens de angústia que desencadeiam as projeções imaginárias dos moradores, identificando as figuras terrificantes que significam o universo sombrio do bairro.

As formas que representam a angústia diante da morte, fenômeno inerente ao ser humano, são socializadas, como lembram TEIXEIRA & PORTO (1998, p.55):

Tem-se, pois, que o homem necessita representar o medo, atribuir significados comuns a situações, objetos e pessoas que causam temor. A representação é, em si, uma forma de controlar, antecipar, conhecer o medo. Pela representação, ele é partilhado e socializado, mas, ao mesmo tempo, é ampliado e estendido, e a consequência é que se deseja controlá-lo cada vez mais.

Temos, pois, que o grupo estudado possui imagens de medo compartilhadas, resultantes do interstício físico, social, cultural e simbólico que interliga nossos entrevistados. Se a Avenida Jacu Pêssego representa um dos marcos de progresso no bairro, o rio Jacu, margeado por ela, não chega a ser reconhecido propriamente como um “rio”, mas ao invés como um “córrego” para onde confluem inúmeras saídas de esgoto. O Jacu é reconhecido como “rio” principalmente nas memórias dos moradores antigos que o conheceram antes da construção da avenida. Entre nossos entrevistados, a moradora K.A. (que antes habitava uma construção improvisada integrada à ocupação que beirava esse curso d’água, atualmente moradora do Condomínio Cingapura) coleciona episódios vividos à beira do Jacu que vão desde a convivência cotidiana atravessando-o por pinguelas até a experiência dramática de ter sido lançada ao rio quando atropelada por um automóvel, poucos dias após a inauguração da via expressa marginal. Como elemento da natureza convertido a espaço de descarga de impurezas, o rio passa a ser lugar de representações ligadas à noção de morte ao invés de afirmar a vida. O dramático episódio vivido por K.A. é emblemático:

*Tem uma história tão triste... Eu tinha dezenove anos e fui atropelada assim que inaugurou a avenida Jacu Pêssego, na véspera de carnaval. Eu e meu marido estávamos atravessando a rua. O carro pegou a gente com o farol aberto pra gente. A gente tava na calçada, o carro pegou meu marido e com o impacto fui jogada dentro do rio Jacu. Aí depois eu não vi, porque eu desacordei. Fiquei em coma três meses. Quando eu acordei eu estava gestante de cinco meses. Quando eu fui atropelada eu não sabia que estava grávida de dois meses. Quando eu acordei, eu tava com amnésia. Minha mãe foi falando pra mim direitinho e explicou que os médicos foram tirar raio -X e descobriram um feto. O Gilmar tem dezessete anos, o Robert tem quinze, a Juliana tem dezesseis, a Ruanda tem doze, Namíbia com dez, o Malik vai fazer sete anos agora, e aí vem a Keisha, com quatro anos. Eu tive o Robert engessada e parto normal ainda... foi uma coisa muito dolorosa. Eu sofri o acidente e ficou por isso mesmo: não recebi nada. Tenho platina na perna. Tomei trinta e cinco pontos no rosto. Meu marido tem platina nas duas pernas. Fiquei com sequelas porque hoje em dia tenho uma dificuldade tão grande... eu tenho o meu pé atrofiado pra baixo. Não ponho tênis, só ando de chinelo. Até hoje não recebi nada. Corri atrás, mas não recebi nada. Quem me atropelou foi um japonês, isso foi pra Justiça. Arrumei uma advogada e ela comeu tudo que era meu... sumiu com o dinheiro. Tinha que ter indenização para mim, pro meu marido e pro meu filho porque quando*

*meu filho nasceu, veio pra casa e depois de sete dias eu tive que correr com ele pro Hospital. Chegando lá, o médico desenganou ele porque tinha uma bactéria da água do rio no pulmão dele e ia pro cérebro dele. Os médicos disseram que se sobrevivesse, ia ser uma criança mongoloide. Eu me agarrei em tudo. Hoje ele é a criança mais saudável de casa. Não fica doente... mas fiz uma pá de tratamento porque até os sete anos de idade ele tinha umas bactérias que só dava pra ver no microscópio. Ele foi gerado com aquela água do rio.*

A criança gerada sob a ameaça de uma água impura, num fluxo carregado de morte, nos remete ao aspecto tenebroso da água, que neste caso tem seu efeito amedrontador intensificado quando associada à sujeira, à doença. Um comentário sobre o isomorfismo sombrio das águas por DURAND (1997, p.96):

*A primeira qualidade da água sombria é o seu caráter heraclítico. A água escura é o devir hídrico. A água que escorre é amargo convite à viagem sem retorno: nunca nos banhamos duas vezes no mesmo rio e os cursos de água não voltam à nascente. A água que corre é figura do irrevogável.*

Sob o impacto dessas imagens localizamos as primeiras representações terríficas reveladas nos textos orais e visuais: o lixo e a sujeira são formas concretas que concentram os semantismos negativos no bairro, principalmente no cotidiano dos moradores do Condomínio Cingapura:

*Sujeira. Esgoto. A prefeitura não tá nem mais aí com isso daqui. De mês em mês o esgoto entope aí enche os apartamentos de baixo, fica aquele cheiro insuportável que você não aguenta. As caixas de esgoto que eles fizeram não é compatível pro tanto de gente que tem aqui dentro – ela sobe, ela enche, aí joga pra avenida, enche os apartamentos, fica aquela podridão dentro de casa que você não aguenta. O esgoto a céu aberto, o lixo. A saída do esgoto daqui do Cingapura é a céu aberto, lá atrás. Quando a caixa-mãe do esgoto enche, transborda e vai tudo pra avenida. E a prefeitura não liga, não vem mais, não aparece. A gente não sabe se estamos abandonados, se eles vão aparecer... do lado de lá, atrás, você devia tirar uma foto, é um lixo só.  
M.L. moradora do Cingapura*

*Outra coisa errada é a sujeira aí atrás – é coisa que morador joga, é esgoto que às vezes entope e fica aí. Já chegou a ficar meses aí entupido, com mosquito entrando na minha casa. A saída do esgoto fica bem na minha janela. Eu vou te mostrar daqui a pouco: a grama pra lá, perto dos blocos 3 e 4, tá bem certinha, bonitinha. Aqui é o único prédio diferente – não cortam a grama, tem a saída de esgoto bem perto da minha janela, o lixo fica lá, os mosquitos ficam entrando... Do que adianta? Eu limpo minha casa, minha casa é uma benção, mas olha aí a sujeira. Mosquito da dengue pode entrar aqui e picar as minhas filhas. Isso é falta de organização. Acho que isso só*

*mudaria tirando o síndico. Da última vez que teve eleição pra síndico, só minha mulher e minha filha falaram pra mudar, os outros não falaram nada, ficaram quietos. Ficam falando por trás: que a síndica é isso, que a síndica é aquilo... só que na hora de dar opinião, não dá... A secretaria da habitação deveria tirar quem não paga o condomínio... A. morador do Cingapura*

Ponto de discórdia entre os moradores do Cingapura por se fazer presente nas áreas comuns do condomínio, o próprio conceito de lixo é relativizado por moradores que já tiveram a atividade de catação de recicláveis como fonte de renda:

*Bom, a gente foi jogado igual cachorro aqui dentro. A gente foi tirado da favela, então era chamado de marginal. “Tiraram os animais de dentro da favela e colocaram no alojamento. Agora vamos domar eles dentro dos prédios. Vamos ensinar pra eles o que é uma casa”. Começaram assim. O povo no entendimento deles: “Ah, eu ganhei um apartamento”. Eles queriam ensinar pra gente que chegou aqui o que é morar dentro de uma casa. O que era morar dentro de uma casa pra assistente social? Horário do silêncio, porque é apartamento; ter horário pra tudo; não jogar nada – beleza, isso daí era pra estar ensinando mesmo. Coisas de carro... Mas se já viu quem mora na favela ter carro? Na favela ninguém tinha carro. Era mais cavalo. Não colocar carrinho de reciclagem – e se o povo já sobrevivia disso? Eu mesma já catei, não tem nada de errado. Eles queriam fazer aqui como no Morumbi, tipo um bibelot. Deixo, colocou, já era. Eu achava um absurdo. K.A. moradora do Cingapura*



Figura 25 – Sem título – ponto desqualificado entre edifícios, com descarte irregular - um sofá transformado em lixo – foto de colaborador em passeio fotográfico 2012

De outra parte, a incorporação do que é considerado como “sujeira” (materiais como recicláveis ou sinais de uso dos espaços comuns que vão de restos de alimentos a bitucas de cigarro) à paisagem cotidiana dentro do Cingapura incomoda a uma parcela de moradores, reverberando reminiscências do modo de vida nas favelas:

*(...) é que aqui era favela e tem pessoas que levam a favela dentro delas, não pensam em melhorar de vida, pensam em viver do jeito que viviam quando aqui era favela. Quando eu era criança eu morava em favela, no Parque Novo Mundo, na Vila Maria. Quando eu morava na favela, era no barraco, enchia de água... quando as pessoas mantêm a favela dentro delas elas não tem higiene, não arrumam o seu próprio lar, deixam seu lar sujo, cachorro sujo dentro de casa... Não pensam em crescer. Quando eu morava na favela, eu não entendia muito as coisas, era criança. Era um lugar muito violento. Meus tios morreram lá, muitos parentes meus morreram lá. Se você cresce num lugar muito violento, onde a criminalidade impera, é difícil... Eu cresci criado pela minha avó, eu não tive pai, não cresci junto da minha mãe, vivi no meio de muita violência. Eu parti pro crime por falta de oportunidade. Essa desigualdade social é em parte por causa das pessoas, em parte por causa do governo que não ajuda a melhorar a situação do prédio. Aqui em casa temos arrumado mais, progredido, mas é nossa própria melhora. Cada um vive da maneira que quer, mas o que os outros aqui fazem na parte de higiene me afeta porque não adianta eu limpar minha porta e meu vizinho não limpar a dele. Isso acaba gerando conflito, confusão. A gente vai falar e a pessoa não gosta... (A. morador do Cingapura)*

*Porque é difícil... a pessoa vem de uma favela... ela é acostumada a pagar o que na favela? Hoje não, porque hoje eu fiquei sabendo que na favela paga água e luz. E na época que não pagavam nada? Não pagavam água, não pagavam luz, não sabiam o que era um esgoto. Hoje já tem esgoto, que é saneamento básico. Muita coisa hoje é paga. Então as pessoas que vieram na época, com meu pai, não sabiam o que era apagar nada. Então foi muito difícil. Tem gente que catava lixo, tem gente que vendia, reciclava as coisas no barraco pra poder sobreviver e teve que abrir mão disso tudo pra vir pra cá, prum apartamentinho desse. (M.L. moradora do Cingapura)*

O estado dos espaços comuns dentro do Cingapura Raul Seixas – espaços desqualificados desde a entrega dos apartamentos como a área que se estende atrás dos quatro blocos ou abandonados ao longo do tempo de ocupação do condomínio como a quadra esportiva – é mencionado como fonte de intenso desconforto:

*(...) falta pintura nesse prédio, um parque pras crianças – as crianças ficam aqui no meio dos carros e aquele espaço tá livre lá no fundo. O que estão fazendo lá? Jogam entulho. E a quadra é pra que? Se a gente mexer, as crianças não vão ter que ficar no meio dos carros. Eu não vou ficar brigando porque a criança tá riscando o carro. Eu não vou. Eles não tem espaço. É perigoso brincar lá no fundo, se passar um maníaco, leva essa criança. (K.A. moradora do Cingapura)*

*Tudo isso é um problema e na minha visão tinha que pintar a frente. A lixeira era pra arrumar. O portão era pra arrumar. Tá cheio de mato na quadra, minha filha tava lá e uma cobra quase picou ela... Tinha uma cobra na quadra. Nesse lugar dava pra fazer um parquinho pras crianças. Outra coisa: a garagem era pra ser só pra morador mas tem pessoas de fora que vem colocar carro aqui. Não tem porteiro. Tem que colocar porteiro, tem que colocar interfone. Tem que melhorar essa área aqui atrás dos prédios, tem que colocar iluminação. Pessoal acha que aqui é favela. As pessoas não fazem nada pra melhorar o lugar. (A. morador do Cingapura)*

Na simbolização dos espaços do bairro no ATu-9, somente um dos moradores do Cingapura Raul Seixas menciona a própria casa como refúgio. Em comparação, todos os moradores dos blocos da COHAB sinalizaram sua casa como refúgio. O próprio Cingapura chegou a ser representado como o elemento “monstro” no mapa por um dos moradores do condomínio. Essas escolhas simbólicas podem sinalizar um bloqueio na apropriação do apartamento como sendo um “lar”, já que este é um processo de envolvimento afetivo, de significação do espaço de moradia como sendo um lugar de intimidade e conforto, onde buscamos recriar as energias para lidar com as demandas diárias:

Um psicólogo notou muito bem o duplo uso que pode ser feito da construção habitável: a casa é uma construção... Mas é também uma habitação, um lar. Há duas orientações simbólicas possíveis: para uns a casa deve ser construída antes de se tornar aleatoriamente um lar, para outros – e estes últimos que nos interessam nestes capítulos – a casa representa primitivamente um lar... esses não decompõem em fatores racionais e em fatores sentimentais... a cabana está muito mais próxima deles que o arranha-céu... E é de fato para essa última espécie de imaginação que a casa assume seu sentido mais profundo: a amêndoa importa mais que a casca. Do mesmo modo, a significação da casa como construção de si, invocando a imagem da pedra angular, e a parábola evangélica das duas casas não passam, na nossa opinião, de incidências secundárias do fundamental simbolismo da intimidade. (DURAND, 1997 pp. 244-245)

.A questão do lixo – principal aspecto sombrio referido pelos moradores do condomínio Cingapura – permanece como o mais citado ponto frágil na organização do espaço comum que gera impacto sobre as relações entre vizinhos. Não há uma resposta evidente para a pergunta mais frequente: o lixo deixado nos espaços comuns seria causa ou consequência da dificuldade em apropriar-se do lugar de moradia? Talvez devamos nos aproximar desse dilema cotidiano despojados da necessidade de explicar o caso pela ótica da causalidade... São múltiplos fatores a serem levados em consideração: a relatividade do conceito de lixo para diferentes moradores, a associação ao passado na favela, o significado do ato em si como sendo negativo – “deixar restos” - ou afirmativo – “deixar rastros”...

Outro fator que se destaca como fonte de angústia – desta vez tanto entre moradores da COHAB como do Cingapura – é a sombra da criminalidade e das drogas. Fatores indissociáveis na fala deles, o medo gerado por esses elementos relaciona-se tanto à vivência cotidiana no bairro como ao retratado pela mídia de massa.

*(...) não ando tanto pelo bairro, mas só procuro evitar lugares que tem tráfego aqui próximo... nos lugares que a gente sabe que tem, evita até ficar passando, como no São Pedro, na Virginia Ferni. Não cabe a nós ficar andando por esses lugares, se acontecer uma batida da polícia e tiver uma troca de tiros... Nós procuramos evitar andar por lá. A. morador do Cingapura*

*O bairro em si é ruim. Falta policiamento, você vê poucos policiais passando na rua. As ruas são escuras. Tirando as avenidas, todas as ruas paralelas, que nem a minha aqui, só tem lâmpada de um lado da rua, do outro não tem. As ruas ficam muito escuras. Dependendo do horário, assusta. Porque fica fácil se esconder. Eu mesma já fui assaltada na rua, entrando no prédio. Há muito tempo, mas aconteceu. Não acho que seja algo só desse bairro. Eu vou pra casa da minha sogra, que mora lá há trinta anos, casa térrea, é igual: portão fechado, dentro de casa. É a falta de segurança, em geral, nosso caso, que faz as pessoas se esconderem. A gente fica trancado dentro de casa e os vagabundos ficam na rua. Infelizmente. Acho que o que precisaria ter mais mesmo é mais ronda policial. C. moradora da COHAB*

A rua Virginia Ferni concentra o maior número de projeções dos elementos ligados à angústia – cinco menções entre os elementos “queda” e “monstro” nos mapas ATu-9 feitos pelos moradores. As imagens ligadas a semantismos negativos incluem uma série de quedas (queda espiritual, queda de bicicleta, queda da humanidade) além da menção dos termos “morte” e “prostituição” que, segundo os relatos, superam a condição metafórica.

Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Árvore caindo	Medo	Em frente ao prédio (vê pela janela)	-
2	Escada	Sucesso	Área comum prédio	+
3	Queda d'água	Paz	Asilo	+
4	Queda de bicicleta	Machucado	R. Virginia Ferni	-
5	Escada	Perigo	Entrada da Igreja	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Atropelamento	Dor	Av. Jacu Pessego	-
7	Demolição	Reconstrução	Cingapura	+
8	Queda do telhado	Morte	Av. Jacu Pessego	-
9	Queda de bicicleta	Degradação	CPTM José Bonifácio	-
10	Queda espiritual	Ausência de Deus	Virginia Ferni	-

Quadro 2. Distribuição do elemento **queda** nos espaços do bairro de José Bonifácio

Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Alma penada	Livrar do que não é bom	Igreja	+
2	Violência	Aprendizados	Em casa	+
3	Monstro azul do desenho animado	Medo	Avenida Jacu Pêssego	-
4	Mula sem cabeça	Medo	Igreja	-
5	Lobisomem	Maldade	Atrás casas COHAB	-
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Arma	Morte	Rua Virgínia Ferni	-
7	Condomínio Cingapura à noite	Feiúra	Condomínio Cingapura	-
8	Satanás	Prostituição	Virginia Ferni	-
9	Dinossauro	Atração	CPTM Dom Bosco	+
10	Demônio	Queda da humanidade	Virginia Ferni	-

Quadro 3. Distribuição do elemento **monstro** nos espaços do bairro de José Bonifácio

A forma com que as duas redes de entrevistados lidam com o medo é distinta: enquanto o grupo de moradores da COHAB é motivado e reprimir a criminalidade citando a polícia diversas vezes, no Cingapura Raul Seixas prevalece o que é nomeado como “respeito” ou um trato tácito no qual os traficantes (moradores do Cingapura Raul Seixas ou não) e demais moradores mantem uma convivência com conflitos atenuados:

*(...) aqui é um lugar legal de se morar, porque se falar que nenhum outro lugar tem drogado, traficante... é mentira. É que aqui todo mundo respeita todo mundo. (K moradora do Cingapura)*

A declaração de K. durante a entrevista coincide com o sentido de declarações dadas por outros moradores do Cingapura em conversas informais, fora da situação de entrevista. A presença dos traficantes traz um incômodo que é (forçosamente, na maior parte dos casos) minimizado: o estímulo ameaçador pode permanecer no círculo de intimidade, visível nos espaços comuns cotidianos, afinal o indivíduo “traficante” é visto como semelhante apesar do comportamento reprovável. Porém, ainda que incorporado à convivência nos espaços comuns do Cingapura Raul Seixas, a figura do traficante permanece distinta, contrastada. Não posso, contudo, delimitar até que ponto a maneira como se dá a relação com a criminalidade neste condomínio seja espontânea ou compulsória – vários acontecimentos ligados a esse universo são mantidos no segredo das comunicações internas dentro do próprio condomínio, numa circulação de informações às quais não tive acesso.

Diversamente, numa atitude diairética (conforme já comentado anteriormente), os entrevistados que moram nos blocos da COHAB referem-se à necessidade de combater a ameaça das drogas, separando-se claramente destes aspectos sombrios. Essa motivação

simbólica acaba por gerar uma série de comportamentos que interferem na maneira de viver o bairro:

*Hoje é difícil morar aqui no bairro porque tem muita droga. Na rua... os meninos entram no prédio porque o vizinho dali vende. Fica muito difícil, as crianças não tem mais liberdade. Hoje só tem o parquinho (Parque Raul Seixas) e, mesmo assim, tá muito difícil devido a droga. Devia ter uma viatura ali. Mas não tem. Não tem essa liberdade. Eu sei que todos os lugares tem problema de droga hoje em dia. Mas aqui é demais. Não pode olhar na janela. Porque se você olhar na janela e acontece alguma coisa, falam que é você porque você tava na janela. Eu tenho medo. Por causa da minha filha. Ela tem treze anos. Eu não posso falar “vai, filha”, devido ao movimento de drogas. Ela não tem quase convivência. Ela saiu quase agora porque foi na casa de uma amiguinha. Falei: vai, toma cuidado e volta. Ela é muito presa, fica muito no apartamento. (A.P. moradora da COHAB)*

TEIXEIRA & PORTO (1998) comentam, apoiadas numa ampla revisão bibliográfica, que o imaginário do medo, alimentado por dados reais ou imaginários, é consubstanciado em objetos historicamente determinados e pode estabelecer uma rede de relações de solidariedade entre indivíduos unidos pelo sentimento comum de insegurança assim como pode levar a adoção de novas medidas de segurança sobretudo sob o monopólio dos poderes instituídos. A ideologia da total e absoluta “tranquilização da vida social”, no entanto, ao tentar reprimir no corpo social a difusão de formas de ritualização da violência, sabota as possibilidades de negociação com essa característica que é própria do humano.

Ainda versando sobre como se manifestam as “faces do tempo” em José Bonifácio, é perceptível a menção, na realização dos ATu-9, do fogo como estímulo ameaçador, como veremos na análise do quadro 04 :

Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Fósforo	Queimar galhos que sobram	Jardim	+
2	Brincadeira	Jogo	Em casa	+
3	Sol	Vida	Bairro todo	+
4	Árvores queimando	Destruição	Mutirão Batista	-
5	Incêndio	Destruição	Nenhum lugar	-
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Bombeiro (apagado)	Salva-vidas	Bairro todo	?
7	Bombeiro (apagado)	Salvar do perigo	Pq. Raul Seixas	?
8	Fogueira	Luz	R. Bartolomeu Ferrari	+
9	Fogueira	Chama no coração	Av. Nagib Farah	+
10	Inferno	Morte sem salvação	O bairro todo	-

Quadro 04. Distribuição do elemento **fogo** nos espaços do bairro de José Bonifácio

Por duas vezes o fogo sequer pode ser visualizado em nenhuma de suas formas, dada a dimensão ameaçadora que lhe é atribuída: a figura que aparece é a do bombeiro, já estando as chamas apagadas. Em ambas as representações, o sentido é de perigo, necessitando o surgimento de uma figura que traga salvação. Declaradamente maléfico, o fogo também surge na imagem do inferno, de incêndios. Uma minoria de entrevistados visualiza manifestações positivas para o fogo – estas eufemizam sua ação evocando formas suavizadas como a fogueira e a brincadeira com fogo. Curiosamente, este foi o elemento do ATu-9 no qual o bairro como um todo esteve mais presente: foram quatro ocorrências, sendo que três destas projeções se estendem pelo bairro todo enquanto uma extingue totalmente do lugar a ameaça de destruição sob as chamas. É significativo notar que uma das projeções sobre o bairro é negativa, na forma do inferno que simboliza morte sem salvação – este morador do Cingapura demonstra um intenso nível de rejeição ao bairro. Nas outras três projeções, o bairro é simbolizado com figuras que reafirmam a vida, defendendo do mal. Sob o fulgurante calor ígneo, o perigo pode assumir formas que se espalham, percorrendo todos os espaços indiscriminadamente, sendo difícil delimitar seu lugar. O fogo também pode tomar distância e, com grande potência, aquecer e iluminar o bairro todo na forma do sol, pleno de vitalidade. Como transitar entre essas duas significações?

Por vezes, a habilidade de criar estratégias para lidar com os obstáculos parece se esgotar – a dimensão da ameaça sobressai às expressões do imaginário e a sensação de impotência se manifesta, como na colagem criada por um morador do Cingapura, conforme comento a seguir:

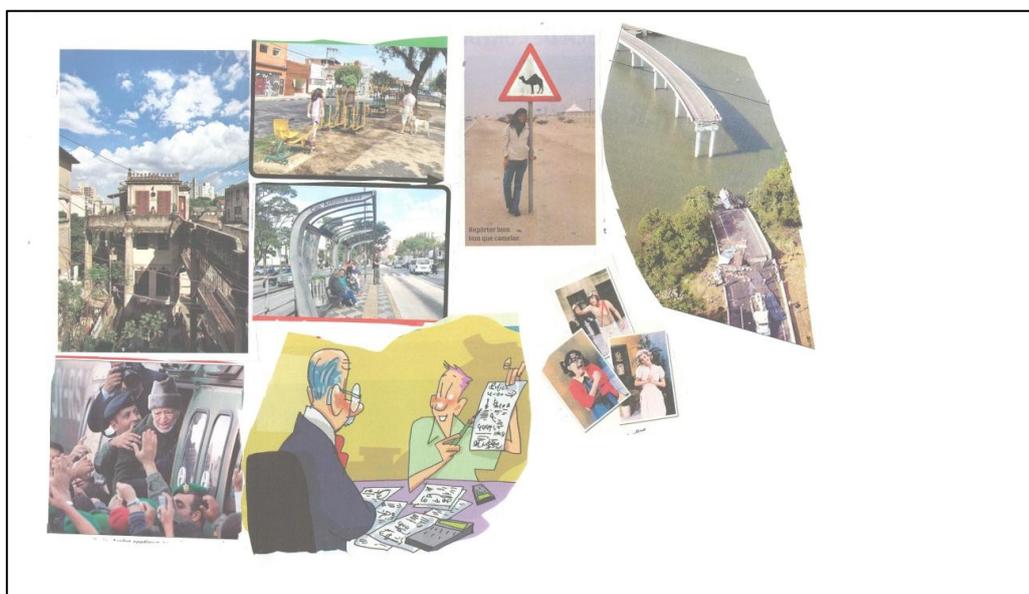


Figura 26 – Colagem realizada por morador do Cingapura

Na figura 26 predominam situações de angústia: ruínas de antigas casas lembram uma referência de acolhimento que já não é mais possível, o ponto de ônibus depredado não protege da chuva, uma solitária mulher apoia-se numa placa em meio ao deserto, o trânsito não é possível na ponte inacabada, uma multidão cobra um homem por seus atos infelizes... Em menor escala, a ilustração mostra uma entrevista de emprego (sic) – momento que se anuncia a este morador, adolescente e estudante do ensino médio. Os personagens de um seriado infantil aparecem como um comentário sarcástico: “... porque esse bairro é uma comédia”, descreveu este morador num tom amargo conforme mostrava sua colagem.

Sem vencer o combate, nem sentir acolhimento ou mesmo compreender aonde desemboca uma sucessão de fatos, a narrativa implícita na colagem revela que o personagem principal dessa história – o morador em questão – não consegue encontrar nenhuma solução. Uma importante expressão de angústia. Retomo o conceito de trajeto antropológico para refletir sobre o processo vivido por este jovem: aqui, o dinamismo organizador das estruturas do imaginário tem sua fisiologia assediada pela vulnerabilidade social e as intimações objetivas do meio cósmico e social exercem um contrapeso maior na “balança simbólica” do que suas pulsões subjetivas. Uma desestruturação do imaginário se insinua – tal como descrito na aplicação do AT-9 em uma série de pesquisas em psicologia e educação. Assim como ele, outros moradores da grande urbe encontram dificuldade em eleger uma constelação simbólica que permita dissipar a angústia, já que esta surge em tantos planos paralelos. O drama se mantém inconcluso quando não é possível identificar (e lidar com) tantas e diversas oposições.

Sigamos em trajeto modificando o acento do nosso olhar: partindo da estase – como retenção do fluxo de imagens – para o êxtase do encontro, neste mesmo lugar de investigações simbólicas, agora adentrando o universo noturno...

## O FRÁGIL CULTIVO DO ACOLHIMENTO



Figura 27 – Horta comunitária de José Bonifácio (2012)

Os escassos espaços verdes criados de forma independente em José Bonifácio – já que não houve implantação de paisagismo de forma difundida pelo bairro, sendo poucas as áreas de respiro fora dos limites do Parque Raul Seixas ou da decadente Praça Brasil - tem um importante papel de equilíbrio social no bairro. Criados em lugares a primeira vista improváveis como terrenos baldios ou declives abandonados, estes espaços surgem como contraponto à desenfreada e desordenada urbanização do bairro.

Na figura 27 podemos observar crianças e adultos às voltas com algumas mudas na Horta Comunitária de José Bonifácio. Encravado em meio aos blocos da COHAB, o pequeno terreno é cuidado principalmente por Dona Severina, que vende a produção a um restrito grupo de moradores locais. Ao lado, em um dos inicialmente planejados centros comerciais, uma série de associações funciona precariamente. O consumo de drogas ilícitas acontece com certa frequência quando os portões das associações abaixam, nas altas horas da madrugada.

No momento em que finalizo a redação deste trabalho (primeiro semestre de 2014) Dona Severina e todas as associações ao redor receberam notificações para desocuparem o terreno, pois a COHAB pretende implantar novos prédios ali. A especulação imobiliária expande seu alcance ao bairro por conta da visibilidade criada pelo midiático “Arena Corinthians” popularmente conhecido como “Itaquerão”, estádio recém construído para receber alguns

jogos da Copa do Mundo e que fica bem próximo à José Bonifácio. Assim como a Horta Comunitária, outros espaços de plantio improvisado também estão ameaçados de deixarem de existir.

As áreas de cultivo são iniciativas dispersas pelo bairro, conhecidas localmente, geralmente com pouca visibilidade para vias de circulação. Subvertendo a lógica do desenvolvimento, essas manifestações são mais frequentes do que o perfil urbano do bairro poderia sugerir ao olhar incauto de um visitante: hortaliças, ervas para chás, flores e, em algumas áreas, frondosas árvores frutíferas se misturam a imensidão de concreto.

Esse gesto social revela a necessidade que alguns moradores têm de manter contato com a terra referindo que desta forma sentem-se “em casa”. Geralmente o plantio é instaurado por moradores mais velhos, sendo que os mais jovens, quando participam, é de forma ocasional. É necessária disposição para atividades de cuidado: o cultivo requer uma série de medidas como “aguar” as plantas, podar, “tirar o mato”, cuidar de “doença de planta”, tratar a terra... Ter um jardim ou uma horta significa um relacionamento diário que pode durar muitos anos, e, nos casos com os quais tive contato, ocorre certa continuidade nas referências e motivações de um passado rural – todos os velhos jardineiros e horticultores de José Bonifácio “roçaram” quando jovens: carpiram, colheram e venderam sua pequena produção para gerar subsistência quando suas famílias habitavam lugarejos até então distantes da industrialização. Essa persistência nas referências familiares e a perseverança em orbitar neste território de imagens e gestos – aqui, os simbolismos vegetais – revela uma motivação noturna, numa espécie de nostalgia terna que minimiza o aspecto ameaçador da passagem do tempo e da evidência da morte.

A diversidade de espécies heterogêneas caracteriza essas reduzidas áreas, espalhando pequenos retalhos de tecido vegetal multicolorido pela trama de prédios. O apelo sensorial envolvido nessa atitude, numa expressão da estrutura mística do imaginário, reforça o sentimento de acolhimento e abre um espaço contemplativo à parte do ritmo veloz da cidade. Ao mesmo tempo, remete-nos ao ciclo, que se substancia no intervalo entre enterrar a semente e esperar que ela brote, o que traz outra referência temporal distinta do tempo urbano, retomando a lenta descida pela terra e a fisiologia dos ciclos orgânicos. No gesto desses moradores, a busca por pertencimento ao lugar onde moram passa pela experiência telúrica, permitindo que realmente habitem este lugar. Durand (1997) comenta sobre o isomorfismo maternal e telúrico na gestação do sentimento de pertença a um lugar:

O sentimento patriótico (dever-se-ia dizer matriótico) seria apenas a intuição subjetiva deste isomorfismo matriarcal e telúrico. A pátria é quase sempre representada sob traços feminizados: Atena, Roma, Germânia, Mariana ou Albion. Numerosas palavras que designam a terra têm etimologias que se explicam pela intuição espacial do continente: “lugar”, “largo”, “província”, ou por impressões sensoriais primárias: “firme”, “o que resta”, “negro”, que confirmam as ligações isomórficas que estamos estudando. Essa passividade primordial incita às fantasias do repouso que Bachelard tão bem soube detectar na imaginação telúrica dos escritores. (p. 231)

Mas as aspirações expressadas por esses indivíduos são estranhas ao regime de imagens que predomina na São Paulo contemporânea. O consenso social e histórico pressiona para o progresso na forma de grandes edificações em contraposição a este universo particular apontado aqui - por isso seu caráter minoritário. Não obstante, destaco a transitoriedade desse processo de recalçamento do imaginário noturno no plano da sociedade urbana atual, lembrando que, segundo a Teoria Geral do Imaginário, nossa trajetória sociocultural inclui a alternância entre regimes de imagens consensuais e marginais:

É preciso notar, de saída, que pensadores tão diversos como historiadores, filósofos da história, estéticos, assinalaram que os regimes do imaginário se localizavam muito precisamente nesta ou naquela fase cultural e que os arquétipos se difundiam como mancha de azeite numa época dada, na consciência de um grupo social dado. (...) Também os historiadores do pensamento ficam admirados com a alternância histórica do racionalismo e do empirismo, das mentalidades assertóticas e apodócticas, dos dualismos da transcendência radical ou pelo contrário do monismo e da imanência. É esta distinção em eras míticas psicossociais que permite aos estudos de literatura e de história da filosofia classificar historicamente as visões do mundo, e fazer das concepções e da imaginação de um autor uma verdadeira moda coextensiva a toda uma época. (DURAND, 1997 pp. 384-385)

Por esta perspectiva, o gosto pela natureza traz equilíbrio na circulação de imagens no plano simbólico do bairro e, por extensão, no vocabulário de gestos sociais dos moradores. O estímulo aos sentidos pelo contato com elementos naturais provoca uma forma alternativa de se relacionar com o território como lembra Maffesoli (1996) ao comentar que a natureza serve de fundamento à instauração de uma estética, permitindo o enraizamento dinâmico de uma comunidade na experiência de uma emoção comum que gera efeitos sobre a estruturação social:

É muito delicado prognosticar quais serão os resultados dessa evolução. Mas é instrutivo notar que, depois do reino absoluto de uma ideologia progressista, confiando essencialmente nos valores modernos, assiste-se ao ressurgimento inegável de valores que podiam parecer um pouco arcaicos. O certo é que será preciso contar, na pós-modernidade, com esses valores. “Rústico”, “vegetal”, não importa o nome que se dê a esses valores, é nesse

sentido que são paradigmáticos, pois mantêm a sociedade num conjunto global, lembram que as influências naturais não são desprezíveis, e que há passarelas mais sólidas do que se acredita entre o crescimento natural e o crescimento individual e social. (p.247)

A socialidade pela ótica do imaginário noturno, diferente do referencial progressista e racional do imaginário diurno, ancora-se na sensorialidade, no presenteísmo, e a relação entre espaço e vida é intensa:

(...) estamos marcados pelos lugares, e o marcamos também. Isso é o que pode novamente dar sentido à antiga expressão *genius loci*, gênio do lugar, que assegura, por sua aura própria, a constituição da tribo que o habita. A aproximação entre território e trágico é das mais importantes. Numerosas civilizações se fundaram sobre sua sinergia. No que concerne ao nordeste do Brasil, G. Freyre, em seu belo livro *Nordeste*, faz uma aproximação esclarecedora a propósito do que chama de *barro*, entre o *bairro*, causa e efeito do apego ao local (*bairrismo*), e *barro*, esta terra que serve de fundamento à sociedade. Fala, a esse respeito, de base física. É interessante, aliás, notar que isso vai dar na luxúria trágica do barroco que conhecemos. (MAFFESOLI, 1996 p.186)

Religar-se à terra, religar-se às tradições familiares – essa motivação religiosa (no sentido de buscar a face sagrada da existência) envolve um impulso místico, presente também na expressão desta moradora ao criar sua colagem conforme sua significação do bairro, conforme podemos observar na figura 28:



Figura 28 – Colagem realizada por moradora de prédio da COHAB

Aqui o tema “religião” se despe do senso classificatório diurno para agregar diferentes formas de religiosidade: assim como o papa, muçulmanos também rezam, todos unidos pela fé. O tempo é de espera por algo desejado - e o que esta moradora deseja para o bairro? A luz que envolve os homens em oração é uma luz suave, que atravessa um lustre colorido, assim como é o oratório que traz minúsculos motivos de diversas cores. O manto do papa, que prevalece sobre sua própria figura de autoridade, aparece como um envoltório que se insinua sobre as demais imagens e palavras da colagem. A música, como forma de suavizar os sons do caos urbano, compõe com uma paleta multicolorida de figuras uma integração sensorial de caráter místico:

Enquanto as cores no regime diurno da imagem se reduzem a algumas raras brancuras azuladas e douradas, preferindo aos cambiantes da paleta a nítida dialética claro-escuro, sob o regime noturno toda a riqueza do prisma e das pedras preciosas vai se desenvolver. (DURAND, 1997 p.220)

Maffesoli (1996), remetendo-se à médiance de Augustin Berque, menciona o termo “religação” como fenômeno que se dá no meio, envolvendo a relação com o outro:

(...) Reunirei por minha vez essa (mediação) à religação, jogando com o sentido que se pode dar em francês a esse termo: o que me liga aos outros; mas também pensando em seu significado inglês que remete à confiança que experimento com os outros diante de algo que nos é exterior. Assim, o meio, enquanto misto, seria a condição de possibilidade da existência humana a partir da existência social e da existência natural. O que equivale dizer que o “eu não toma consciência de si próprio” enquanto relação. Há nessa perspectiva uma forma de acomodação no seu sentido ótico, mas acomodação nos dois sentidos: de um lado, habituo-me a ver o que me cerca e os outros que partilham esse ambiente e, do outro, sou visto pela alteridade física e social. Duplo movimento que me constitui enquanto o que sou. É esse reinvestimento duplo do meio que fortalece a ordem estética. O *primum relationis*, que é causa e efeito dessa ordem, é, portanto, o da relação interpessoal, mas também o da relação com o ambiente físico, com esse dado que constitui o lugar onde vivo. (p. 259-260)

O espírito gregário, no qual prevalece o encontro, se evidencia na expressão de duas moradoras da COHAB, conforme comento a seguir.



Figura 29 – Colagem realizada por moradora de prédio da COHAB

Na figura 29 repetem-se os grupos: um cardume de peixes, crianças no parque, um time infantil de basquete, uma manifestação de rua, uma reunião de confraternização, um grupo de artistas circenses – o bairro, para esta moradora, significa, sobretudo, um espaço de vivências coletivas. O lixo, aspecto sombrio do bairro relatado pelos moradores, é eufemizado num caminhão de coleta que leva todo mal sob o sorriso do funcionário. O trem aparece brevemente citado, na foto do maquinário exposto num museu.

A mesma motivação orienta outra moradora na sua relação com os vizinhos - a fala “... não pode bater de frente” significa evitar o confronto, priorizando manter as alianças ao invés de instaurar conflito:

*“Viver em condomínio ... isso tudo depende muito das pessoas. Às vezes a pessoa até quer ter um relacionamento maior com o vizinho mas não tem oportunidade. Mas não vou dizer que é fácil. É muita coisa. Você tem que fechar os olhos pra muitas coisas... Você não pode bater de frente. O meu aprendizado aqui é que eu aprendi a conviver com as pessoas. Eu gosto muito daqui. E também, na medida do possível, se eu posso ajudar alguém, eu ajudo. Na medida do possível, porque a gente faz só o que a gente pode. E não é só com dinheiro que a gente pode ajudar. A gente pode ajudar com uma conversa, às vezes a pessoa tá tão angustiada, não tem com quem conversar, abrir o coração. Um aprendizado bom, que eu levo daqui. Mas daqui eu não vou sair não (risos), só pra casa do senhor, se deus quiser...”*  
M. moradora da COHAB

.Dentro dessa mesma constelação de imagens de acolhimento e união, a criança passa a remeter a um passado feliz e livre de embates, de encontros possíveis, de aceitação, como podemos perceber na figura 30, onde é recorrente a imagem do bebê. Uma leitura positiva predomina nas fotos escolhidas e nas palavras escritas que compõem a colagem (somente uma das palavras tem conotação negativa – “inveja”). Um sorriso surge como comentário acerca da própria composição.



Figura 30 – Colagem feita por moradora da COHAB .

O elemento “refúgio”, que tende a concentrar as projeções místicas no ATu-9, aparece nos mapas dos moradores, em alguns casos (5 / 10), como sendo localizado dentro do próprio lar. As funções simbólicas deste refúgio vão desde um espaço onde é possível viver um processo de preparação para lidar com as questões diárias, referência de conforto, descanso, paz, comunhão e cuidado até uma possibilidade de experimentar a liberdade pueril do brincar.

Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Cabana	Brincadeira	Jardim do prédio	+
2	Quarto em minha casa	Processo de Preparação	Em casa	+
3	Minha Casa	Descanso merecido	Asilo	+
4	Minha Casa	Lar	Em casa	+
5	Minha Casa	Conforto	Em casa	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Família	Paz	Igreja	+
7	Parque Raul Seixas	Qualidade de vida	Parque Raul Seixas	+
8	Igreja	Comunhão	Sabado Dangelo	+
9	Asilo	Cuidado	Virginia Ferni	+
10	Minha casa	Força, Alicerçamento	Em casa	+

Quadro 5. Distribuição do elemento **refúgio** nos espaços arquitetônicos do bairro de J Bonifácio

Em suma: a estrutura mística, ao orientar os modos de compreender a realidade e agir no mundo sugere ações de acolhimento, união e harmonização. Diante dos estímulos amedrontadores, a motivação mística tende a subverter os aspectos ameaçadores, invertendo seu sentido, criando universos paralelos de natureza pacífica ou mesmo simplesmente negando sua presença – expressões como os pequenos jardins e hortas que irrompem em José Bonifácio ou a valorização do universo infantil que por vezes colore a trama de relações nos espaços comuns entre os blocos de apartamentos são refúgios que oferecem a possibilidade do encontro em meio ao caos urbano.

Mas certa fragilidade subjaz nesses movimentos diante do recrudescimento da heroica urbanização crescente. Outras expressões do imaginário somam-se, sob o regime noturno, na busca de retomar o equilíbrio nos âmbitos simbólico, cultural e social, como veremos a seguir.

## COMO METAMORFOSES AMBULANTES: LUGARES NO BAIRRO E NA ALMA...



*Figura 31 – Título: “Lindo Parque” foto de colaborador realizada em passeio fotográfico, 2012*

Como último itinerário desse trajeto, chegamos a alguns lugares no bairro e na alma onde a angústia diante da inexorabilidade do tempo se dissipa numa continuidade cíclica: como parte de um processo de alternâncias que inclui lado a lado o luminoso e o sombrio nas vivências do bairro, constelam-se imagens de harmonização dos contrários e de contraste entre opostos.

A epígrafe implícita na nomeação deste tópico, que fecha este capítulo, fala da música “Metamorfose Ambulante”, de Raul Seixas – artista que teve seu nome emprestado ao único parque criado em José Bonifácio. O parque, ao longo da sua existência, tem sido lugar intensamente amado e rejeitado por moradores do local, representando um espaço para vivências de encontro, de questionamento de regras sociais pelos adolescentes, de sintonização com a natureza. Como um ponto de respiro simbólico, pelo parque circulam manifestações imaginárias diversas. Curiosamente, este lugar reverbera simbolicamente a aura destes versos, criados por seu epônimo:

“Prefiro ser  
 Essa metamorfose ambulante  
 Do que ter aquela velha opinião  
 Formada sobre tudo  
 Eu quero dizer  
 Agora o oposto do que eu disse antes  
 Eu prefiro ser  
 Essa metamorfose ambulante  
 Do que ter aquela velha opinião  
 Formada sobre tudo  
 Sobre o que é o amor  
 Sobre o que eu nem sei quem sou  
 Se hoje eu sou estrela  
 Amanhã já se apagou  
 Se hoje eu te odeio  
 Amanhã lhe tenho amor  
 Lhe tenho amor  
 Lhe tenho horror  
 Lhe faço amor  
 Eu sou um ator  
 É chato chegar  
 A um objetivo num instante  
 Eu prefiro ser  
 Essa metamorfose ambulante  
 Do que ter aquela velha opinião  
 Formada sobre tudo  
 Do que ter aquela velha opinião  
 Formada sobre tudo”

A metamorfose ambulante cantada por Raul embala ideias de transformação, de mudanças que se estabelecem num dado intervalo de tempo. “Se hoje eu te odeio, amanhã lhe tenho amor”... O que se apresenta no tempo presente já terá tomado outra forma no futuro. Assim como as árvores do parque estão em sintonia com essa noção de mudança contínua conforme acompanham os ciclos sazonais - a copa frondosa de folhas de verde intenso se torna trama de galhos secos adormecendo novos ciclos - também os jovens buscam o parque para vivências “secretas”, não vividas em outros espaços à vista dos pais, no seu próprio rito de passagem: o primeiro beijo, o primeiro namoro, as primeiras experiências junto dos amigos que também vivem o mesmo momento de transformação. De criança a adolescente, do espaço familiar para o espaço do bairro e da cidade – esses jovens transitam por limiares sociais, adolescendo no contexto de um bairro de periferia, deixando para trás alguns referenciais de compreensão e ação e apropriando-se de novos modos de habitar o mundo.



Figura 32– Colagem feita por moradora do Cingapura

Na figura 32, um grupo de jovens aparece como figura central – o “círculo” de amizades é mencionado como ponto positivo no bairro. Criação de uma moradora adolescente, a colagem também mostra o desejo de viver duas situações próprias do universo feminino: a gravidez e a inserção no mercado de trabalho. Dois momentos mencionados como significativos na trajetória de vida de uma mulher. Talvez o apoio dos amigos lhe dê suporte emocional para enfrentar as dificuldades, como lembra a lágrima que corre. Conseguir um emprego é algo que requer bastante esforço e que traz o vislumbre de outra vida, com menos vulnerabilidade social e financeira – os adolescentes entrevistados (e outros jovens moradores com quem manteve contato, em conversas informais) mantêm um expressivo currículo de cursos extra-escolares, geralmente de caráter profissionalizante: secretariado, auxiliar-técnico administrativo, línguas estrangeiras, marcenaria... Os jovens de José Bonifácio vivem um contexto socioeconômico no qual ter um emprego é uma motivação que começa a se fazer notar já nos últimos anos em que cursam o segundo ciclo do ensino fundamental. E o combate é árduo: poucos postos de trabalho, a muitos quilômetros distantes dali, na sua

maioria. Entre um lugar e outro de vida, o parque: reminiscências da infância, experimentações no presente, um futuro a espera de acontecer...

Por doze vezes representado na totalidade dos ATu-9 (o lugar mais representado dentre todos no bairro), o Parque Raul Seixas recebeu somente imagens e simbolizações positivas, de afirmação da vida: como refúgio, traz a ideia de qualidade de vida; como elemento cíclico, simboliza evolução (na imagem da saia rodada), diversão (na imagem da roda gigante) e lazer (na imagem da bicicleta); como lugar de projeção de personagens, simboliza diversão (na imagem do palhaço), alegria (na imagem de um personagem do cinema norte americano) e diversão (na imagem de um personagem infantil); é tido como lugar para meditação (na imagem de uma cachoeira), como lugar de proteção contra o fogo (na figura do bombeiro); além de simbolizar generosidade, companheirismo e paixão na figura de animais como o cachorro e o gato. Essa polivalência simbólica – o parque foi espaço de projeção para seis elementos do ATu-9 – sugere que este é um local onde se torna possível restabelecer, de forma contínua e dinâmica, o equilíbrio entre regimes de imagem. Lugar de alimentar-se de imagens plenas de vitalidade, estar no parque significa poder circular livremente entre distintas motivações simbólicas, numa espécie de trânsito imaginário. Durand (1983) descreve que, da mesma forma que acontece na sociedade como um todo, há microclimas sociais que refletem o caráter circular da influência de certas matrizes simbólicas: segundo a *tópica social*, certos mitos passam de um estado de latência, onde permanecem no inconsciente coletivo (antropológico e cultural) para um estado de consciência, até atingirem um pico de influência sobre os gestos sociais. Após esse ápice, as matrizes simbólicas desgastam-se (alteram sua forma, perdem sua potência) para, a seguir, retornarem mais uma vez ao estado de latência. Ao mesmo tempo, o lugar de predominância simbólica sobre o social é ocupado por outras influências mitológicas.

Maffesoli (2010) comenta sobre um estado de saturação onde um “símbolo iluminador” que projeta formas de organização social passa por um recrudescimento, exercendo sua influência graças à coerção, a violência – como ocorre nos tempos atuais, quando prevalece na estruturação das instituições educativa, social, política e econômica o imaginário diurno. O autor menciona que um outro espírito do tempo está em gestação:

Quando se tem a lucidez e a humildade de observar, a longo prazo, as histórias humanas, percebe-se que sempre o apogeu de um valor provoca seu declínio. São numerosos os termos, eruditos ou familiares, que expressam esse fenômeno. Os sociólogos irão falar de um processo de saturação, os historiadores de inversão quiasmática, os psicólogos de compensação. Não

importa o termo empregado. Trata-se de uma inversão de polaridade, causa e efeito de uma profunda mutação societal ou antropológica. (p.60)

TEIXEIRA (2006) comenta sobre a retomada dos mitos noturnos adormecidos no inconsciente coletivo e que têm, em comum, atributos como a ligação, a coesão, a aproximação, a conciliação de contrários. Nesse contexto de transição da bacia semântica<sup>3</sup>, uma nova forma de vivenciar as identidades e as alteridades se anuncia livre de oposições rígidas:

(...) um mundo está morrendo e outro está nascendo. Nesse mundo em gestação as narrativas míticas que atribuíam sentido à vida já não servem às experiências humanas. As metáforas, imagens e símbolos já não conseguem mais comunicar os sentimentos e significados que tinham originalmente no tempo em que foram criadas. Estão fora de lugar.

Partindo dos relatos e representações (ATu-9, sobretudo), considero o Parque Raul Seixas como o principal espaço no bairro onde as trocas simbólicas e sociais podem acontecer dentro dessa dinâmica de transformação. Esse processo de metamorfose, evidente na puberdade de grande parte de seus frequentadores, se desdobra de diversas outras formas no trajeto antropológico dos moradores do bairro. O brincar das crianças, o descanso sob as árvores, o ensaio da companhia de teatro, o treino de capoeira, a apresentação musical, o encontro de bordado: todas essas vivências permitem um salto fora do paradigma do progresso e da eficácia e podem ser experimentadas em grande parte no parque - espaço de apelo coletivo, onde é possível, na diversidade, gestar novas maneiras de ser e estar no mundo.

Voltando à canção, lembro também como as diferenças muitas vezes coexistem de maneira sincrônica: “Lhe tenho amor, lhe tenho horror, lhe faço amor, eu sou um ator”... Aqui as contradições não se excluem, guardadas as diferenças. Um contraste, já apontado previamente no terceiro capítulo, é bastante palpável: em alguns relatos aparece, de forma patente, o aspecto ameaçador do parque (consumo de drogas, potenciais estupradores) ao mesmo tempo em que não houve sequer uma simbolização negativa do local nos mapas simbólicos criados. E, partindo de minha própria vivência no bairro, devo mencionar: casualmente encontrei no próprio parque alguns dos entrevistados que referiram sentir medo de ir lá... É impossível saber o quanto da sombra projetada sobre o parque é emprestada da mídia e o quanto advém de experiências pessoais – não obstante, é significativo perceber que este é o lugar onde se projetam, ao mesmo tempo, a luz e a sombra de José Bonifácio.

---

<sup>3</sup> Para retomar a noção de bacia semântica, página 26.



Figura 33. Título : "O pato Costa" – foto de colaborador realizada em passeio fotográfico, 2012

A capacidade de síntese, que transparece na atitude dos moradores em diversos momentos, é uma expressão do imaginário sintético, como comenta Durand (1997): “*A síntese não é uma unificação, como a mística, não visa confusão dos termos mas a coerência, salvaguardando as distinções*” (p. 349). Já foi comentado, acerca de algumas das estratégias imaginárias adotadas para lidar com os estímulos angustiantes, que a sombra muitas vezes é incorporada no convívio comum, mesmo que de forma diferenciada – isso acontece, em particular, dentro do Condomínio Cingapura: longe de maniqueísmos, os indivíduos que representam o mundo da criminalidade são tratados “com respeito” pelos vizinhos (ainda que tenham seu comportamento reprovado). Em outro movimento sob a mesma motivação simbólica, muitos materiais descartados como lixo são encarados como portadores de valor e são reutilizados ou reciclados.

Despedimo-nos de José Bonifácio no fluxo da rua Sabado Dangelo, uma das principais vias de circulação do bairro, local que mais recebeu projeções do elemento cíclico no ATu-9:

Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Bambolê	Diversão	Pátio do prédio	+
2	Saia	Sinal de evolução	Parque Raul Seixas	+
3	Pião	Brincadeira	Rua Sábado Dangelo	+
4	Carro	Locomoção	Rua Sábado Dangelo	+
5	Bicicleta	Lazer	Parque Raul Seixas	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Roda Gigante	Lazer	Avenida Jacu Pêssego	+
7	Roda Gigante	Diversão	Parque Raul Seixas	+
8	Vitral redondo	Perder-se em pensamentos	Escola Joaquim	-
9	Direção do carro	Segurança	Sabado Dangelo	+
10	Tempo	Escassez	Sabado Dangelo	-

Quadro 06. Distribuição do elemento **cíclico** nos espaços arquitetônicos do bairro de J Bonifácio

A rua Sabado Dangelo é a mais antiga via de ligação com o centro da cidade. Paralela à recente avenida Jacu Pêssego, esta rua já existia nos primeiros anos do bairro e até hoje por ela passam inúmeras linhas de ônibus. As simbolizações positivas como segurança, locomoção e brincadeira, colocam em destaque as qualidades positivas trazidas pela mobilidade providenciada. Já a escassez de tempo, que subjaz paradoxalmente à velocidade da vida na cidade, é uma simbolização que sintetiza o drama vivido no transporte público da cidade.

Gostaria que o percurso interpretativo traçado até aqui fosse recebido como uma versão da biografia de José Bonifácio, e que essa trajetória de significações que encontraram formas de expressão no bairro contribuísse para a percepção de novos caminhos na educação no âmbito da moradia social, conforme comento no último capítulo desse trabalho.

## CAPÍTULO V

### HABITAR COMO ATO PLENO DE SENTIDO – CRIANDO POSSIBILIDADES

“O espaço percebido pela imaginação não pode ser o espaço indiferente, entregue à mensuração e à reflexão geométrica. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação” (BACHELARD, 2008, p.20).

Como arremate final no percurso trilhado por José Bonifácio, retomo a pergunta que motivou meu caminhar por memórias e moradas: que sentidos podem ser criados na relação de uma comunidade com seu espaço de moradia? A pergunta revelou-se bastante instigante ao gerar muitas respostas e ensejar ainda outras perguntas... O contexto periférico e a configuração dos CHIS envolvem uma série de particularidades no uso cotidiano dos espaços urbanos e esta mesma pergunta se apresenta todos os dias, de forma dramática, aos moradores que desejam habitar suas moradas para além de uma sobrevivência submetida às contingências. Dotar de sentido um espaço significa gravar na concretude significados caros ao sujeito, como pudemos perceber em cada uma das histórias relatadas neste trabalho. Esse gesto – tornar um lugar sua própria casa – é muitas vezes contornar, noutras vezes confrontar, condições limitantes colocadas pelo modo como tem se constituído a cidade.

O planejamento e a execução das intervenções durante o período de pós-ocupação tardio dos CHIS se dá, em grande parte, pela Secretaria Municipal de Habitação. Numa revisão preliminar dos programas propostos por esse órgão, durante essa fase de vida dos empreendimentos sociais, predomina (quando ocorre) a requalificação habitacional e urbana (focando a melhoria em infraestrutura como guias, calçadas, iluminação pública, saídas de esgoto, fachadas, esquadrias entre outros elementos). São pouco frequentes práticas pedagógicas que priorizam garantir qualidade de vida aos moradores do ponto de vista sociocultural como o fomento às atividades culturais ou a educação ambiental – ações desse tipo têm ocorrido, na maioria dos casos, nos programas de pós ocupação propostos durante o pós-ocupação imediato. No entanto, ao tomarmos contato com as situações vividas e relatadas aqui (numa amostra de um microuniverso), nos damos conta de uma série de demandas dessa ordem que surgem em decorrência do formato e da maneira como se dá a implantação desses conjuntos – estas demandas se situam no campo das relações interpessoais, nos remetendo a

processos de identificação e de apropriação afetiva que tem importantes implicações no redesenho diário dos espaços comuns dos CHIS. Portanto, como primeiro ponto de destaque, chamo a atenção para um quadro complexo de necessidades subjetivas (que, é importante frisar, possuem desdobramentos concretos nas transformações no bairro descritas aqui) que tem sido subestimado na relação de propostas de intervenção nas habitações sociais, sobretudo durante o período tardio.

De modo extremo, há que se considerar a existência de um histórico de políticas habitacionais que tem ignorado, factualmente, o significado do termo “habitar” no seu sentido pleno, reduzindo a amplitude dessa experiência ao mero “sobreviver” quando subjuga seus moradores a duras condições de vida desde os primeiros momentos de ocupação – em meio à precaríssima infraestrutura de serviços e transportes - até os anos mais tardios – num quadro de segregação sociocultural sedimentado nas vivências cotidianas de trabalho, educação e lazer na cidade.

Outro ponto que gostaria de destacar são os significados possíveis que o termo “participação” pode assumir na concepção dos programas de pós-ocupação dos CHIS implantados pelo poder público. Partindo do trabalho de campo realizado nesta pesquisa (tendo ouvido relatos e representações de um grupo de moradores de José Bonifácio) e da leitura dos relatórios institucionais de pós-ocupação dos empreendimentos nesse mesmo bairro (pela SEHAB), o caráter participativo nas atividades propostas no âmbito institucional parece ter sido reduzido, em algumas ocorrências, a assinar listas de presença e observar regras. É importante lembrar que há uma diversidade de propostas realizadas no quadro geral de intervenções no pós-ocupação dos CHIS propostas pela SEHAB – são diferentes as concepções que delineiam as metodologias aplicadas, com diferentes níveis de alcance das ações. Logo, minha crítica não se dá de forma indiscriminada, já que restrinjo minhas observações às intervenções direcionadas ao Condomínio Raul Seixas (pós-ocupação imediato) e aos Condomínios da COHAB José Bonifácio (pós-ocupação tardia).

Assuntos como organização em condomínios, higiene pessoal, educação sanitária, organização financeira formaram o conteúdo (já estabelecido a priori) exposto aos moradores em reuniões no pós-ocupação imediato do Cingapura Raul Seixas. Não ignoro a importância de tais tópicos na organização dos espaços físicos e relacionais em comum, conforme relembro a fala dos moradores. Porém, o esforço que prevaleceu, dando o tom ao conteúdo programático foi de “contenção de danos”. Não houve espaço para compreensão de hábitos de

convivência ou o estímulo a ações criativas já desenvolvidas ou apontadas pelos moradores. Assim, o caráter participativo era, nesta iniciativa, limitado às regras dadas pelo programa. Com relação ao pós-ocupação tardio do Cingapura Raul Seixas, só posso apontar a drástica ausência de intervenções por parte do poder público. Nem mesmo ações infraestruturais de reabilitação urbana do entorno, como, por exemplo, melhorias em iluminação pública, têm sido feitas conforme a demanda dos moradores. Nesse contexto, é impossível sugerir qualquer mudança metodológica em programas institucionais aplicados a esse condomínio durante a pós-ocupação tardia já que raríssimas intervenções têm sido realizadas nos últimos quinze anos.

Com o passar do tempo de vida no bairro, foram sendo criadas pelos moradores táticas de apropriação dos espaços locais – áreas verdes instauradas e cuidadas por moradores, formatos de comércio, festejos, constituição de associações, para citar algumas das estratégias relatadas aqui – que mereceriam suporte no quadro de atividades dos programas voltados à reabilitação habitacional aplicados em José Bonifácio.

Nos prédios da COHAB José Bonifácio, apesar dos isolados esforços da SEHAB ao propor trabalho conjunto com associações locais no já citado “Programa Viver Melhor”, a grande maioria das ações autorais dos moradores não receberam apoio, por serem desconhecidas. Nesse sentido, num estágio já avançado de uso do empreendimento, caberia a aproximação inicial por parte dos gestores e o levantamento de cunho etnográfico que revelassem aspectos da cultura do morar próprios ao local, para que as intervenções propostas suprissem necessidades já manifestas. Contudo, a participação de algumas associações locais foi um diferencial metodológico desse programa que sinalizou a iniciativa de incorporar ações locais em andamento, ainda que com alcance restrito.

À parte dos programas diretamente implantados pela SEHAB, o apoio do poder público às ações locais de apropriação dos espaços comuns no âmbito da moradia social pode se dar indiretamente, por outras vias, como incentivar ações voltadas à melhoria da qualidade de vida nos CHIS já desenvolvidas por associações locais (caso do Coletivo Alma) ou através da articulação com o ensino formal.

Além da discussão sobre a própria implantação e gestão dos programas em pós-ocupação pelo poder público, gostaria também de alinhar algumas noções apontadas no trajeto da pesquisa que podem sugerir novas alternativas para o planejamento e a pedagogia

das intervenções tardias nos CHIS conforme aplicadas no contexto particular de José Bonifácio (é claro que parto do pressuposto que tenham sido deixados de lado os entraves burocráticos para que haja implantação de tais programas).

A multiplicidade cultural que caracteriza os espaços da cidade se adensa na convivência dos conjuntos habitacionais: experiências pregressas tão diversas encontram-se inadvertidamente no compartilhamento de espaços comuns, produzindo uma história de vida coletiva, materializada na caótica paisagem urbana. Esse espírito plural se manifesta nos modos de perceber e agir sobre o mundo ao redor, constituindo um corpo de gestos sociais com uma dinâmica de identificação própria. Em meio a essa expressão cotidiana pudemos perceber como são engendrados alguns dos processos simbólicos que particularizam a cultura do morar em José Bonifácio.

Parto da concepção de Imaginário como função organizadora do real para afirmar o plano simbólico como estruturante nas vivências humanas e, de modo particular, na vida cotidiana desse bairro. Recorro a esta visão para elaborar algumas indicações que podem servir para incrementar a metodologia das intervenções durante o pós-ocupação dos CHIS. Início refazendo, de forma breve, meu trajeto na análise dos dados para, ao final, sugerir uma contribuição de caráter pedagógico.

Busquei identificar nos relatos e representações dos colaboradores da pesquisa as imagens (visuais e não-visuais) que mediam o uso dos espaços comuns do bairro pelos moradores para, então, reuni-las em grupamentos semânticos, inspirada pela Teoria Geral do Imaginário de Gilbert Durand. Nesse processo, algumas imagens se tornaram mais evidentes e passei a organiza-las em grupos que se relacionavam a comportamentos cotidianos: imagens heroicas que motivam comportamentos de combate e separação de opostos, outras que motivam ações de cuidado e acolhimento ou mesmo aquelas que conciliam os dois comportamentos anteriormente citados numa trajetória temporal. Esse filtro de compreensão pelo viés imaginário permitiu o cotejamento de gestos sociais, aproximando-os conforme motivações simbólicas semelhantes. Meu intuito ao realizar esse procedimento não foi classificar numa rígida tipologia tais comportamentos ou motivações. Explico: ao apropriar-me das noções durandianas de trajeto antropológico e bacia semântica, busquei demarcar as mensagens que têm uma veiculação privilegiada no meio social (o discurso do progresso e do desenvolvimento na cidade) e as mensagens do imperativo biopsicológico de uma comunidade que encontram espaço de expressão no bairro (as bricolagens diárias, os hábitos

de convivência e circulação, os lugares significados) para assim visualizar os eixos simbólicos pelos quais transitam valores, crenças e comportamentos adotados por esse grupo de moradores. Dessa forma, ao esboçar um panorama de núcleos simbólicos organizadores presentes, pude refletir sobre como se constitui a cultura do morar própria ao lugar e sobre como ela pode ser transmitida.

A pedagogia, como forma de transmissão de comportamentos, conhecimentos e ideias, é evocada na fala dos moradores de forma relacionada ao morar. Uma pedagogia percebida ora como coercitiva, imposta por agentes externos:

*“A gente foi tirado da favela, então era chamado de marginal. Na ideia deles: Tiraram os animais de dentro da favela e colocaram no alojamento. Agora vamos domar eles dentro dos prédios. Vamos ensinar pra eles o que é uma casa”. (K.A., moradora do Cingapura)*

Ora como ato expressivo que revela a necessidade de atualizar uma cultura do morar presente em tradições regionais diversas:

*“A história do jardim é a seguinte: um pouco depois que eu cheguei, vi a terra aí vazia e como eu gosto de plantar falei: “eu vou começar a plantar as coisas aqui”. Comecei plantando um pé de mandioca lá em cima, isso em 1983, por aí. Deu mandioca. Aí comecei a limpar mais um pouco a terra e fui plantando, plantando...” (I. moradora da COHAB)*

Ou vista mesmo como aprendizado afetivo, em movimentos de aproximação entre membros da comunidade:

*O meu aprendizado aqui é que eu aprendi a conviver com as pessoas. Eu gosto muito daqui. E também, na medida do possível, se eu posso ajudar alguém, eu ajudo. Na medida do possível, porque a gente faz só o que a gente pode. E não é só com dinheiro que a gente pode ajudar. A gente pode ajudar com uma conversa, às vezes a pessoa tá tão angustiada, não tem com quem conversar, abrir o coração. Um aprendizado bom, que eu levo daqui. Mas daqui eu não vou sair não (risos), só pra casa do senhor, se deus quiser... (M., moradora da COHAB)*

Essas concepções ligadas a uma pedagogia do morar, vividas de forma cotidiana na construção (objetiva e subjetiva) do que chamamos de “lar”, estão contempladas na visão de pedagogia que, em resposta às menções dos moradores, evoco aqui: uma pedagogia do imaginário que compreende as formas de difusão de conhecimentos como motivadas por

mitos e imagens que sofrem a pressão ocorrencial das ideologias num dado momento cultural de uma civilização. Como demarcam TEIXEIRA & ARAÚJO (2011, p. 79):

A pedagogia seria, pois, para Durand, o resultado de projeções imaginárias e míticas do regime de imagens dominante no percurso de uma dada bacia semântica, determinante de modos de vida que são codificados em conceitos socializados e traduzidos em sistemas pedagógicos.

Ao deparar-me com uma sobrevalorização das referências ligadas ao progresso - às rígidas classificações entre diferentes, ao controle sobre a natureza (separação homem/natureza), numa atitude diante da realidade vivida que tende a eliminar comportamentos que destoem destes valores - faço notar como essas referências diurnas, ganham corpo nas formas oficiais de organização do bairro (verticalização das moradias, gradeamento dos condomínios, isolamento nas unidades de habitação) assim como aparecem de modo recorrente no discurso oficial, patentes no perfil metodológico na maioria das intervenções institucionais durante o pós-ocupação dos CHIS. Numa espécie de recrudescimento da estrutura heroica que se apresenta como uma primeira camada de leitura da cultura do morar local, essa primeira impressão inicial dificultou inclusive a abertura de minha percepção a expressões positivas, de afirmação da vida comunitária, que partem dessa mesma matriz imaginária e se materializam no meio social estudado. A predominância do regime diurno na ambiência da sociedade moderna já foi apontada por DURAND (1997, p.430 ):

Sem disso se dar conta, a nossa civilização abusou de um regime exclusivo do imaginário, e a evolução da espécie no sentido do equilíbrio biológico parece bem ditar à nossa cultura uma conversão sob pena de declínio e de abastardamento.

Ao mesmo tempo, ao ouvir sobre situações geradoras de medo e de conflito - neste caso, a criminalidade e o problema do lixo - interrogo se imaginário do combate pode ter sido alimentado também pelo destaque dado pela mídia massiva a essas manifestações. Sem dúvida as ameaças que se apresentam aos moradores necessitam ser solucionadas porém há que se considerar uma sobrevalorização dessa situação no discurso estigmatizante que tem subestimado os quadros socioculturais periféricos. São frequentes nos noticiários as manchetes que, de modo genérico e indiscriminado, mostram essas mesmas ocorrências como únicas formas de expressão da periferia. Pressionados por um sistema de segregação física e

cultural historicamente presente na cidade, os moradores de José Bonifácio muitas vezes têm sua circulação imaginária influenciada negativamente pelas intensas demandas do meio social ao longo de seu trajeto antropológico.

Ainda assim, foi possível encontrar expressões concretas nascidas de motivações simbólicas divergentes da lógica de ocupação urbana predominante. Como um chamado, os espaços de respiro (também simbólicos) criados nas áreas de convivência (como no Parque Raul Seixas e nos pequenos comércios do bairro), nas áreas verdes independentes e nos espaços culturais anunciam outras formas possíveis de conceber e viver a cidade, regidas por outros parâmetros diversos motivados pelo regime de imagens recalcado. Como num processo orgânico de equilíbrio simbólica, expressões do imaginário noturno na concretude de José Bonifácio contrabalançam a predominância diurna e prenunciam possibilidades de transformação nos modos de habitar cidade. Sobre o antagonismo entre os regimes de imagens e sua expressão no meio social, DURAND (1997) comenta:

(...) em cada fase histórica a imaginação encontra-se presente inteira, numa dupla e antagonista motivação: pedagogia da imitação, do imperialismo das imagens e dos arquétipos tolerados pela ambiência social, mas também fantasias adversas da revolta devidas ao recalçamento deste ou daquele regime de imagem pelo meio e o momento histórico ( p.391)

Por fim, reafirmo a necessidade de intervenções que visem não somente soluções pragmáticas para os problemas infraestruturais decorrentes do ato de habitar em coletividade, como também objetivem incluir aspectos culturais, estéticos e lúdicos que se relacionem à subjetividade que é naturalmente inerente aos processos de apropriação dos espaços comuns. São necessárias ações que tenham em seu cerne tal compreensão, permitindo a expressão de valores, ideias e, principalmente, práticas cotidianas por parte dos moradores. Para tanto, o furor pedagógico que toma a forma de práticas fechadas e coercitivas deve ceder espaço a processos colaborativos de reconstrução e apropriação dos lugares, reafirmando a cultura do morar própria a uma comunidade conforme esta manifesta suas demandas. Desta forma, é fundamental o reconhecimento das táticas de resistência cultural e simbólica já adotadas pelos moradores como ponto de partida para as ações propostas à comunidade durante o pós-ocupação tardio dos CHIS. Para tanto, os espaços já utilizados pela comunidade como pontos

de referência na criação e execução de ações de apropriação cultural do bairro devem ser legitimados<sup>4</sup> como forma de garantir a dignidade do ato de morar.

---

<sup>4</sup> Devo lembrar do caso mencionado no capítulo III. No momento da redação dessa dissertação, há uma série de associações comunitárias de ação cultural e educativa, criadas pelos moradores de José Bonifácio, que ocupam espaços abandonados nos antigos conjuntos comerciais da COHAB. Esses coletivos de trabalho sofrem ameaça de interrupção do trabalho por falta de reconhecimento por parte da COHAB na forma de cessão de espaço.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALCALDE, Emerson. **A Massa**. São Paulo: Livraria Suburbano Convicto, 2009.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da prática escolar**. São Paulo: Papirus Editora, 2005.

BACHELARD, Gaston. **Poética do espaço** São Paulo: Martins Fontes, 2008

BARROS, Ana Taís Martins Portanova. **Símbolos do inferno: imagens de lugar nenhum e de algum lugar**. Revista Discursos Fotográficos, v. 9, n.14 pp. 99-122 Londrina: 2013

\_\_\_\_\_. **A permeabilidade da fotografia ao imaginário**. Revista Fronteiras – estudos midiáticos v. 11 n. 3 p. 185-191. 2009

BASTIDE, Roger. **Mémoire collective et sociologie du bricolage** . L'année Sociologique, n. 21, pp65-108 1970

BERQUE, Augustin. **Ontologie des milieux humains**. In: Mots Pluriels, n. 11 1999. Disponível em: <http://www.arts.uwa.edu.au/MotsPluriels/MP1199ab.html> Acesso em maio de 2012

\_\_\_\_\_. **El pensamiento paisajero**. Madrid: Biblioteca Nueva, 2009

BONDUKI, Nabil. **Origens da habitação social no Brasil**. Análise Social, v. 21, n. 127 pp. 711-732. 1994

\_\_\_\_\_. **Política habitacional e inclusão social no Brasil: revisão histórica e novas perspectivas no governo Lula**. Revista Eletrônica de Arquitetura e Urbanismo da Universidade São Judas Tadeu, 2001. Disponível em [http://www.usjt.br/arq.urb/numero\\_01/artigo\\_05\\_180908.pdf](http://www.usjt.br/arq.urb/numero_01/artigo_05_180908.pdf) Acesso em Janeiro de 2013

IBGE, **Censo Demográfico 2010**, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 2010

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: artes de fazer**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: morar, cozinhar.** Rio de Janeiro: Editora Vozes, 1994.

CYMBALISTA, R. et AL. **Habitação: controle social e política pública.** São Paulo: Instituto Pólis, 2007. Série Observatório dos direitos do cidadão. Acompanhamento e análise das políticas públicas da cidade de São Paulo; n. 31

DAMATTA, Roberto. **A Casa & e Rua – Espaço, Cidadania, Mulher e Morte no Brasil.** Rio de Janeiro 1997

DURAND, Gilbert. **Mito e sociedade: a mitanálise e a sociologia das profundezas.** Lisboa: A regra do jogo, 1983.

\_\_\_\_\_. **A imaginação simbólica.** São Paulo, Cultrix, 1988.

\_\_\_\_\_. **Estruturas Antropológicas do Imaginário: introdução à arquetipologia geral.** São Paulo: Martins Fontes, 1997.

\_\_\_\_\_. **Campos do Imaginário.** Lisboa: Instituto Piaget, 2006

FREITAS, Alexander. **Imagens da memória barroca de Ouro Preto: o espaço barroco como educador do imaginário ouro-pretano.** Tese de Doutorado. Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2007

ITAQUERA em Movimentos. Direção Marcelo Caetano. Produção: Jurandir Muller. São Paulo, 2008

MAFFESOLI, Michel. **Saturação.** São Paulo: Iluminuras, 2010

\_\_\_\_\_. **O tempo das tribos : o declínio do individualismo nas sociedades de massa.** Rio de de Janeiro: Forense Universitária, 1998

\_\_\_\_\_. **No fundo das aparências.** São Paulo: Vozes, 1996.

\_\_\_\_\_. **A contemplação do mundo.** Porto Alegre: Artes e Ofícios, 1995

\_\_\_\_\_. **Conhecimento Comum: compêndio de sociologia compreensiva.** São Paulo: Brasiliense, 1988.

MARICATO, E.; ARANTES, O. e VAINER, C. **A cidade do pensamento único.** Petrópolis, Vozes, 2000.

MEIHY, José Carlos Sebe Bom. **Manual de História Oral.** São Paulo: Loyola, 2005

MORIN, Edgar. **Cultura de massas no século XX – v.1 Neurose.** Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006

OSTROWER, Fayga. **Criatividade e Processos de Criação.** São Paulo: Vozes, 1984.

OTERO, Estevam. **As possibilidades e os limites da reabilitação de Conjuntos Habitacionais em São Paulo.** Dissertação de mestrado. Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, 2009

PAULA CARVALHO, J.C. **A cultura análise de grupos: posições teóricas e heurísticas em educação e ação cultural.** Ensaio de Titulação. São Paulo: FEUSP, 1991. (mimeo).

\_\_\_\_\_. **Old age, otherness and prejudice: dimensions of the group imaginary relative to the elderly.** Interface Comunicação, Saúde, Educação, v.3, n.5, 1999

PITTA, Tânia. **L'ephemere dans les villes – proposition pour une renovation symbolique de l'espace urbain** Sociétés 2001 v.1n.71 p37-45 Paris, 2001 Disponível em <http://www.cairn.info/revue-societes-2011-1-page-37.htm> Acesso em Junho de 2013

POLLAK, Mikael. **Memória, Esquecimento, Silêncio.** Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.2, n.3, p3-15. 1989.

ROCHA PITTA, Danielle Perin. **Adaptação do teste AT-9 (Yves Durand) à arquitetura: para uma arquitetura sensível** Anais do IX Ciclo de Estudos sobre o Imaginário ANO III Vol.1 No 2

ROCHA PITTA, Danielle Perin. **O impacto sociocultural sobre o regime de imagens.** Arquivo Brasileiro de Psicologia. V.32 n.4 pp.77-95 Rio de Janeiro, 1980

ROLNIK, Raquel & FRUGOLI JR., Heitor. **Reestruturação urbana da metrópole paulistana: a Zona Leste como território de rupturas e permanências.** Cadernos Metrópole, n.6 pp.43-66, 2001

\_\_\_\_\_. **Para além da lei: legislação urbanística e cidadania – São Paulo 1886 – 1936.** In: Maria Adélia A. Souza; Sonia C. Lins; Maria do Pilar C. Santos; Murilo da Costa Santos. (Org.) Metrópole e Globalização – Conhecendo a cidade de São Paulo. São Paulo: Editora CEDESP, 1999

SÃO PAULO, Prefeitura de. Secretaria Municipal de Habitação e Desenvolvimento Urbano - **Relatório de Gestão 2001-2004 – Balanço de Gestão SEHAB,** 2004

\_\_\_\_\_. **Material Explicativo Projeto Viver,** 2001

\_\_\_\_\_. **Relatório de Avaliação Final da Participação Comunitária – Empreendimento Raul Seixas (Pós-Usos).** 1997

\_\_\_\_\_. **Relatório Fotográfico de Entrega do Empreendimento Cingapura Raul Seixas – PROVER Cingapura,** 1997

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez. **Imaginário e Novas Configurações Culturais: Implicações para a Educação.** I Seminário Maranhense Arte e Imaginário na Educação – UFMA, 2006

\_\_\_\_\_. **A dinâmica do imaginário e a trajetividade da cultura re-significando o social.** Rio de Janeiro, Editora Gama Filho, 2001. p. 57-71. In: Votre, S., coord. Imaginário e representações sociais em educação física, esporte e lazer, Rio de Janeiro : Gama Filho, 2001.

TEIXEIRA, Maria Cecília, PORTO, Maria do Rosário Silveira. **Violência, insegurança e imaginário do medo.** Caderno CEDES v. 19 n.47 pp.51-66 Campinas, 1998

TEIXEIRA, Maria Cecília Sanchez, ARAUJO, Alberto Filipe. **Gilbert Durand: imaginário e educação.**Niterói: Intertexto, 2011.

## ANEXO I - Entrevistas

A., 36 anos mora no Cingapura com a esposa e duas filhas adolescentes. Ex-presidiário e atualmente desempregado, cumpriu pena duas vezes.

***TOM VITAL: “Do que adianta? Eu limpo minha casa, minha casa é uma benção, mas olha aí a sujeira.”***

Minha história é assim: eu tenho minhas duas filhas, minha esposa e há muitos anos atrás eu participei do crime, fui preso. Mas Deus abençoou e eu saí. Agora, graças a Deus, sou evangélico, vivo uma vida honesta. Nós vivemos no alojamento perto da estação José Bonifácio. O alojamento era nossa espera. Ficamos de 1995 até 1999, pra esperar ganhar um apartamento. Lá no alojamento não foi bom. Pegou fogo lá. Morreram oito crianças e quatro adultos. Daí mudaram a gente pro alojamento da Cidade Tiradentes. A gente ficou andando que nem bola de ping pong, até sair a moradia. Nós não ganhamos esse apartamento aqui, nos deram um apartamento no Cingapura da Zaki Narchi, não fomos. Daí nos deram outro no Jardim Santo André, em São Mateus mas pedimos pra trocar pra cá, porque era muito perigoso. Nessa época de decidir e entrar no apartamento eu estava preso, então minha mulher estava sozinha com minhas filhas. Quando chegaram aqui, tinha mofo nessas paredes. Inclusive nós fizemos essa reforma, que estamos acabando, falta pintar. O que eu tenho pra falar é que esse é um bairro tranqüilo, sossegado. E aqui no Cingapura, da porta pra dentro, eu não tenho que reclamar nada, mas daí pra fora... Tem vizinhos com quem a gente se dá bem, outros vizinhos não. Mas nós temos paz aqui. Aqui tem muita desigualdade... é que aqui era favela e tem pessoas que levam a favela dentro delas, não pensam em melhorar de vida, pensam em viver do jeito que viviam quando aqui era favela. Quando eu era criança eu morava em favela, no Parque Novo Mundo, na Vila Maria. Quando eu morava na favela, era no barraco, enchia de água... quando as pessoas mantem a favela dentro delas elas não tem higiene, não arrumam o seu próprio lar, deixam seu lar sujo, cachorro sujo dentro de casa... Não pensam em crescer. Quando eu morava na favela, eu não entendia muito as coisas, era criança. Era um lugar muito violento. Meus tios morreram lá, muitos parentes meus morreram lá. Se você cresce num lugar muito violento, onde a criminalidade impera, é difícil... Eu cresci criado pela minha avó, eu não tive pai, não cresci junto da minha mãe, vivi no meio de muita violência. Eu parti pro crime por falta de oportunidade. Essa desigualdade social é em parte por causa das pessoas, em parte por causa do governo que não ajuda a melhorar a situação do prédio. Aqui em casa temos arrumado mais, progredido, mas é nossa própria melhora. Cada um vive da maneira que quer, mas o que os outros aqui fazem na parte de higiene me afeta porque não adianta eu limpar minha porta e meu vizinho não limpar a dele. Isso acaba gerando conflito, confusão. A gente vai falar e a pessoa não gosta... Por isso que da porta pra dentro é uma coisa, da porta pra fora é só sair pra rua. Nós até temos amizade com vários moradores aqui... mas não é todo mundo. Uns tem essas coisas de baile funk.. bagunça a noite inteira, a síndica não toma atitude. Aí você vai falar, não gostam. Vai falar em mudar, não concordam. Não tem organização, não tem união. Teve uma festa aqui semana passada de uma moça, mandaram abaixar o som umas 23h, ela abaixou. Agora outro que fez a festa veio até às 4h30 da manhã... Pra uns é uma coisa, pra outros é outra. A opinião de uns vale, de outros não é válida. Se for alguém com quem a síndica tem amizade, a opinião é válida. É a

opinião dos amigos dela – as pessoas que fizeram festa até às 4h30 são amigas dela. Pra mim isso é errado. Outra coisa errada é a sujeira aí atrás – é coisa que morador joga, é esgoto que às vezes entope e fica aí. Já chegou a ficar meses aí entupido, com mosquito entrando na minha casa. A saída do esgoto fica bem na minha janela. Eu vou te mostrar daqui a pouco: a grama pra lá, perto dos blocos 3 e 4, ta bem certinha, bonitinha. Aqui é o único prédio diferente – não cortam a grama, tem a saída de esgoto bem perto da minha janela, o lixo fica lá, os mosquitos ficam entrando... Do que adianta? Eu limpo minha casa, minha casa é uma benção, mas olha aí a sujeira. Mosquito da dengue pode entrar aqui e picar as minhas filhas. Isso é falta de organização. Acho que isso só mudaria tirando o síndico. Da última vez que teve eleição pra síndico, só minha mulher e minha filha falaram pra mudar, os outros não falaram nada, ficaram quietos. Ficam falando por trás: que a síndica é isso, que a síndica é aquilo... só que na hora de dar opinião, não dá... A secretaria da habitação deveria tirar quem não paga o condomínio... Já fizeram acordo mas as pessoas quebram o acordo. Agora a água é individualizada. Mas condomínio não é só pra água. Tem a lâmpada que fica aí fora, por exemplo, que queima direto, e quem troca sou eu. Não é obrigação minha, a síndica tem que comprar. E outra: tem que arrumar toda essa fiação aqui. E aqui dentro não tem extintor – se acontece alguma coisa... tem pessoas que tem extintor individual. A bomba da água, tem um rapaz que vem limpar... e tem a porta da bomba que fica aberta. Se uma criança entra lá, é o maior perigo. Isso não pode. As portas da parte elétrica, da energia, ficam abertas, qualquer criança abre. Já pensou se uma criança vai lá, mete a mão lá? Tudo isso é um problema e na minha visão tinha que pintar a frente. A lixeira era pra arrumar. O portão era pra arrumar. Tá cheio de mato na quadra, minha filha tava lá e uma cobra quase picou ela... Tinha uma cobra na quadra. Nesse lugar dava pra fazer um parquinho pras crianças. Outra coisa: a garagem era pra ser só pra morador mas tem pessoas de fora que vem colocar carro aqui. Não tem porteiro. Tem que colocar porteiro, tem que colocar interfone. Tem que melhorar essa área aqui atrás dos prédios, tem que colocar iluminação. Pessoal acha que aqui é favela. As pessoas não fazem nada pra melhorar o lugar. Nós fizemos essa cozinha planejada aqui, depois de muitos anos de luta, com nosso esforço, com nosso suor, trabalhando. Da minha casa pra dentro, quem tem que melhorar sou eu. Agora lá fora, é todo mundo. Tem que ser uma equipe. É nossa higiene... tem criança, tem idosos aqui. Pode acontecer uma coisa mais grave. Teve uma reunião faz pouco tempo, pra criar uma associação pra ter melhoria no prédio. Ia aumentar o condomínio pra melhorar mais ainda. Na hora, na reunião, muitas pessoas concordaram. E quando a menina veio com a lista pra aumentar o condomínio desse prédio em 25 reais, só oito pessoas assinaram. Nos outros prédios, todo mundo assinou. Só esse prédio não quer melhoria. Nos outros prédios tem melhoria, você vai lá e ta tudo limpinho. A síndica lá no outro prédio não deixa ficar sujo o prédio. Se quiser fazer festa lá, tem horário. Esse prédio aqui é desgovernado. Tinha que ter união, mas não tem. Pra umas pessoas é uma coisa, pra outras é diferente.

Esposa: Mas esses moradores querem cobrar o que da secretaria da habitação? Eles não fazem por onde pra ter melhoria... Não pagam condomínio. A maioria não paga a moradia,, reclama, chora... não paga mas compra tênis de mil reais, uma camiseta de quinhentos reais... E não paga cinquenta e sete... Isso aqui quando entregou era impecável. Era lindo. O problema são os moradores. Eles não cuidam do lugar que moram. Eu fui a secretaria da habitação e eles

falaram que viriam aqui em 2014, 2015... Não posso julgar a secretaria da habitação, eles entregaram as unidades. Minha irmã mora no Cingapura do Jardim Santo André, em São Mateus. Lá tem mais prédio do que aqui. A Secretaria da Habitação foi lá. Se você for lá ver, é impecável lá. E você não vê sujeira no chão. E é tudo aberto lá. A SH foi lá, arrumou todas as janelas que estavam danificadas... Colocou grade, deixou tudo bonitinho. Porque lá eles tem organização, eles mantem o lugar deles. É Cingapura, igual aqui e lá todos os prédios estão pintados. Era pra eu ir pra lá mas eu não quis porque tinha toque de recolher, tinha que pagar pra entrar... Como eu ia trabalhar e deixar minhas filhas? Daí que a Habitação falou desse Cingapura aqui. Aí eu fiz a troca por esse aqui. As pessoas aqui não tem organização, moram como se estivessem dentro da favela.

A gente sofre preconceito por parte da polícia, achando que aqui é uma favela, que pode chegar e invadir. Chegam dando tiro. Já invadiram aqui muitas vezes... no ano passado já chegaram dando tiro. Maior falta de respeito porque aqui a maioria que está aqui é na sua moradia fixa. Aqui tem criança, tem idosos. Acho errado chegar dando tiro. Se vier atrás de alguma coisa que eles sabem, que venha com mandado, porque jamais eu vou abrir a porta da minha casa pra polícia invadir. Eles chegaram a invadir alguns lugares aqui, sem mandado, sem nada. Queira ou não, nós pagamos. Como vão chegar na minha casa invadindo? Eles não querem saber de nada. Aqui não é favela.

O que a gente tem hoje, foi depois de muita luta. Pras minhas filhas, o conselho que eu dou é ir pra escola e voltar. Ou elas ficam no computador que elas tem aí ou faz algum trabalho da Igreja, trabalho de escola. A gente não fica muito do lado de fora. Eu e a mãe dela procuramos não deixar as meninas com amizade com certas pessoas aí, porque a maioria das meninas aqui tá no meio desse negócio de baile funk, de namoradinho, Minhas filhas eu não deixo porque isso acaba em droga ou gravidez. Eu ensino o que é bom, o que é ruim. As amigas acabam levando os jovens de hoje em dia – inclusive, nesses dias, no natal morreu um menino que morava aqui. Ele saiu daqui, bateu a moto e acabou falecendo. Novo, dezoito anos... sendo que a mãe, há dois anos atrás, já perdeu outro filho. Por causa da bebida, por causa da droga... tem tudo isso. Na minha visão, tem que dar uma boa educação pras minhas filhas, pra não cair nesse laço. Nós ensinamos o que é certo. Eu mesmo já caí nesse laço, não quero que minhas filhas caiam no mesmo laço que eu caí um dia. Eu só quero ver a melhora delas. Nós fazemos de tudo pra dar o melhor pra elas, em termos materiais – roupa, sapato, celular – pra que elas não venham a depender de ninguém. E pra que não venham usufruir coisas que venham da desonestidade. As meninas são maravilhosas, elas sabem que quando dá pra nós fazermos, nós fazemos. Elas sabem esperar também.

O bairro é tranqüilo. O que acontece aqui às vezes, acontece em todos os bairros. Um assaltinho aqui, outro acolá. Mas é normal. A gente gosta do parque, do sesc Itaquera, o shopping... não ando tanto pelo bairro, mas só procuro evitar lugares que tem tráfico aqui próximo... nos lugares que a gente sabe que tem, evita até ficar passando, como no São Pedro, na Virginia Ferni. Não cabe a nós ficar andando por esses lugares, se acontecer uma batida da polícia e tiver uma troca de tiros... Nós procuramos evitar andar por lá.

**A. P., 40 anos, dona-de-casa, moradora da COHAB José Bonifácio por durante a infância, adolescência e após o casamento. Vive com a filha de 15 anos.**

**TOM VITAL: “Esse prédio é morto, é sem vida. Eu tenho vida da porta pra dentro. Da porta pra fora, não tem vida. É uma coisa morta”.**

Vim de Carapicuíba pra cá em 1982, com meus pais. Lá morávamos numa casa. Então casei e fui embora daqui da COHAB. Aí morei ali na Vila Ré de 1988 até 2004, lá era sobrado. Tinha quintal, mais liberdade. Faz oito anos que voltei. Apartamento também é bom porque tem uma segurança assim: vai viajar? Vizinha tá de olho.

Aqui a convivência com os vizinhos é difícil... É “bom dia”, “boa tarde” e pronto. Sempre foi assim. São quarenta moradores. Unidos? Não. Só assim “bom dia”, “boa tarde” e pronto. No começo eram todos unidos. Tinha brincadeiras, chegava no final do ano, cada um ia pra casa do vizinho e passava um pouquinho lá... Era assim. A gente jogava bola, tomava banho de chuva, tomava banho de sol nessas áreas em frente ao prédio. Não tinha muros. Não tinha essas garagens. Então ficava todo mundo na rua. Era gramado então a gente ia pra grama. Lembro do teatro que a Dona M. organizou, que a gente fez. Eu recordo pouco. Eu tinha uns dez anos. Festa junina que a gente fazia aí na rua. Teve porque a Dona M., quando era síndica, organizou. Eu falo pra minha filha perguntar pra Dona M. como era: chegava no final do ano, tinha amigo secreto. Eu, a Dona M., as vizinhas... Chegava no dia das crianças, Dona M. fazia as brincadeiras lá embaixo, cada um levava um pratinho de doce. Hoje em dia, aqui, ninguém faz nada. Quando eu quero passear com a minha filha eu tenho que sair daqui e ir pra outro lugar. Aqui, onde eu moro, na comunidade, tem que ter alguma coisa. Tem que ter uma união das pessoas. Nós temos nossos direitos. Mas não adianta uma boca, um pensamento, querer falar por todos. A gente não tem mais contato com os vizinhos. Acho que a gente foi ficando mais velho, agora tem pouca criança. (hesita) mas não é por isso... Tem os netos... dona M. tem a netinha e o netinho. E se tivesse uma coisinha pra brincar aqui?... mas não: tem que tocar daqui pra ir lá na no Parque do Carmo, ficar um pouquinho e voltar. Eu mesmo só converso mesmo com a Dona M. Assim “bom dia”, “boa tarde” é com todos, mas conversar mesmo é com a Dona M. Eu vou lá um pouquinho, ou ela vem aqui... Faz três anos que a B. entrou como síndica. A Dona M. sempre foi síndica. Porque os outros pegam e aí passam a mão, aí não tem dinheiro, aí joga o livro e diz: “não quero mais”. Aí a Dona M. – e eu falo que ela é pau pra toda obra – pega e levanta, porque ela enfrenta. Ela não tem isso não. Essa aqui já não. Se chega alguém falando do vizinho ela diz que não pode fazer nada, não dá a cara a tapa. A Dona M. já não. Ela ia falar com quem tava incomodando, ia conversando. Eu acho que eu aprendo cada dia mais a lidar com as pessoas, a lidar com os vizinhos. É muito difícil lidar. Cada um tem um jeito. Hoje tá falando (com entusiasmo) “oi! Bom dia”, noutro dia tá com a cara fechada. É o que eu tento aprender. Pra ser sincera, eu não gosto daqui. Eu tô aqui porque é herança. Eu já pus até pra vender. Quero ir embora. Lá na Vila Ré tinha palestras. Perguntavam que nem você está fazendo: o que você acha que aqui deveria ter? Se falavam uma quadra de lazer – foi feito. Os moradores, eles mesmos, foram construir. Aqui não tem isso. Se você olhar da minha janela, tem um vão. Aí, minha filha começou a fazer teatro (com o Coletivo Alma, na Casa de Cultura Raul Seixas). Não sei o que falaram de plantar aí ela comentou. Eu falei pra ela fazer o seguinte: “Conversa com síndica que está aí

agora pra ver se tudo bem comprar umas sementes e você cuidar. Vocês vão plantar, vão ver como é o plantio, vão colher uma salsa..”. Aí, depois de pedir permissão pra plantar, a síndica comprou um material e fez um muro sem precisão, cimentou, fechou. Agora ali serve pra que?Pra neguinho jogar lixo, bituca de cigarro; quando chove, empossa. Era uma coisa que ia servir pra minha filha, pro filho dela e pros outros também. Dava pra plantar tanta coisinha. Esse prédio é morto, é sem vida. Eu tenho vida da porta pra dentro. Da porta pra fora, não tem vida. É uma coisa morta.

Hoje é difícil morar aqui no bairro porque tem muita droga. Na rua... os meninos entram no prédio porque o vizinho dali vende. Fica muito difícil, as crianças não tem mais liberdade. Hoje só tem o parquinho (Parque Raul Seixas) e, mesmo assim, tá muito difícil devido a droga. Devia ter uma viatura ali. Mas não tem. Não tem essa liberdade. Eu sei que todos os lugares tem problema de droga hoje em dia. Mas aqui é demais. Não pode olhar na janela. Porque se você olhar na janela e acontece alguma coisa, falam que é você porque você tava na janela. Eu tenho medo. Por causa da minha filha. Ela tem treze anos. Eu não posso falar “vai, filha”, devido ao movimento de drogas. Ela não tem quase convivência. Ela saiu quase agora porque foi na casa de uma amiguinha. Falei: vai, toma cuidado e volta. Ela é muito presa. Fica muito no apartamento Uma vez me perguntaram, num programa de rádio o que era bom e o que era ruim de morar em apartamento e eu falei tudo isso. O locutor falou: “Polícia! Tem que mandar uma viatura lá! Um calor desse e uma menina de 13 anos dentro do apartamento!” A gente também tem que abrir a boca. O ruim desse parque é isso. Quem vem nesse parque de fim de semana são moradores dos outros bairros, pessoas de fora. No fim de semana, fica lotado de carro. Mas é do pessoal de fora, né? Porque as pessoas daqui não sabem aproveitar um lazer. Aí, no Parque Raul Seixas, tem lazer: tem a churrasqueira, tem as quadras. Mas as pessoas de fora vêm curtir porque onde eles moram já não tem esse lazer, esse verde. O pessoal daqui não curte porque hoje os adolescentes curtem mais a balada. Você vê: um parque desse, com uma área verde dessa, é difícil encontrar. E os moradores não sabem aproveitar. A gente tinha liberdade quando era criança aqui, podia ir pra rua, ficar jogando bola. Agora que eu tenho minha filha, não tenho mais essa liberdade assim, pra deixar ela na rua. É muito preso. Fechou tudo, foi ficando muito fechado. Antes, se eu fosse pro prédio aqui de trás, eu ia por dentro. Agora já não tem como, por causa dos muros. Se eu quisesse ir até o mercado, não precisava ir até a avenida. Por aqui tinha caminho. Agora fecharam. Bom, no começo mesmo, quando a gente veio pra cá não tinha nada disso, não tinha nenhum mercado, nem padaria. Era uma perua que vendia pão, leite, essas coisas. Pra fazer compra a gente tinha que ir lá pro terminal Carrão (em média, 20 km de distância). Todo mundo da COHAB saía pra lá, fazer compra e ir ao açougue também. Porque aqui não tinha nada. Eu falo pra Dona M.: a senhora lembra daquela peruinha amarela? Aquele lá ficou rico porque a gente comprava tudo lá: pão...os miúdos era tudo na perua. Todo mundo, meu pai, minha mãe, saía pra fazer compra do mês lá no Carrão. Só depois que veio esse mercado. Mas aqui só tinha mesmo a escola. O Parque Raul Seixas também não tinha. Ali era o sítio de um casal de senhores. A gente entrava lá pra pegar laranja, mexerica, jabuticaba... quando o casal via que a gente tava ali, soltava os cachorros! (*Risos*) Era gostoso. Eu vim pra cá com nove anos. As mães ficavam lá embaixo conversando e as crianças brincando, até tarde da noite. Era melhor de convivência, de brincar. Agora não. Agora no calor, à noite, é tudo dentro de casa. Porque

agora, se você tá na rua, com seu filho brincando, se falar um pouquinho mais alto, os vizinhos já põem a cara na janela e já começam a gritar: “Vai pra casa dormir! Eu quero assistir a novela!” Muito preso. Não tem lazer, não tem quadra... Não tem nada pra você se divertir. Tem o Parque do Carmo, mas é longe.

**C., 38 anos, dona de casa, apesar de morar no mesmo prédio da COHAB José Bonifácio há mais de vinte anos, não tem o costume de usufruir os espaços de convivência no bairro de José Bonifácio.**

*Tom vital: “Se me virem na rua, ou eu estou chegando ou saindo pra algum lugar”.*

Moro aqui vai fazer 24 anos. Não sou primeira moradora, sou a segunda proprietária desse apartamento. Cheguei um pouco depois que os outros tinham chegado, vim pra cá com meus pais. Quando mudamos, nós tínhamos mais liberdade. Não tinha muros. Tinha mais áreas verdes, não tinha todas essas garagens que tem hoje, era tudo na rua. Em volta dos prédios era tudo gramado. Era mais bonito realmente, era bem melhor. Era mais tranquilo, não tinha a violência que tem hoje, a gente tinha liberdade de ficar um pouco mais na rua. Não que fosse totalmente tranquilo, não era. Mas era melhor do que é agora. De qualquer jeito, eu quase não fiquei aqui, porque eu não estudei na COHAB. As minhas amizades sempre foram fora. Aqui mesmo eu pouco fiquei. Quando ficava era dentro de casa.

O pessoal começou a fechar os prédios, a fazerem garagens, aí não tínhamos mais acesso entre um prédio e outro, foram fechando, murando tudo. Os próprios moradores foram fazendo isso. Do pessoal daquela época (final da década de 1980, início da década de 1990), poucos continuam morando aqui. A maioria já mudou. Hoje não tem quase ninguém daquela época. Antes a gente parava, cumprimentava, falava, sabia quem era quem da rua. Hoje em dia não dá pra saber, muita gente nova. As mudanças foram necessárias, né? Garagem, portão... Coisas pra segurança da gente, né?

Hoje acho que o bairro em si é ruim. Falta policiamento, você vê poucos policiais passando na rua. As ruas são escuras. Tirando as avenidas, todas as ruas paralelas, que nem a minha aqui, só tem lâmpada de um lado da rua, do outro não tem. As ruas ficam muito escuras. Dependendo do horário, assusta. Porque fica fácil se esconder. Eu mesma já fui assaltada na rua, entrando no prédio. Há muito tempo, mas aconteceu. Não acho que seja algo só desse bairro. Eu vou pra casa da minha sogra, que mora lá há trinta anos, casa térrea, é igual: portão fechado, dentro de casa. É a falta de segurança, em geral, nosso caso, que faz as pessoas se esconderem. A gente fica trancado dentro de casa e os vagabundos ficam na rua. Infelizmente. Acho que o que precisaria ter mais mesmo é mais ronda policial. Eles passam nas avenidas, mas nas outras ruas, como essa daqui que é sem saída, eles só entram se veem alguma coisa errada, alguma coisa suspeita, ou se algum morador chama. Com relação a minha convivência com os vizinhos aqui no prédio é “bom dia, boa tarde, boa noite, tudo bem”. Eu não fico em escada, não fico em porta de vizinho, não fico na rua. Acostumei meu filho também a não ficar. A minha convivência com eles é tranquila. Tenho pouco contato. Não dou liberdade, também não tenho liberdade com eles. O bom é daqui é que tem tudo perto, condução pra

todos os lugares, escola, padaria, mercado. A gente tem acesso a tudo. Eu até gosto daqui, mas eu queria que tivesse um pouco mais de lazer. Aqui é sossegado – pelo menos na minha casa nunca mexeram, graças a deus. Sinto por meu filho porque não tem muitas crianças aqui (no prédio) e não tem liberdade de ficar na rua. O que falta aqui é banco. Aqui não tem. Pra fazer alguma coisa numa agência, precisa ir pro centro de Itaquera. Mas também muita coisa a gente faz na lotérica ou no caixa eletrônico. Mas fora isso não tem nada. Tem condução fácil, tem trem, tem metrô... tem ônibus. Tem um ônibus que vai pra Santo André direto. Eu passeio na Igreja, no Parque do Carmo, tem o Aquário - mas meu marido odeia ir no Aquário, porque é muito cheio. (*Aquário é uma loja que vende mudas de plantas e acessórios para criação de animais de estimação*). É bom ter uma planta, um vaso.. eu acabo indo sozinha durante a semana porque no fim de semana é muito lotado. Tem o parque aqui do lado (*Parque Raul Seixas*) que é aqui do lado mas é sempre tão cheio que não tem como ir e não tem como ficar à vontade também. Meu marido joga bola de sábado, então a gente vai pra quadra que não fica em Itaquera, é em São Mateus. A gente passa praticamente a tarde toda em São Mateus, toda semana. Domingo a gente fica em casa mesmo, às vezes vamos no parque, vamos chupar um sorvete, por aqui mesmo. Nós não somos muito de frequentar barzinho, nada disso. Eu levo meu filho pra escola, volto, arrumo a casa, lavo, passo, cozinho, vou buscar ele na escola, a gente almoça, na semana ele faz inglês e eu levo ele pra fazer o curso, ele também faz catequese e eu levo ele pra Igreja... Nossa rotina é essa. Eu fico mesmo dentro de casa, é muito difícil vocês me verem na rua. Se me virem na rua, ou eu estou chegando ou saindo pra algum lugar. Não costumo ficar lá embaixo, como alguns moradores costumam fazer. Nem criança eu costumava. Os moradores mais antigos ainda costumam descer e ficar lá embaixo, sentam na calçada pra conversar, ficam olhando os netos brincarem... mas esse nunca foi o meu caso. Eu sempre fui dentro de casa. Não sei se é porque eu sou filha única, eu sempre fiquei trancada, então... A gente é mais reservado. Eu até mudaria pra outro lugar. Dependendo daonde fosse, eu acho que mudaria. Moraria numa casa. A minha intenção não é ir pra longe. Eu gosto do bairro, eu gosto de Itaquera. Mudaria aqui pra perto, na Vila Carmosina..

Pra me sentir em casa é preciso ter tranquilidade. Não ter briga, não ter bate-boca. Entrar e se sentir seguro, acolhido.

### **I. moradora da COHAB, nascida no interior da Bahia, incorporou seu hábito de cultivar a terra no contexto de vida atual.**

#### **Tom vital: Dá prazer em ver nascer as plantas, ver a florzinha nascer.**

Eu nasci na Bahia, em Itapetinga. Morei lá até os 25 anos. Melhor eu dizer que eu nasci na roça, no município de Itapetinga. Eu trabalhava o dia todo na roça, plantava feijão, mandioca, milho que era pra vender e pra gente mesmo. Me casei lá e vim pra São Paulo com meu marido, vim direto pra Vila Maria, morei três anos lá. Aí tinha uma casa de dois cômodos lá, pra morar de aluguel. Lá eu costurava pra fora e aqui continuei costurando. Lá na Vila Maria tive dois filhos, depois tive outros dois aqui. Vim pra COHAB José Bonifácio em 1981.

A vizinhança no prédio é diferente: no prédio você não pode fazer barulho, não pode pisar de salto, tem que viver no silêncio e na casa não tem esse problema de não poder pisar de salto, não precisa ficar preocupada se vai incomodar o vizinho de baixo.

Quando cheguei aqui, achei tudo estranho, sabe? O prédio era todo no bloco, não tinha muro, o chão da casa era cimento vermelho batido, não tinha azulejo, nada. Não tinha essas garagens como hoje, os carros ficavam lá fora no estacionamento. E não tinha muito carro não, eram duas pessoas só que tinham carro naquela época. Porque todo mundo veio com uma mão na frente e outra atrás. Não tinha muito poder de vida. Não tinha comércio por aqui – ficavam umas pessoas vendendo o pão, o leite no estacionamento, numa perua. Eram moradores que mudaram pra cá e viram que como aqui não tinha comércio, aí colocava pra vender numa perua o pão e o leite. Logo a gente – eu e as vizinhas – começou a ficar amigas. Fiz amizade com todo mundo, e tá até hoje aí a amizade. Hoje ainda tem aqui várias pessoas que chegaram em 1981. Tinha a Dona Maurília, que chegou comigo e era bem amiga, mas ela já morreu. Meu marido me acompanhou até 1998, faz catorze anos que ele voltou pra Itapetinga.

Fiz amizade com todo mundo. Amizade assim: “oi, bom dia, boa tarde”... Dá uma palavrinha ali, outra aqui... Gosto de morar aqui. Eu caminho pelo bairro pra ir na feira, no mercado e vejo que mudou bastante. Montaram lojinhas de roupa, mais supermercado, farmácia... Essas coisas assim. Tô gostando de como o bairro está ficando. A única coisa que eu acho ruim aqui é o frio. Na Bahia era bem mais quente.

A história do jardim é a seguinte: um pouco depois que eu cheguei, vi a terra aí vazia e como eu gosto de plantar falei: “eu vou começar a plantar as coisas aqui”. Comecei plantando um pé de mandioca lá em cima, isso em 1983, por aí. Deu mandioca. Aí comecei a limpar mais um pouco a terra e fui plantando, plantando... Depois comecei a plantar coentro, salsinha, cebolinha, feijão... Todo mundo apoiava. Só tinha uma pessoa que não gostava, mas ela não mora mais aqui. Teve uma época que eu parei alguns meses, aí ela mudou daqui e eu recomecei.

*(a seguir, adentramos o jardim e ela foi mostrando seus cultivos enquanto respondia – duas laranjeiras, uma goiabeira, uma aroeira, um abacateiro, uma bananeira, além de uma série de ervas para chá como erva cidreira, erva doce, capim santo, boldo, alfavaca – e par a tempero – coentro, manjeriço. Muitas verduras e legumes também: couve, almeirão, berinjela, abóbora, jiló. O trajeto oferece uma série de aromas diferentes enquanto caminhamos entre as plantas. O sol de fim de tarde enfatiza as cores das flores que se misturam à diversidade de folhagens. )*

Passo algumas horas trabalhando no jardim. Quando eu não estou muito ocupada lá em casa, eu venho limpar aqui um pouco. Quando eu estou com muito serviço lá em casa, eu não venho. Começo a costurar lá pelas 14h e vou até mais ou menos às 20h. No jardim, às vezes eu chego a vir umas quatro vezes por semana. É melhor pra trabalhar de manhã. Eu termino de limpar a área comum do prédio e venho pra cá lá pelas 9, 10 horas. Tem coisa que dá pra

colher toda semana – couve, almeirão. Tem coisa que só dá uma vez por ano – laranja, goiaba... Cada coisa fui achando numa época e fui plantando.

Dá prazer em ver nascer as plantas, ver a florzinha nascer. Difícil é alguém vir e destruir. Isso já aconteceu. Tinha um abacateiro bem grande e um morador veio e cortou assim... cortou também a laranjeira. Hoje esse abacateiro não existe mais, só tem uns brotinhos. Disseram que queriam fazer uma quadra aqui. Só que esse morador já mudou daqui. Algumas pessoas ajudaram a cortar. Falaram em reunião que iam fazer isso só que eu não estava na reunião. Algumas pessoas concordaram, outras não. Eu não estava, mas diz que alguns falaram assim: “ah, a Iraci cuida do jardim há muito tempo, gosta de plantar as coisinhas dela, não faz isso, não...” Mas aí, no dia seguinte a pessoa pegou a ferramenta e veio cortar. Tirou tudo do terreno. Urucum laranjeira...Mas brotou tudo de novo. Esse corte deve ter uns cinco anos. E brotou tudo de novo rapidinho. Você vê como é a natureza. Mas aí, nessa hora eu falei: “eu não vou mais cuidar disso não. Porque eu limpo, eu cuido e alguém vem e arranca tudo?” Aí uma vizinha disse: vamos fazer uma horta aí? Falei: “vamos”. Aí a gente limpou, eu e ela, fizemos uma horta e plantamos couve, alface, um monte de coisas. Depois que tinham cortado tudo. Daí o povo que cortou, mudou. Essas pessoas que cortaram já não moram mais aqui.

E agora não pode mais cortar. Não pode mais destruir nada porque a prefeitura tá cuidando disso. De vez em quando a prefeitura vem aqui e olha se está tudo bem. Porque na época que cortaram as árvores, alguém denunciou. Então aí a prefeitura não deixa mais. Se cortar, a prefeitura multa. A terra aí é da prefeitura. Ninguém dá ajuda de custo pra cuidar desse terreno. Eu cuido porque eu gosto. Eles já me dão espaço pra eu plantar. Se a prefeitura não tivesse insistido, já teriam derrubado tudo isso daqui, o abacateiro... Eu cuido sozinha daqui. Ninguém me acompanha nos cuidados do jardim. As crianças brincam no abacateiro. Brincam e não destroem as plantas.

**K. 17 anos, estudante do ensino médio, moradora do Cingapura, passou os cinco primeiros anos de vida no alojamento “provisório” com telha de zinco antes de mudar para o Cingapura. Presenciou o incêndio do abrigo quando era criança.**

**Tom vital: *Não tem lugar que eu não goste... no futuro gostaria de continuar morando aqui em José Bonifácio porque é tudo perto, em vista de outros lugares.***

Não lembro muito bem da época do alojamento, lembro mais depois que chegamos aqui no Cinga. Era bem legal quando eu era criança, as pessoas bem unidas, tudo perto, bem divertido. A gente brincava junto e na época de calor tinha uma moça, moradora, que quando chegava seis horas da tarde fazia gincana com todo mundo. Hoje ela mora aqui mas não tem mais tempo porque trabalha e tem filho. A gente era bem unido, hoje não é tanto assim. Hoje não somos tão unidos por conta de conflito por causa da conservação do prédio, principalmente conflito da síndica com os moradores. Lembro que minha mãe veio ver quando estavam construindo, porque antes aqui era uma favela. Não tinha essas escolas aqui perto como tem hoje, agora tá bem moderno.

Esse bairro é bem tranquilo, bem gostoso de morar, com tudo perto. Se bem que agora não é tanto por conta dessas coisas de funk e tal... mas é bem gostoso. Eu gosto muito de ir pro lado do parque do Carmo, e vou muito com meus amigos lá. Ou vamos pro parque do Carmo, ou pro Raul seixas, ou vamos pro macdonalds, ou pro shopping. Eu também acho um lugar bom pra levar os amigos algumas praças (que nem são tão grandes) que tem aqui por perto. Tem uma praça ali, entre José Bonifácio e Guaianases que é bem legal. Tem a praça Brasil também. Não tem lugar que eu não goste... no futuro gostaria de continuar morando aqui em José Bonifácio porque é tudo perto, em vista de outros lugares. Olha, eu não sei se vai ficar do mesmo jeito, mas eu queria que mudasse um pouco, porque vai ter a copa e Itaquera não é um lugar que tá assim bem estruturado pra receber a copa, tem algumas coisas bagunçadas ainda... principalmente no atendimento na saúde. Nesses dias tava passando na televisão, a moça foi ter a nenê e não tinha médico... ela foi ter o nenê na rua. Precisa investir mais na saúde.

Tem preconceito contra quem mora no Cinga. Tem muita gente que tem vergonha de falar o lugar onde mora. As vezes quando vai arrumar emprego perguntam: “onde você mora?” aí se fala que é no Cingapura já ficam com aquele receio... comigo nunca aconteceu mas tem pessoas que tem vergonha de falar. Por exemplo, vai pedir pizza, eles não vem entregar no Cingapura por medo de entrar. É bem raro entregarem, tem pizzarias e pizzarias. Mas aqui é um lugar legal de se morar, porque se falar que nenhum outro lugar tem drogado, traficante... é mentira. É que aqui todo mundo respeita todo mundo.

O que eu não gosto daqui do bairro é como estão os hospitais e as escolas. Nas escolas – pelo menos na nossa – a educação é boa... mas tem professores que largam a mão e não ajudam quem tem dificuldade. E os hospitais é um descaso... além de demorar pra ser atendido, o atendimento é uma porcaria.

**K. A., 34 anos, moradora do Cingapura Raul Seixas e, anteriormente moradora da favela localizada no mesmo terreno. Atualmente compartilha o apartamento com a família (marido e sete filhos).**

**Tom vital: “Não é porque eu não tive que meu filho não vai ter”**

Moro nesse apartamento há sete anos. Minha mãe já morava há mais tempo: catorze anos. Ela faleceu. Ela morava aqui também, nesse apartamento. Na verdade, eu sempre morei aqui porque aqui era uma favela. Como o Maluf era prefeito, ele urbanizou. Era pra ser dois prédios pro pessoal que morava aqui. Saímos da favela e fomos pro alojamento no São Pedro (*região do distrito de José Bonifácio a aproximadamente 9km do terreno onde hoje é o Cingapura Raul Seixas*) Quando a gente tava saindo do alojamento, sabe o que o Maluf resolveu fazer? Ao invés de dois prédios, resolveu fazer quatro pra trazer pessoal que tava em outros alojamentos. Aí veio o pessoal de longe, do Vera (*favela do Vera Cruz, em São Mateus*) e se ajuntou aqui. Mas os primeiros moradores daqui fomos nós (*antigos moradores da favela no mesmo terreno*). O total era 520 famílias, muitos mudaram, muitos morreram. Eu morei aqui antes do Cingapura, desde 1988. Eu era pequenininha. Antes de 1988, morava no Jussara, perto do Planalto (*região de Itaquera próxima ao distrito de José Bonifácio*). Minha mãe entrou em desavença com meu pai e veio morar na favela. Aí nós viemos pra cá. Eu era bem novinha. A gente foi criado aqui. A vida toda aqui nesse pedaço, conheço de ponta a

ponta. Antes aqui era só mato. Não tinha esses prédios da frente (*prédios da COHAB que ficam em frente ao Cingapura*). Era só mato e barranco. E a favela. E o rio que passava era bem pequenininho antes da avenida Jacu Pêssego existir. Não era nem avenida Jacu Pêssego, era gleba. Aí eu casei, morava de aluguel, mas minha mãe continuou aqui. Fui morar no alojamento, minha mãe veio pra cá, aí continuou aqui. Aí depois minha mãe ficou um pouco doente e eu vim morar de vez. Comprei um apartamento e vim morar pra cá.

Tem uma história tão triste... Eu tinha dezenove anos e fui atropelada assim que inaugurou a avenida Jacu Pêssego, na véspera de carnaval. Eu e meu marido estávamos atravessando a rua. O carro pegou a gente com o farol aberto pra gente. A gente tava na calçada, o carro pegou meu marido e com o impacto fui jogada dentro do rio Jacu. Aí depois eu não vi, porque eu desacordei. Fiquei em coma três meses. Quando eu acordei eu estava gestante de cinco meses. Quando eu fui atropelada eu não sabia que estava grávida de dois meses. Quando eu acordei, eu tava com amnésia. Minha mãe foi falando pra mim direitinho e explicou que os médicos foram tirar raio -X e descobriram um feto. O G tem dezessete anos, o R tem quinze, a J tem dezesseis, a R tem doze, N com dez, o M vai fazer sete anos agora, e aí vem a K, com quatro anos. Eu tive o R engessada e parto normal ainda... foi uma coisa muito dolorosa. Eu sofri o acidente e ficou por isso mesmo: não recebi nada. Tenho platina na perna. Tomei trinta e cinco pontos no rosto. Meu marido tem platina nas duas pernas. Fiquei com sequelas porque hoje em dia tenho uma dificuldade tão grande... eu tenho o meu pé atrofiado pra baixo. Não ponho tênis, só ando de chinelo. Até hoje não recebi nada. Corri atrás, mas não recebi nada. Quem me atropelou foi um japonês, isso foi pra Justiça. Arrumei uma advogada e ela comeu tudo que era meu... sumiu com o dinheiro. Tinha que ter indenização para mim, pro meu marido e pro meu filho porque quando meu filho nasceu, veio pra casa e depois de sete dias eu tive que correr com ele pro Hospital. Chegando lá, o médico desenganou ele porque tinha uma bactéria da água do rio no pulmão dele e ia pro cérebro dele. Os médicos disseram que se sobrevivesse, ia ser uma criança mongoloide. Eu me agarrei em tudo. Hoje ele é a criança mais saudável de casa. Não fica doente... mas fiz uma pá de tratamento porque até os sete anos de idade ele tinha umas bactérias que só dava pra ver no microscópio. Ele foi gerado com aquela água do rio.

Lembro que quando vieram conversar, dizendo que iam tirar a gente daqui da favela, não iam dar nada, não sabiam pra onde levar. Aí a gente lutou pra isso. “A gente” que eu falo é a minha mãe. Nessa época eu tinha uns oito anos... a gente brigou por isso, falamos que ninguém ia sair. Aí falaram que iam levar a gente pra um alojamento. Primeiro tiraram o pessoal do fundo, nós fomos os últimos a ir pro alojamento. Ficamos nos alojamentos quatro anos. O alojamento era um cômodo, desse tamanho da sala (*mostra a sala do seu apartamento que mede aproximadamente 9m2*) e o banheiro era lá fora. Um cômodo. Telhado de zinco. Gelado, calor, calor. Quando fui pra lá, já tava com treze anos, comecei a namorar mas mesmo assim, tava junto com a minha mãe. Minha filha Juliana nasceu dentro do alojamento, lá, nasceu dentro de casa. Nasceu dentro do alojamento: então a gente fala que ela é a filha do alojamento. A única que nasceu lá foi ela, assim. Depois de uns quatro anos e um mês falaram que o Cingapura tinha saído. Beleza. Mesmo assim, a gente veio por último, porque deram prioridade pros mais idosos. Esse lugar aonde eu moro, aqui na rampa (*térreo*)

é pros idosos. Porque era tudo adaptado pras pessoas deficientes e idosos. Quando minha mãe veio pro Cingapura, aí eu fui morar com meu marido na casa da minha sogra. Na época só vieram a minha mãe a minha irmã Kátia porque eu não consegui pegar apartamento. Depois lutei, lutei... como meu marido estava sempre trabalhando, alugamos a casa e conseguimos comprar isso daqui. (*sem entusiasmo*) Quando entregaram o prédio, até que foi bom antes a gente então podia ter uma moradia fixa, um endereço fixo. Então pra gente foi bom. Mas a gente gostava mais como era antes, na favela. O povo era mais unido. Agora, quando a gente vai fazer alguma coisa aqui... querendo ou não é uma comunidade, mas o pessoal daqui é mais “nariz em pé”... muitos querem fazer, muitos não. Olha, o certo aqui era ter um síndico só. Mas é um pra cada bloco. Se eu fizer uma benfeitoria aqui, é só nesse bloco, pra lá não faz, porque às vezes o outro síndico não aceita. Então, não somos unidos. E quando era favela, era todo mundo unido. Alguém falava “vamos fazer?” e todo mundo ia fazer. Lembro uma vez quando um caminhão entrou aqui e pegou uma criança, dentro da favela. Aqui sempre teve esse ponto de ônibus, os barracos e daqui pra baixo era barranco – que como o rio era pequenininho, era bem mais barranco antes de canalizar. O caminhão desceu a Tamoios (*rua do quarteirão*) e entrou aqui direto. Pegou um bebezinho, junto com a mãe. A mãe não sofreu nada. Foi uma coisa muito forte pra todo mundo. Foi um tal de um ajuda, outro ajuda, outro ajuda... E quando o pessoal passava dificuldade, a gente ia atrás de sopa, alimento... sei lá, eu acho que eu já nasci pra isso. Então, a gente tava sempre unido. E agora não. Se a gente vê que tem alguém passando dificuldade, se um ou dois não correrem atrás, aquela pessoa morre à míngua. Porque pra eles é assim: só porque eu tenho um apartamento, eu tenho um teto, eu tenho um serviço... eu não posso ajudar o próximo? Por que antes todo mundo era unido? E por que agora não? Querendo ou não, tá todo mundo junto. Uns morreram, outros cresceram. Mesmo assim: o certo não era estar todo mundo unido?

Quando chegamos aqui no prédio tinha assistente social. Ela ficou um ano e depois sumiu. A gente foi jogado igual cachorro aqui dentro. A gente foi tirado da favela, então era chamado de marginal. “Tiraram os animais de dentro da favela e colocaram no alojamento. Agora vamos domar eles dentro dos prédios. Vamos ensinar pra eles o que é uma casa”. Começaram assim. O povo no entendimento deles: “Ah, eu ganhei um apartamento”. Eles queriam ensinar pra gente o que é morar dentro de uma casa. E o que era morar dentro de uma casa pra assistente social? Horário do silêncio, porque é apartamento; ter horário pra tudo; não jogar nada – beleza, isso daí era pra estar ensinando mesmo. Beleza. E umas coisas de carro... Mas já viu quem mora na favela ter carro? Na favela ninguém tinha carro. Era mais cavalo. Não podia colocar carrinho de reciclagem – e quem já sobrevivia disso? Eu mesma já catei, não tem nada de errado. Eles queriam fazer aqui como no Morumbi, tipo um bibelot. Eu achava um absurdo. Eu já era mãe. Alguns que vieram de fora (*Vera Cruz*) pegaram o que a assistente social falou e estão vivendo isso até hoje.

Pra mim morar num lugar é fazer amizade. União em primeiro lugar. É o que não teve: a assistente social entrou e só revirou tudinho. Não teve união. Depois que a assistente social saiu do Cingapura, o lugar ficou assim, ó... Uns queriam ser mais do que os outros. Quando a assistente social estava aqui, o certo seria ela mostrar: um síndico só. Por que ela escolheu um representante de cada bloco? Já é pra arrumar confusão. O certo é um representante. Um

síndico. Porque aí dá pra mexer em tudo. Eu tenho que tomar conta só daqui (*a entrevistada é síndica do Bloco 01*). Eu tenho que pedir permissão pra três síndicos... e esses três nunca aceitam. Dois aceitam e um não.. então, é uma briga que se deixar você fica louco. Ela (*a assistente social*) só veio pra estragar o Cingapura. Ela não veio pra melhorar. Se fosse pra melhorar, era pra tudo estar bonitinho. Tem que tomar conta de tudo. Se for pra fazer uma benfeitoria, é em geral. O que adianta eu lacrar aqui – então só um bloco um tem que ficar igual a um castelo. E os outros? É um pátio, gente. É um espaço pra 128 famílias. Mais de cem crianças, fora os que estão vindo.

O que ajudaria mesmo é se a prefeitura desse apoio pra formar essa associação de moradores. O Bloco um e o dois aceitam fazer a associação. O bloco três e o bloco quatro não aceitam. Como a gente vai correr atrás sendo que dois blocos não aceitam? A gente tem amizade com todo mundo, mas tem uns que não querem levantar o lugar. A gente quer montar a associação pra lutar por tudo, em geral. Pintura nesse prédio, um parque pras crianças – as crianças ficam aqui no meio dos carros e aquele espaço tá livre lá no fundo. O que estão fazendo lá? Jogam entulho. E a quadra é pra que? Se a gente mexer, as crianças não vão ter que ficar no meio dos carros. Eu não vou ficar brigando porque a criança tá riscando o carro. Eu não vou. Eles não tem espaço. É perigoso brincar lá no fundo, se passar um maníaco, leva essa criança. Aconteceu isso com meu filho e com o filho da V. Eles pegaram a motinho e foram na avenida. Não sei porque não aconteceu nada com os moleques.. O filho dela sumiu. A V. disse que a pessoa que veio trazer de volta. O filho dela falou que uma mulher pegou ele , levou na casa dela, perguntou onde ele morava, aí deu suco e bolacha pra ele e depois trouxe. Mas não me pergunte quem é. Você soube que tem um cara correndo atrás das meninas? Diz que estuprou uma menina aqui. E passam ali por baixo... eu sou medrosa. O espaço é aberto, ali é mato. O meu filho não brinca no mato.

Umás cinquenta e oito pessoas que moravam na favela ainda moram aqui. Algumas pessoas que eram daqui ainda são unidas. O pessoal que veio de fora quer mandar mais do que a gente... Tem uma diferença muito grande. O pessoal do terceiro e do quarto bloco não é daqui. A gente que é daqui é mais primeiro e segundo blocos. Se as crianças daqui, do primeiro bloco, vai pro quarto bloco, o síndico já não gosta. Mas a gente briga por isso. É uma comunidade, todo mundo tem direito de ir e vir.

A festa do dia das crianças aconteceu numa época de eleição, há quatro anos atrás. A gente tava precisando organizar algo porque sempre vinha pessoal da igreja, no final de ano, pra distribuir sacolinha, apadrinhava uma criança. Como já aconteceu comigo: meu marido já ficou desempregado, passei por uma dificuldade, já cheguei a ir na igreja pra pedir alimento. Então, eu por ter muitos filhos, não tinha como comprar um brinquedo, uma roupa, pras crianças. E você sabe como criança é – a gente não, que a gente tá acostumado. Então eu fazia meus biquinhos: carpinava aqui, fazia uma coisa ali, pra arranjar alimento. Quando surgiu a igreja Brasil para Cristo, a J. e a P. do segundo bloco pegavam os nomes das crianças pra cada padrinho dar uma roupa. A gente ficava gratificado por isso, as crianças ficavam felizes. E era uma festa bonita. Aí, não sei o que aconteceu lá na igreja, não distribuíram mais não. Nada. Ficou um bom tempo sem distribuir. Aí a gente decidiu fazer algo pras crianças, porque as crianças ficavam cobrando. Aí num belo dia nos juntamos: eu e o pessoal decidimos fazer

uma festa pras crianças. Aí o que é que vem? Um vereador... (*tom de fastio*) Mostraram um vereador pra gente. Falei: “vamos ver se esse vereador ajuda a gente”. Até aí, eu acreditava um pouco em político. Fizemos uma bela reunião. Ele prometeu mundos e fundos pras crianças: ele ia alugar todos os brinquedos, ia fazer isso e aquilo... a gente já colocou o que era pra fazer na festa. A gente tava muito empolgado: a primeira festa pras crianças. E a gente falou que queria abrir uma associação, porque são 128 famílias. Uma associação pra gente ter uma brinquedoteca pras crianças porque querendo ou não as mães trabalham e não tem com quem deixar as crianças. E a gente que tá em casa ajuda a cuidar das crianças. Uma associação é algo bom porque vem leite, vem legumes. A gente pode fazer um trabalho legal. Achamos que era só dar os nomes, fazer a papelada...Beleza! Ele falou: “vou levar vocês no meu gabinete”. Tudo bom. Quando faltavam cinco dias pra festa das crianças: nada. E nós preocupados. Três dias pra festa das crianças: nada. Fomos atrás do vereador: cadê ele? Sumiu! Fomos no gabinete: nada. E as crianças cobrando. Olhamos um pra cara do outro e falamos: “o que nós vamos ter que fazer? Vamos?” e todo mundo respondeu: “vamos”. Tiramos do nosso bolso porque já tínhamos arrumado serviço. Meu marido, a V. também – a gente tava estabilizada, porque já tinha passado dificuldade grande. Fomos, alugamos brinquedo por nossa conta. Tudo pela nossa conta. Tudo bonitinho. (*ênfatisa*) Nós. Fizemos a primeira festa das crianças. Nos fantasiámos, tudo bonitinho. No dia da festa, muitos pais pensaram que era o vereador que tinha dado tudo aquilo. Foi então que eu entrei em ação: falei no microfone “gente, aqui quem tá dando não é vereador nenhum, porque ele deu uma mancada feia. Só prometeu e não fez nada. Quem tá fazendo somos nós, moradores”. Por isso hoje eu não acredito em político nenhum. Devia ter acordado faz tempo. Por isso que a gente hoje não abraça nada que venha de político. Tudo que a gente faz é pela gente, quatro pessoas. Não é mais político. Se falar: vai vir um político aqui fazer – a gente não acredita. A gente expulsa daqui de dentro. Então, foi assim que surgiu a primeira festa. Aí olhamos um pra cara do outro: “Nós não vamos parar com essa festa. Vamos continuar até quando deus falar que já deu o que tinha pra nós fazermos”. A gente tá batalhando aí e tudo do nosso bolso. Um ano fomos pedir colaboração pros moradores, alguns colaboraram. Aí depois disso, como vimos que os moradores são “meio-assim”... tem uns aqui que acham que, só porque tem um pouquinho mais e podem levar o filho no parque, no shopping... só que eu não tenho condições de levar meus sete filhos pra brincar no shopping. Que tal a gente alugar um monte de brinquedo, todo mundo brinca igual? Pra não ficar falando “olha, eu tenho...” Nada como todo mundo poder participar. Até os pais brincaram mais que as crianças... foi aí que surgiu a festa das crianças e a partir daí eu não paro. Esse ano (2012) é o terceiro em que acontece.

A organização acontece durante o ano todo. A gente começou a fazer a reciclagem. Aí o que aconteceu foi que, por a gente não ter um espaço legal pra reciclar, estava juntando muito lixo aí na frente. E tava feio pro prédio. Alguns moradores reclamaram aí a gente foi obrigado a parar com a reciclagem. Aí, quando a gente vê que não dá, a gente tira da gente, do nosso bolso. Aí a gente faz a contagem: quanto deu na reciclagem? Cento e poucos... então não vai dar... como vai alugar um monte de brinquedos com cento e poucos? Aí a V tira 200, eu tiro 200, o E. tira duzentos... daí a gente tenta correr atrás de alimento. Se não consegue, a gente vai no cartão. Aí a gente fica assim pagando. O ano todo. A gente pagando pra fazer o próximo ano. Esse ano a gente foi pra prefeitura, fomos conversar com o organizador da

cultura, o Gabriel, e ele informou pra gente os nomes de uns colaboradores que podem estar ajudando gente. O pessoal do Lopes (*hipermercado a 200m de distância*), do Negreiros (*hipermercado a 2km de distância*), Cursinho da Poli... a gente entregou um ofício pra eles. Estamos esperando resposta. Essa semana eu já vou correr atrás (*no dia da realização da entrevista faltavam apenas 15 dias para a festa*). Se a gente não for correr atrás, a gente não consegue nada. Fomos em lava-rápido, nos mercados pequenos, na padaria, pra ver se alguém ajuda a gente. Estamos correndo atrás pra ver se alguém reconhece. Não é pra gente, é pras crianças. Se a gente dá um dia – pelo menos um dia – pra ser criança, quem sabe quando eles crescerem eles vão dizer: “eu fui criança um dia, porque eu brinquei, eu curti”. Porque hoje em dia o que a gente mostra pras crianças? O que a gente vê na televisão? É arma, é homicídio, é sequestrador não sei do quê... é criança usando droga. Se você prestar atenção, vai na cracolândia – é criança de três anos já usando droga. O que a gente quer mostrar aqui pra eles é que criança tem direito de brincar. Eles têm direito a serem crianças. Não é porque eu não tive que ele não vai ter. Eu vejo cada criança com cada ideia.. umas brincadeiras de arma... Eu tiro da mão. A mãe gostando ou não, eu tiro da mão. Hoje eles estão brincando com um brinquedo, amanhã você não sabe. É real. Hoje, pra eles é um filme, mas amanhã é realidade. A gente quer montar uma associação pra mostrar pra eles o que é ser criança, pra ter uma brinquedoteca, pra mostrar o que é ler livro – mesmo que não saiba ler, pra ver paisagem desenho. A gente quer mostrar isso pra eles. As crianças não brincam que nem é pra brincar. Criança tem que brincar com bola. As crianças, hoje em dia, é assim: um xingando o outro, um falando a malandragem com outro. É uma gíria que eles falam que eu não falava assim. O meu filho mesmo não sai pra fora. Eu não deixo. O que eu vou mostrar pra eles lá fora? A nossa realidade da televisão... Se todo mundo em cada bairro se juntasse pra fazer o que a gente tá tentando fazer... Vamos resgatar as crianças antes que o crime resgate. Se cada um fizesse um pouquinho, tirasse um final de semana pra pegar as crianças pra brincar. Uma corda é uma brincadeira gostosa. Vamos jogar bola. Arma não é um brinquedo. Quando eu vejo as crianças aqui fora, a cabecinha deles tem que pensar outras coisas... eu já chego ali: “vamos brincar de corda?”. A mãe trabalha, tem que trabalhar pra alimentar. O pai trabalha pra alimentar. A criança fica aonde? No pátio. O que a gente vê no pátio? Muita coisa errada. Não só aqui – sai daqui e vai pra rua que tem muita coisa errada também. A mãe larga, ela tem que largar, não é porque ela quer largar, (*ênfatisa*) ela tem que largar. Se tem uma, duas ou três pessoas que podem ajudar aquelas crianças enquanto as mães estão trabalhando, melhor. A gente tenta resgatar. Pra mãe um dia dizer: meu filho foi criança. É gostoso isso. Ensinar pra eles o que é realidade: o que é a droga, sobre sexo – é isso, usa o preservativo... eu explico pro meu filho. Os meus cunhados dão palestra sobre isso. Eu, vivendo nesse mundo deles, junto com eles, já sei um pouquinho. Minha filha sabe o que é camisinha, o que é anticoncepcional. Não é só a AIDS que pega, são muitos tipos de doença. Várias doenças. Eu quero passar isso pras crianças. Não só eu como as pessoas que estão comigo, a gente quer resgatar essas crianças porque muitos a gente já perdeu. A gente viu crescer muitas crianças amorosas que não vão chegar a dezoito anos se a gente não resgatar agora, não vão chegar nem aos doze. Eu tô lutando pros meus chegarem pelo menos aos vinte. Graças a deus estão aí. Se você for fazer a contagem dos adolescentes que chegam até vinte anos.. é pouco. A droga não deixa. A criminalidade não deixa. Porque não tem alimento em casa... Hoje eu

tenho uma coisa, amanhã posso não ter. Meu filho vai olhar na panela que não tem arroz e o que ele vai pensar? “Ah, mãe, eu vou correr atrás”. Aqui em casa não, lógico que o meu pensamento já é outro, o meu ensinamento já é outro. Mas tem muita mãe que não liga e diz: “vai”. Ela manda o filho ir, mas não sabe se volta. O que a gente quer é ajudar. Quantas vezes eu e a Val já fizemos cesta básica? Muitas. Tem gente que liga pra mim pra falar: “Kelly, tem uma pessoa passando dificuldade, o que a gente faz?”. Aí eu pergunto: “Fulano, tem um pouquinho de arroz?”. A gente monta a cesta básica. Porque dói, né?

Quando a gente precisa de alguma coisa como desentupir a caixa de esgoto, a gente fica ligando uma semana e quando a Sabesp chega aqui, eles falam: “São um bando de porcos”. Falam isso assim, cara a cara. Quando vem, fala que a gente é uma cambada de porco. Quantas vezes eu não desentupi isso daqui pra eles não virem humilhar a gente? O Maluf fez isso daqui uma cagada, né? Os encanamentos daqui são uma bosta. Sem caída. A caída tinha que ser pra rua, vem pro Bloco um. Isso aqui fica uma poça... a gente mora num castelo de merda. O esgoto sobe até pros apartamentos. Eu já entrei na fossa pra desentupir, cheia de bosta. A Val já entrou dentro da fossa cheia de bosta.

Quando a gente precisa da polícia... Eles falam pra ligar quando tiver o cadáver. Quando tiver o cadáver, eles vêm. A gente não tem segurança. A segurança que faz é a gente. Nós por nós e já era. Se tiver briga em casa, a gente não tem como... deixa acontecer. A gente é visado como marginais. O povo de fora olha a gente... (*com ênfase*) Mas eu não tenho vergonha daonde eu moro não! Tem muita gente que tem vergonha. Tem gente que fala que não mora no Cingapura. Olham como se fossem passar e a gente fosse roubar. Mas não é assim. Falam que o povo daqui só dá escândalo – não, a gente vê no prédio da frente (*da COHAB*) uma baixaria. Tem gente boa e gente ruim aqui como tem ali, como tem na esquina...

Eu já senti o preconceito. Eu fui numa festa aqui na COHAB II (*COHAB José Bonifácio é conhecida como COHAB II, leste*), na casa das minhas colegas. Aí perguntaram pra mim: “Onde você mora?” Eu falei: “Eu moro ali embaixo”. E ela: “Ali embaixo aonde? Não acredito que você mora ali naquele Cingapura..”. Eu falei: “E o que você tem contra o Cingapura? A menina: “Deus me livre! É só passar ali, os marginais já roubam a gente”. Eu falei: “Você já olhou na cara do marginal?” Ela disse que não. E eu disse: “Eu moro no Cingapura. Você me viu te roubando?” Eu moro no Cingapura faz anos e eu nunca vi isso. Ao contrário: muita gente daqui de dentro foi roubada ali fora. A Natasha foi uma: o cara roubou o tênis. Apontaram a arma na cabeça da menina e tudo. Eu fico constrangida, quando perguntam onde eu moro eu digo: ali. Até pra dar endereço pra serviço você não pode dar o do Cingapura, que ninguém pega. Aqui no Joli (*hipermercado de materiais de construção quase ao lado do Cingapura Raul Seixas, recentemente aberto na época da entrevista*) uma pessoa daqui foi lá e quando deu o endereço o cara falou: eu não pego pessoal do Cingapura. A gente é muito discriminado. Muito.

A gente não passeia pelo bairro. Se a gente sai é roubado... e falam que é o pessoal do Cingapura... Eu não saio à noite, eu tenho pavor. Sinceramente eu tenho trauma de sair à noite. Eu também não gosto do parque Raul Seixas, porque tinha um cara safado aí no parque. Eu tenho medo. Esse cara tava pegando as meninas. Deixo brincar na escola da família, no

fim de semana, porque é fechado. Eu sou mais caseira, eu não saio. Eu brinco aqui dentro com meus filhos, com meu marido. A diversão é aqui. Quando você chegar é só brincadeira, é só palhaçada. Na minha casa. Aqui é parque, é circo, é shopping. A gente fica aqui. A maioria daqui não conhece shopping. Pros meus filhos já é normal porque eu já explico logo a realidade: não é uma roupa de seiscentos paus, um tênis de não sei quanto, que vai fazer homem, você mulher. O que vale é a humildade. Você chega em todo lugar.

**M., 62 anos. Dona de casa no momento, trabalhou como atendente antes da aposentadoria. Mora na COHAB José Bonifácio há 32 anos, tendo sido uma das primeiras moradoras. Bastante ativa na organização do prédio, foi síndica por muitos anos.**

***TOM VITAL:” Você não pode bater de frente. O meu aprendizado aqui é que eu aprendi a conviver com as pessoas. Eu gosto muito daqui”.***

Mudei em 1982, vai fazer trinta anos. Antes eu morava na Freguesia do Ó, zona norte. Foi muito diferente mudar pra cá. No início tinha muita diferença, mas depois a necessidade obriga e então fui me adaptando. Aqui era um bairro novo. Quando nós viemos pra cá, o ônibus que a gente tomava pra ir pro centro era o 3712 que continua até hoje, que vai até o parque dom Pedro ou era o 37 50 que era o Belém. E lá onde eu morava tinha tudo na porta, tudo mais simples, mais fácil. Pra você ter ideia: eu trabalhava em Santo Amaro e vim morar aqui. Então, olha a diferença. Mas foi aos pouquinhos. Agora eu não troco aqui pela zona norte. Hoje gosto de morar aqui mas no início foi difícil. Quando nós viemos pra cá não tinha supermercado perto, açougue, era tudo muito difícil. Menina, no primeiro dia que eu cheguei aqui, uma das minhas vizinhas já brigou comigo. (Risos) No primeiro dia! Isso porque antes de nós mudarmos eu comecei a reformar. Comecei a arrumar a cozinha, comecei a arrumar banheiro e ela reclamou que ficavam mexendo na reforma. Aí sabe o que eu fiz? Ignorei. E passou batido, sem problema. Tinha muitas brigas na escada. As pessoas eram muito mal educadas. Eu acho que ter pessoas mal educadas não é só da COHAB, em qualquer lugar tem pessoas mal educadas. Mas acho que aqui juntaram todos os mal educados num lugar só...

Eu sempre morei em casa térrea – casa pequena – e sempre tive espaço pra brincar, pras crianças ficarem no quintal. E aqui não, você tinha que ficar dentro do apartamento. Foi uma outra adaptação, ficar dentro do apartamento. Eu tinha criança pequena, minha filha tinha seis anos. Então era muito difícil. O pessoal brigava, tinha que voltar pra dentro de casa. Aos poucos fomos nos adaptando, nós sabíamos que esse era o espaço. Só que criança não quer saber... Olha, naquela época as crianças ainda podiam brincar na rua. Nós temos essa rua que não tem saída e as crianças saíam, brincavam. Brigavam, como sempre, mas depois tudo bem. Meus filhos podiam descer e brincar na rua. Então, até hoje, tanto minha filha – que vai fazer agora 37 anos – e meu filho, que fez 29 – eles têm amizade com todo mundo aqui ainda. Eles chegam, cumprimentam as pessoas, têm amizade. Eu nunca cheguei e falei pra eles: não quero que você fique com fulano, não quero que você fique com sicrano, eles é que tinham que escolher as amizades. Porque mesmo falando não falando, as pessoas cuidavam um do outro.

Descia, olhava pra ver se estavam fazendo alguma arte, chamava a atenção. Meu filho era o xodozinho, todo mundo gostava; e minha filha era mais sizudinha então muitos implicavam com ela. Mas eu sabia distinguir o que era certo e o que era errado. Acho que eles levam daqui as amizades, e até o saber dividir as coisas porque eles brincavam muito juntos. Então, por exemplo, eu dava um lanche pra minha filha, um pão com mortadela, tinha outra menina lá na escada, ela dividia o pão com a menina. Nessa época ela ainda não tinha o irmão. Ela ainda não sabia, porque criança sozinha é difícil aprender a dividir. Mas aí ela dividia com a colega. Então, acho que isso foi muito bom pro aprendizado. Então hoje eles chegam, eles têm amizade com todo mundo. Viver em condomínio ... isso tudo depende muito das pessoas. Às vezes a pessoa até quer ter um relacionamento maior com o vizinho mas não tem oportunidade. Mas não vou dizer que é fácil. É muita coisa. Você tem que fechar os olhos pra muitas coisas... Você não pode bater de frente. O meu aprendizado aqui é que eu aprendi a conviver com as pessoas. Eu gosto muito daqui. E também, na medida do possível, se eu posso ajudar alguém, eu ajudo. Na medida do possível, porque a gente faz só o que a gente pode. E não é só com dinheiro que a gente pode ajudar. A gente pode ajudar com uma conversa, às vezes a pessoa tá tão angustiada, não tem com quem conversar, abrir o coração. Um aprendizado bom, que eu levo daqui. Mas daqui eu não vou sair não (risos), só pra casa do senhor, se deus quiser...

Pra melhorar a convivência entre as pessoas dos prédios depende de ter uma pessoa pra conversar, igual a você, que tá vindo nas casas das pessoas. Eu acho que tem jeito, acredito que é muito difícil, mas tem jeito sim. Eu não sei muito bem como seria essa ação mas eu acho que o que falta muito é atividade pras crianças. As crianças ficam muito ociosas dentro do apartamento. Eu não tenho mais criança, não estou falando pelos meus, mas estou falando pelos meus vizinhos. Podia ter uma programação, fechar a rua e fazer uma programação de brincadeiras, de jogos, pra ajudar as crianças. Seria ótimo. E até os mais velhos poderiam entrar. Porque antigamente, quando as crianças eram pequenas, a gente descia e pulava corda, brincava de queimada... Todo mundo brincava ali. Pode ser mais velho, mais novo. Todo mundo brincava. Agora não tem mais isso. Tem criança que nem sabe pular corda. A minha filha não sabe pular corda de duas, mas corda normal ela sabe. Tem que ser uma atividade assim, uma coisa maior pra juntar todos os prédios. Há muito tempo atrás, quando fazíamos festa junina na rua.. eu que encabeçava, era mais jovem, tinha mais disposição... aí cada um trazia uma coisa, aí fazia quadrilha. Era bem gostoso. Já faz muito tempo... meus filhos eram pequenos ainda. Olha que eu trabalhava, cuidava da casa, cuidava dos filhos e ainda tinha tempo de fazer festa junina. Eu trabalhava na organização. Sempre fui envolvida no condomínio, sempre estive na frente. Sempre fui síndica ou se eu não era síndica, estava na comissão. Só que agora eu desisti porque é muita falação, ninguém ajuda e só fala. Então eu me afastei. Mas eu agitava esse prédio (risos). No fim de semana minha casa ficava cheia. No fim de semana que eu estava em casa queria as crianças perto de mim as crianças vinham todas pra cá. A gente fazia bolo, a gente fazia aniversário, aniversário de boneca... porque esse quarto (aponta) era das crianças. Vivia cheio de criança aqui dentro. Era bem gostoso. Mas a gente vai cansando. Porque um erro que você faz, as pessoas não vem as coisas boas que você fez. Então aí foi desgastando. Daí falei: vou ficar só cuidando da minha casa, dos meus filhos, dos meus netos...

Agora meus filhos estão casados, agora eu tenho netos. Hoje as crianças não podem brincar na rua porque a violência parece que aumentou nesse pedaço aqui. Eu não sinto tanto porque eu moro desse lado e não vejo o que acontece na rua. Por exemplo: se meu neto de três anos vem aqui, ele não fica brincando na rua. Eu desço, fico lá no Parque Raul Seixas com ele. Eu não acho que seja confiável deixar uma criança brincando na rua como se deixava antigamente. As crianças ficavam até a noite brincando, pulando corda, conversando, jogando bola. Agora não dá mais. Nessa rua tem muita gente desocupada. Rapazes, desocupados, sentados, que ficam fazendo sei lá o quê. Então por isso que a gente não tem mais liberdade de deixar as crianças descerem pra brincar. Eu não tenho mais os filhos pra preocupar, eu tenho só os netos pra pensar. Mas se fosse agora com meus filhos pequenos ia ser difícil porque eles ficavam aqui enquanto eu ia trabalhar. E os outros condomínios, eu vejo, têm espaço pras crianças brincarem. Aqui não tem. Você fica até mais tarde, incomoda, porque criança não fica quieta, faz barulho. Se fica na escada, incomoda. Na rua não pode. Não tem espaço dentro do prédio pra brincar. É complicado isso.

O bom de morar aqui é que eu tenho uns vizinhos muito bons, toda vez que eu precisei teve alguém que me socorreu. Meu marido é doente, tem diabetes, então sempre teve alguém que me ajudou. Aqui a condução é muito boa. É muito bom de morar, tanto que eu falei que não troco aqui pela zona norte. Pra mim agora tá muito bom. Agora nós temos tudo na porta. Bastante condução, temos supermercado pra escolher, temos várias feiras – inclusive feiras à noite... Agora estou super adaptada. Agora eu estou frequentando muito o Parque Raul Seixas por causa dos meus netos. Quando eles vem pra cá, pedem pra fazer piquenique lá. Tem o SESC Itaquera, que é muito bom, mas que eu fui poucas vezes. O Parque do Carmo eu não gosto muito porque acho muito sujo, tem muita gente que gosta mas eu não gosto. Eu passeio pouco por aqui porque eu saio mais pra ir pra cidade, pra levar meu marido no médico daí volto. Acho que o que temos de qualidade é a condução. E o ponto negativo daqui é a falta de hospital. O Santa Marcelina é bom, o Planalto eu não posso reclamar que todas as vezes que precisei me atenderam bem; o posto de saúde aqui é bom, meu marido faz o acompanhamento do diabetes lá, recebe todos os remédios, é muito bom. Mas eu acho que precisaria ter um posto de saúde que ficasse aberto 24h. Porque a COHAB é uma cidade. E se você vai pro Planalto, você não consegue atendimento rápido. E não é todo mundo que tem convênio. Da última vez que meu marido passou mal ele ficou três horas aqui apagado, o SUS não veio, aí teve que vir o São Cristóvão, que é onde meu marido tem convênio. Mas são essas coisinhas. Condução tá bom. Tem metrô, tem trem, tem ônibus que vai pra todo lugar. Só na hora do pico, na manhã – agora como não vou mais trabalhar, não sei.. Mas nas horas que a gente sai, tá ótima a condução.

**M.L. 42 anos, é cobradora de lotação emora no Condomínio Cingapura desde a inauguração.**

***TOM VITAL: “Ninguém mais vê isso aqui como um apartamento, vê como uma favela de novo. Já virou uma favela de novo. É ruim. É o lugar que ninguém tem respeito. Uma sujeira, tudo largado. Todo mundo faz o que quer, então não dá certo. Eu tenho um filho de doze anos – não é isso que eu quero pra ele.***

”

Há dezesseis anos atrás meu pai morava numa área que é da favela Vera Cruz aí ele veio de lá pra cá. Como meu pai era idoso, aí eu morava com ele. Vieram do Vera Cruz mais ou menos umas vinte, trinta famílias. Hoje em dia não tem mais ninguém de lá, já foram embora.

Na época em que chegamos aqui era maravilhoso, era muito bonito, muito bem feito, muito arrumado. Mas o pessoal não soube manter a qualidade dele. Muito bonito, todo arrumadinho, pintado lá fora. Aqui dentro a gente pegou no chão rústico, não tinha acabamento – mas era bonitinho. Pra quem não tinha nada... Se tornava tudo pra quem não tinha nada. Mas infelizmente foi passando os anos e foi se acabando... foi se acabando até chegar na situação que tá.

O melhor carnaval da zona leste era aqui em frente, na Jacu Pêssego (*avenida que passa bem próxima à janela da entrevistada*). Fechava uma semana a Jacu Pêssego. Quatro dias. Lotava de gente, a gente brincava com as crianças na avenida. Era muito dez. Ficou um bom tempo. Meus dois filhos brincaram na avenida fechada. Tinha policiamento. Era uma coisa maravilhosa. Depois que as escolas desfilavam lá, desfilavam aqui. Tinha show, um monte de gente. A prefeitura bancava. Muito bom. Perdemos tudo isso. Começaram a matar gente na avenida (*ênfatisa*) mas não o pessoal do Cinga. Muita treta. Muita confusão, muita bebida. Acabou. Não tem mais. Era uma vida que todo mundo queria ter. Daqui na avenida, vendo as mulheres se trocando, colocando aquelas roupas e a gente se matava de rir. Era muito bom. Pras crianças, era tudo.

Hoje tá feito um mon.... como que eu posso falar... pra quem vê lá de cima parece um lugar assustador, porque não tem luz externa, não tem ajuda da prefeitura com o saneamento básico... isso aqui é uma rataiada, uma lixaiada... ninguém tá nem aí pra nada. Tá abandonado isso aqui, porque a prefeitura veio, criou, fez... ficou mais ou menos um ano, dois anos dando palestra, incentivando os moradores a como ia acostumar num lugar desse, só que eles nunca acostumaram. Eles não acostumaram porque quando a pessoa, ela é acostumada a viver sem pagar água, sem pagar luz, não sabe o que é ter uma vida melhorzinha... ela não vai pra frente. A prefeitura veio, ajudou, incentivou... na época o prefeito era o Maluf. Eles fizeram de tudo pra pessoa se dar bem. Mas não conseguiu. É difícil... a pessoa vem de uma favela... ela é acostumada a pagar o que na favela? Hoje não, porque hoje eu fiquei sabendo que na favela paga água e luz. E na época que não pagavam nada? Não pagavam água, não pagavam luz, não sabiam o que era um esgoto. Hoje já tem esgoto, que é saneamento básico. Muita coisa hoje é paga. Então as pessoas que vieram na época, com meu pai, não sabiam o que era apagar nada. Então foi muito difícil. Tem gente que catava lixo, tem gente que vendia, reciclava as coisas no barraco pra poder sobreviver e teve que abrir mão disso tudo pra vir pra cá, prum apartamentinho desse. O pessoal queria uma casinha, mas na época não tinha casinha. Eu acho que não tinha, não sei.

É diferente morar num prédio, e morar na favela. Pra quem conhece, tem uma vida fora... a vida na favela tem dois lados: tem aquele pessoal que mora porque não tem condições de morar mas sempre procura uma vida melhor, um trabalho; e tem aquelas pessoas que se

acomodam na favela e acham que a vida é aquilo ali. Muitos se acomodaram na favela e tem apartamento, pegam, mas não ficam, não conseguem morar. É difícil a adaptação, a convivência. É muito difícil. Porque na favela é cada um por cada um, aqui você tem que dividir água, você tem que dividir a luz... Agora não, que está tudo separado. Mas quando a gente chegou aqui, nossa conta de luz era um absurdo... ninguém sabia o que era pagar água. Condomínio não tá bom mas... é trinta reais. Trinta reais é dinheiro pra quem não vai atrás. Se eles tivessem feito assim, lá na favela, preparado as pessoas que vieram prum lugar desse, hoje em dia não tava do jeito que tá.

Tinha que ter uma associação pra ter preparado as pessoas. Porque a pessoa tá saindo dum barraco que ela não paga nada pra um lugar que ela vai ter que pagar a água, a luz. A prefeitura na época não falou que ia fazer isso. Eu vinha pra cá, não ia pagar a prestação de cinquenta e sete, não ia pagar água, não ia pagar luz... A gente acha que vai pagar a prestação por vinte e cinco anos. Aqui a gente só tá permissionário de morar. Aqui é permissionário, não é dono. Durante vinte cinco anos ou a gente não sabe quando vão dar permissão pra falar “isso aqui é seu”. Porque eu acho que tem muitas pessoas que não pagam. Aqui poucas pessoas eu vejo falar que pagam.

Tem muito problema aqui. Sujeira. Esgoto. A prefeitura não tá nem mais aí com isso daqui. De mês em mês o esgoto entope aí enche os apartamentos de baixo, fica aquele cheiro insuportável que você não aguenta. As caixas de esgoto que eles fizeram não é compatível pro tanto de gente que tem aqui dentro – ela sobe, ela enche, aí joga pra avenida, enche os apartamentos, fica aquela podridão dentro de casa que você não aguenta. O esgoto a céu aberto, o lixo. A saída do esgoto é a céu aberto lá atrás. Quando ela (*a caixa-mãe*) enche, transborda e vai tudo pra avenida. E a prefeitura não liga, não vem mais, não aparece. A gente não sabe se estamos abandonados, se eles vão aparecer... do lado de lá, atrás, você devia tirar uma foto, é um lixo só.

A convivência é aqui, como é em qualquer lugar, qualquer apartamento, eu acho que é cada um por cada um. Vizinhos a gente somos porque somos moradores conhecidos de lá (Vera Cruz). Aí já somos de lá. A gente se conheceu pra lá. Porque eu acho que se fosse pra se conhecer aqui, isso aqui era cada um por cada um. Era mais fácil a convivência lá no Vera Cruz porque o pessoal, tava todo mundo no mesmo barco. Mas aqui se um paga, outro não paga, tem briga por causa disso... foi muita briga, muita discussão na época porque as pessoas não queriam pagar água e vinha aquele montante aí todo mundo tinha que se reunir. Aí um brigava com o outro... tá melhorando agora. Se deus quiser vai melhorar mais. Hoje não reúne mais todo mundo porque já vem boleto individual, separadinho. Antes era todo mundo junto. Que nem: vinha cinco mil de água, dividido pros quatro blocos... era um pau da bexiga! Sá faltava se matar... mas foi passando o tempo foi mudando. Graças a deus agora já tá bem melhor.

O bom de morar aqui é ter uma avenida dessas, um supermercado ali, açougue, mercado ali, parque Raul Seixas, posto de saúde... Tem coisas maravilhosas aqui: pra ir na padaria é só atravessar o farol (da avenida). Tem vários mercados, tem açougue, tem tudo. Aqui não falta nada.

Mas hoje, do jeito que tá, eu mudaria daqui. Eu gosto de apartamento, eu não queria uma casa. Mas hoje eu mudaria não pelo lugar, mas pela situação que você tá criando. Ninguém mais vê isso aqui como um apartamento, vê como uma favela de novo. Já virou uma favela de novo. É ruim. É o lugar que ninguém tem respeito. Uma sujeira, tudo largado. Todo mundo faz o que quer, então não dá certo. Eu tenho um filho de doze anos – não é isso que eu quero pra ele.

Na favela era ótimo. Só que era uma favela. Não tinha saneamento básico, não tinha água, não tinha luz... foi se arrumando aos poucos. Até melhorar e virar um apartamento. E pra quem não tinha nada, isso aqui era o céu. Mas do jeito que eu te falei: ensinando o povo a morar. Ensinando o povo a ter responsabilidade. Ah, o pessoal não é acostumado, né? Não é acostumado a pagar nada, a viver na limpeza, viver com as coisinhas certinhas no lugar... o povo já é acostumado a tipo num lixão. Gosta da sujeira.

Mas aqui o pessoal é estudado. Não tem onde morar, mas é um pessoal muito estudado. (*pausa e mudança súbita de assunto*) Olha, do jeito que era, isso aqui tá melhorando a cada dia que passa. Esse bloco é limpo, porque tem minha irmã que cuida. Você vai nos outros, você já vê a diferença. Você já entrou nos outros? É diferente. Aqui tem faxineiro, tem a pessoa que cuida, só que tem pessoas que não estão acostumadas a viver na limpeza. É a qualidade de vidas deles, que eles não aceitam. Não aceitam uma vida melhor. É difícil pras meninas que ajudam aí nas coisas: cata lixo, varre, lava o prédio... Tudo aqui é lavado, mas não tem jeito não. Parece que quanto mais limpa, pior fica. É o costume das pessoas mesmo. Pessoa quando não é acostumada, não adianta. Isso aqui tem dezesseis anos e olha como tá aqui... Muita coisa já rolou. Essa quadra era a coisa mais linda. Tinha parquinho, tinha quadra – muito boa essa quadra pras crianças. Os moradores acabaram com tudo. Eles mesmos acabaram com tudo. O portão era todo arrumadinho, fechadinho. Você precisava ver, é que eu não tenho foto aqui. Era muito bonito. Isso tudo aconteceu por falta de estrutura. Faltou a prefeitura explicar pros moradores que eles tinham que pagar, que eles tinham que ter responsabilidade. Embora eu não possa negar: aqui ficou um bom tempo a assistência social ajudando, tentando ajudar na adaptação. Faziam palestra, ensinava as pessoas a conviver, dava curso de computação pras crianças, muita gente aprendeu a mexer no computador. Era uma base móvel da prefeitura que ajudava. Muita coisa boa a prefeitura fez, não posso negar. Mas quando eles saíram, saíram de vez e não voltaram mais. Nunca mais voltaram. Nunca mais apareceram, a gente nem sabe. Tinha muita gente, a gente pegou amizade com muita gente. As assistentes sociais. Tinha gente muito boa. Elas vieram de lá, do Vera Cruz pra cá. Viveram um tempo lá. Porque vai indo, até arrumar pra pessoa sair do barraco – porque não é só pegar a pessoa e jogar no caminhão. Conversavam, tentavam explicar pra gente. (*pausa e muda de assunto*). Mas não tem jeito, não adianta. Só se eles entrarem com outro programa, pra tentar. Eu não vejo futuro nisso aqui mais não. E olha que eu sou uma que, quando caía o papelzinho no chão, lá no meio da rua... mas eu desanimei, cansei. Não tem jeito. Como que seria a frente da casa se você não cuidasse? O governo quis isso. O governo dá o suporte, até onde der. Depois, larga pra eles irem com os pés e com as mãos deles. Eles não conseguiram isso. Esse é o verdadeiro problema. Eu tenho três filhos. Eu sei que se eu não correr atrás, ninguém vai bater na porta pra me dar. Tem gente que não é assim. Tem gente que tá passando fome, mas não tem

coragem de ir atrás. Não é a maioria do Cingapura que não faz o Cingapura ter uma qualidade. São poucas pessoas, mas essas poucas estragam. Por exemplo: você vê um menininho que chupou uma bala e joga pela janela... a mãe tá conversando com alguém, tomando cerveja, e joga a lata de lá de cima... tá ensinando a ele alguma coisa? Não. Mas as pessoas não tem a coragem de catar, colocar tudo dentro de um saquinho. Quando descer, leva. Tem gente que joga o lixo lá de cima. Aí caí lá na avenida. Isso não é de hoje – são dezesseis anos. Pra mudar, é difícil.

Falam que no Cingapura é tudo bandido, maloqueiro. Se meus filhos se passarem daqui pra cima... Eles não tratam como um morador da COHAB. Embora a COHAB seja pior que aqui. Aqui a gente é tratado como maloqueiro. Já senti esse preconceito. Você tá ali fora, você sente a diferença. Eles não gostam do pessoal do Cinga. Eles acham que aqui só tem bandido e vagabundo. Eu não passeio pelo bairro. Praticamente a gente só vive aqui dentro do apartamento. Os meninos gostam mais de São Mateus (*bairro onde fica Vera Cruz, era onde moravam*). Eles gostam de lá. Todo mundo se conhece aqui. Quem é do Vera Cruz, volta pra lá. Curtir aqui a COHAB? Não. De vez em quando quem vai é o Gabriel (*o terceiro filho de 12 anos, caçula*). Mas eu tenho medo. Já fui uma vez. Mas não sou muito fã de ficar lá. Eu gosto é de ir pro SESC, pra São Mateus. Eu não sou muito fã da COHAB também. É o costume, né? Não tenho muita coisa pra falar daqui. Aqui pra mim eu falo assim: avenida, padaria, mercado, açougue e de vez em quando posto de saúde. Nada mais. A gente não sai por aqui. E meu trabalho também - trabalho com lotação lá em São Mateus. É tudo pra lá. Não sei como que é lá pra cima – de vez em quando vou lá pra cima (*faz o gesto que indica a subida da Batista Conti*).

É diferente pras pessoas o fato da gente morar na zona leste, é diferente o comportamento. Zona Leste diz que é maloqueiro, que tem coisa que não tem na zona sul. Lógico que tem, né? Diz que se você vem de lá pra cá, você sente a diferença. Eu não sei porque eu nunca fui pra zona sul mas diz que pra lá tem uma diferença. Quando alguém pega o metrô pra ir pra Itaquera já diz: “meu deus, eu vou pra lá...” porque, pra quem nunca viu, acha que é um lugar terrível. É que nem falar de lá: fala Capão Redondo todo mundo faz “óóó”. É um com medo do outro. Não sei te explicar direitinho, mas é bem assim. Pra mim eu gosto daqui. Não conheço a área toda, não conheço lá pra cima, a COHAB não posso te dizer que eu conheço porque não ando lá... mas pra mim, o bairro daqui é ótimo. (Risos) Zona leste é zona leste, né filha? É o povão... Não sei te falar. Eu só te falo um pouquinho do que eu ouço. Hoje eu tô com quarenta e dois anos, se eu tivesse com vinte eu sabia te falar.

Pra mim não tem nada de ruim em morar em prédio. Pra mim. Mas tem gente que acha ruim... falta de espaço, a gente não ter um salãozinho - um lugar onde os moradores podem se reunir pra fazer alguma festinha, um parquinho pra crianças brincarem, a quadra arrumada faz falta. Pra te falar a verdade, tudo faz falta, muita coisa faz falta. O bom de morar aqui é aquilo que te falei: você tá num lugar limpo, que tem qualidade. Você tem endereço. Pronto, vamos resolver: endereço. Numa favela você não tem endereço. Antigamente, né? Hoje sim, você tem endereço. O bom de tudo isso, de ter um apartamento, foi ter um endereço, porque você pode ser chamado de alguém. Quando você mora numa favela você vai falar que mora onde? Você só tem o número do barraco. Esse era o problema na época. E hoje é diferente, entendeu? E

muita gente não dá esse valor. Eu sempre corri atrás de trabalhar e viver minha vida de um jeito melhor. Eu nunca vivi em favela. Então pra mim, estando lá no Vera Cruz ou estando aqui, não faz muita diferença porque eu não vivi lá. Vivia mais na minha mãe, na minha irmã. Eu sempre trabalhava fora. Sempre vinha uma semana sim, uma semana não. Então eu não vivo em favela, eu praticamente não sei como era o Vera Cruz ou como que é a favela porque eu não vivi. Tem essa diferença também. Pra mim, é a mesma coisa. Agora, tem pessoas que não mudam, nem vai pra frente, nem vai pra trás. Sai olhando pelos blocos pra você ver. Muitos apartamentos já foram vendidos, nem todo mundo que tá aqui é da época. Era mais, era mais de vinte famílias do Vera Cruz. Pessoal não aguentou ficar aqui, venderam e foram embora. Quando não é acostumado aqui, não aguenta. Agora se fosse casinha da COHAB... Por que eles não fizeram casinha? Ia acostumar melhor, cada um tem seu espaço, cada um faz aquilo que quer. Aqui não, aqui não época não era nada individual. Era todo mundo junto, era uma briga que você não tem noção. Parecia um massacre.

Nos halls ou lá em cima (garagem térrea dos carros). E todo mês era uma discussão. E a mesma discussão pra dividir as contas. Depois que veio o boleto, o povo parou de se reunir pra dividir as contas. Porque no boleto já vem separado. (*mostra*). Já vem estipulado o que você gasta. Taxa de água, esgoto, condomínio. Vai discutir mais o quê? É só pagar na lotérica. Mas até chegar nisso aí... Não tem manutenção. Nem da caixa de esgoto - quando entope, a Sabesp vem xingando, mas vem. E limpa e pronto. Não tem pessoal que dá apoio pra nada. A limpeza da caixa d'água tem que pagar. Aqui não tem quem faça nada. Meu cunhado é o síndico, mas ele tá doente... Se ele tivesse bom e se quisesse.. Os quatro blocos estão abandonados. Embora tenha gente que queira fazer aos poucos – não é que não fazem porque não querem, é que não tem ajuda de moradores pra fazer uma coisa que vá pra frente. Tudo que eles começam, eles param. A prefeitura, o estado devia incentivar mais. Você viu aquela brincadeira que fizeram? (*sobre uma intervenção do Coletivo Alma realizada em 2012, chamada “vai brincar lá fora!” que propunha brincadeiras de rua aos moradores do Cingapura Raul Seixas, também com registro em vídeo de entrevistas com adultos e crianças sobre a memória do brincar*) Você vê o pouco que fizeram e o tanto que foi? Ali pra eles é como se fosse uma coisa grande. Por que o próprio governo não pode fazer isso por eles? Porque aqueles moleques ali, o que você acha que daqui a pouco eles são? Mais um drogado na esquina, porque não tem estudo, não tem ninguém pra ajudar. O governo, ao invés de dar bolsa escola e renda mínima pra mãe devia dar um curso profissionalizante pra mãe, uma vida melhor pra ela criar os filhos dela. O governo dava o suporte, ensinava a trabalhar em algo. Pega o suporte e vai embora. Depois que você foi embora, aí você vai andar nas suas pernas. O que eles implantaram? Renda mínima e bolsa escola. O que você acha? Você não acha que seria melhor ao invés de ter dado isso.. sabe que o valor foi diminuindo, né? Muita gente que tinha um filho, com renda mínima e bolsa escola foi pra três, quatro filhos. Porque a coisa era muito boa. Eu culpo muito o renda mínima e o bolsa escola por estar hoje do jeito que está. Tinha que ter dado trabalho, devia ter dado condições melhores pra pessoa se manter. Uma ajuda, mas não em dinheiro. Não acho que dinheiro foi bom. Conheço pessoas que tinha dois filhos, de dois foi pra quatro, de quatro foi pra cinco... Estragou muito. Na época da minha mãe, que não existia nem o renda mínima nem o bolsa escola, a criminalidade não era como é hoje. Bandido tinha medo de roubar. Pra você catar isso aqui ó (*pega o gravador*), pensava

cem vezes. Hoje em dia... A coisa é fácil. Eu acho que o governo, sei lá... Hoje em dia ninguém sabe quem rouba mais. É muita facilidade pras pessoas e fácil é isso aí que você tá vendo. Eu sou duma geração do difícil. Não tive oportunidade de ter um estudo bom porque não dava: ou eu trabalhava pra comer ou eu estudava. Como não dava pra fazer os dois... Estudei até quinta série e tenho vontade de voltar a estudar só que é aquilo que minha mãe falava: hoje não tem, não tem, não tem. (*ênfatisa*) Hoje você fala não tem pro filho... você viu como tá hoje? Na televisão, você viu que o filho matou o pai e a mãe? Porque hoje ninguém escuta “não” e fica quieto. A gente escutava não e ficava quieto. A juventude de hoje não aceita um “não”.

Aqui podia ter qualidade que tem pros prédios da classe B. Qualidade de vida, aqui tem pessoas que trabalham pra isso. Aqui todo mundo trabalha. Todo mundo sai de manhã pra trabalhar. Aqui todo mundo tem seu emprego, sua casa, tem sua televisão boa. Só que o pessoal se preocupa com dentro do apartamento. Pessoal não se preocupa com lá fora, que é o cartão postal. Porque eu não venho mostrar pra você... te mostro a minha blusa bonita, você gostou? Gostou. Mas o que tem dentro dela? O conteúdo da pessoa. A pessoa. Aqui eles não tão nem aí. O meu apartamento é muito bem arrumado, mas aí fora ... o que adianta?

### **M.S. 15 anos, estudante ensino médio, mora no Cingapura desde que nasceu.**

#### **Tom vital**

Moro aqui desde que nasci. Minha mãe veio pra cá grávida da minha irmã mais velha e já com meu irmão mais velho. Somos quatro irmãos, meu pai e minha mãe morando aqui. Minhas primeiras lembranças são de bastante festa, tinha festa junina, ficavam vendendo batata-frita, muitas pessoas no pátio brincando. Era bem mais legal. Eu brincava bastante. Mas eu dependia da minha mãe me deixar participar da festa do prédio. Eu insistia, ela não deixava... eu insistia. Aí ela deixava. Todo mundo contribuía pra dar uma boa festa pras crianças. De uns tempos pra cá mudou tudo. Acho que começou a mudar mais ou menos em 2010... Agora ainda tem festa, mas é mais pras crianças. Mas não participa todo mundo como era. Acho que as pessoas estão mais guardadas pra elas, hoje tem mais comentários sobre quem contribui ou não para o prédio. E as pessoas na rua estão comentando mais sobre aqui – isso começou faz pouco tempo. Agora no natal tem baile funk, antigamente não tinha isso. E depois teve uma morte aqui. Foi bem no natal. Um menino muito querido por todo mundo aqui, povo dizia que sabia que ia morrer porque tava tirando foto com todo mundo. Todo mundo cuidava dele, gostava muito dele. Às quatro e pouco da manhã ele morreu. Todo mundo ficou chateado. Ele era um menino bom, acho que tinha uns dezoito anos, muito gostado por todo mundo, era amigo de todo mundo. Não foi aqui dentro do Cinga a morte, ele sofreu um acidente de moto, bateu numa árvore perto do asilo. Mas depois da morte dele mudou tudo aqui dentro. Foi agora, em dezembro do ano passado. Depois que aconteceu isso, sei lá...

Eu acho que esse bairro é bom pra algumas pessoas, mas é meio perigoso pra cá... de tanta coisa que aconteceu. Pra mim é de boa, eu conheço mais pra cá e abriu uma igreja lá em cima que eu estou indo, vou andando até lá então eu estou sossegado, eu sei onde eu ando. Mas tem roubo, as ruas estão muito escuras e caso aconteça alguma coisa com você as pessoas que estão passando não param pra ajudar, não fazem nada. Então é perigoso. Lá pra cima, perto do

Carrefour, tem uma rua fechada, duas pessoas morreram lá. Fiquei sabendo, não sei se é verdade. Eu acho que é perigoso pra quem não conhece. Mas pra mim é bom. Acho que o bom daqui é que tem mercado perto, então pra gestante, cadeirante, idoso fica fácil ir e voltar. Tem lugares como a casa da minha tia, que não tem nada perto. Lá não é um bom lugar de se viver. Lá também o pessoal coloca um som muito alto. Fica atrapalhando. Aqui também toca o funk, mas não fica até de noite, ele só toca de manhã até o meio dia. O bom do Cinga é que as pessoas se ajudam, pra isso aqui melhorar. Aqui a gente vive numa equipe. Acho que é uma boa convivência, todo mundo se trata bem. Todo mundo dos quatro blocos é unido. Aqui um ajuda numa coisa, ajuda a limpar o prédio, todo mundo ajuda bastante. Tem uma pessoa que cuida da limpeza, mesmo assim todo mundo ajuda. Mas tem coisas aqui que acontecem, como no bueiro, que quando liga pra sabesp eles não vem. Não tem ninguém pra resolver isso, a gente fica esperando. A gente espera, mas não aparece ninguém. Fica mais de uma semana.

Se eu fosse mostrar os lugares que eu mais gosto do bairro pra alguém, eu primeiro levaria no Parque Raul Seixas, que é um bom lugar e onde eu gosto de ir com meus amigos. Também ia no MacDonalds aqui na Dom Bosco... levaria também nalgum museu se tivesse aqui por perto. Tem museus muito bons, que eu gosto, mas não por aqui... tem biblioteca municipal, que eu vou, mas tem uns livros assim que eu quero e não tem lá. Na minha escola também tem biblioteca, eu vou todo dia, pego um livro. Eu acho que podia ter mais museu aqui. Acho que podia ter um pouco mais de cultura, de espaços assim. Tem muito lugar vazio. Eu traria mais investimento pra ter mais empresas, mais trabalho por aqui. E tem muita gente na rua. Se eu tivesse poder na prefeitura, eu ajudaria mais os pobres.

Eu não me vejo morando aqui daqui a dez anos. Acho que existem outros bairros melhores, queria viver numa comunidade que não tenha muita morte. Que tenha bastante paz. Acho que esse bairro vai ser bom ainda daqui a dez anos – estão acontecendo algumas mudanças. Eu não posso enxergar uma coisa ruim porque já moro aqui a mais de dez anos e tem sido tudo bem.

R. 31 anos, percussionista e atriz, desbravou os caminhos para profissionalizar-se na arte. Relata enfrentar a pressão da segregação espacial e cultural direcionada à periferia de forma ativa.

Tom Vital:

Sou nascida na Bahia, em 1982 eu nasci lá e minha mãe já morava aqui com meus dois irmãos mais velhos, aí minha mãe tava grávida de mim, foi lá pra Bahia e eu nasci lá. Eu vim pra cá eu era bebê ainda e cresci aqui – então na verdade, posso considerar que sou daqui. Eu cresci aqui, fui criada aqui. A coisa que eu me lembro muito são as brincadeiras, me lembro muito das brincadeiras. Hoje em dia eu observo que é uma coisa muito diferente – tem muita coisa parecida, que é legal de ver, de rever as crianças fazendo que a gente lembra, mas por outro lado, muitas brincadeiras que a gente tinha não existem mais. Então por exemplo: aqui na frente do meu prédio, tá todo cimentado o piso, mas antigamente tinha um jardim. E uma das coisas que eu lembro é que tinha um pé de amora e a gente subia nesse pé de amora pra pegar amora. Isso é uma das coisas mais marcantes, é uma lembrança que ela é sempre. A gente pegava amora, vinha fazer coisa em casa, fazia sujeira em casa, era brincadeira de criança. Mas eu lembro também que tinha muita criança aqui, só aqui no meu prédio tinha muitas. E todas essas crianças se juntavam pra brincar – eram umas dez, quinze crianças. Aí tinha esconde-esconde, pega-pega, a gente brincava muito de pular corda. Isso meninos e meninas

juntos. Claro que tinha as meninas brincando de boneca, sempre, e os meninos com as brincadeiras que são consideradas brincadeiras de meninos. Só que eu fui uma criança que gostava de brincar de tudo. Então eu brincava com as meninas e brincava com os meninos também. Tem a parte daqui da frente do prédio, também tem a parte daqui do fundo, que é uma área verde e que a gente brincou muito lá também. Também tem muro, a gente pulava muro. Eu fui meio moleque... eu escorregava com papelão pelo barranco na área atrás. Então, a gente aproveitava muito mais os espaços, mas também porque o espaço propiciava isso – hoje em dia, é mais cimentado, não pode brincar aqui, não pode brincar ali...

Hoje em dia eu não vejo as crianças brincando essas brincadeiras que a gente brincava: que eram brincadeiras simples, que eram brincadeiras de grupo onde se juntavam meninas e meninos, brincava todo mundo junto. O que eu vejo hoje em dia: primeiro, que não tem a mesma quantidade de crianças – às vezes até tem, mas dentro dos apartamentos – mas elas não saem pra brincar juntas, é mais difícil do que como na minha época, por exemplo; e eu vejo que fica muito cada um na sua brincadeira também, antigamente era um grupão, juntava bastante gente; e não tem essas brincadeiras – a gente vê brincando de bola sempre, de bicicleta, mas essas brincadeiras de contato físico, de se jogar na terra, não tem, que hoje você não pode sujar...e a gente, antigamente, brincava até na bosta...Ainda tem o futebol.

Raramente eu vejo um pega-pega, um esconde-esconde. Tanto é que quando eu vejo isso, eu acho muito legal. E não vejo mais as meninas brincando de boneca – isso está bem difícil de ver. Eu vejo pouco, gostaria de ver mais. Essas brincadeiras de boneca tiveram fases: quando a gente era pequenininha, a gente gostava de brincar de mãe, depois foi pra parte de Barbie, quando a gente já era mais crescidinha. Mas eu lembro que, como eu tenho uma irmã também, a gente brincava muito dentro de casa quando não podia sair, e a gente brincava também com as outras meninas do prédio. Era aquela coisa: brincar de casinha, brincar de mamãe e filhinha, uma ia pra casa da outra. E por serem várias casas também, a gente brincava com isso. Ah, eu vou pra sua casa, você vem na minha... o que era o espelho que a gente tinha dos nossos pais: porque eles frequentavam muito o apartamento um do outro. Tinha muito isso da gente ir na casa do outro pra beber um café, pra jogar conversa fora. Tinha as reuniões da tuperware...isso era impagável! Eram muitas! Não era tão fácil como hoje encontrar tuperware. Sempre que tinha reunião, era “a” reunião. Tudo começou com tuperware. Agora tem Avon, natura, mas nem tem mais essas reuniões, acho, nem sei, acho que nem existe mais. Mas antigamente era assim: marcava um dia na casa de alguém, na casa de uma das vizinhas, e todas iam, era uma coisa que só mulher ia. Era uma coisa de mulher. Aí a dona da casa oferecia um chá, um café... uma coisa assim... e as mulheres iam pra comprar tuperware. Ai elas viam no catálogo, faziam a encomenda e daí ia chegar o produto e tudo o mais. E também tinha uma coisa assim, que eu sinto muita falta: tinha um espírito de comunidade muito grande, que hoje em dia não tem mais.

Acho que tínhamos esse espírito de comunidade.É bem simples: sabe aquela coisa de ir na casa e pedir uma xícara de açúcar pra fazer meu bolo e depois eu levo o bolo pra pessoa... isso acontece um pouquinho aqui em casa, com a minha mãe, porque minha mãe é muito querida pelas pessoas do prédio. Ela é uma exceção. Mas antigamente, no ano novo ou no natal, todo mundo ia na casa de todo mundo, pra falar o feliz natal, pra comer alguma coisa na casa do

outro. Tinha esse espírito coletivo. Uma outra lembrança de infância também: a gente organizava festa – partia das crianças: “ah, vamos fazer uma festa junina!”. Aí, a gente saía batendo na casa de todo mundo falando: “Vamos fazer uma festa. Você pode ajudar?” A pessoa ajudava com dinheiro ou com alguma coisa pra fazer a festa. E todo mundo se reunia e fazia essa festa, no espaço do prédio mesmo. No espaço ali das garagens. A gente fazia na garagem de alguém, mas era aberto pra todo mundo. Era um evento coletivo, porque dependia de todo mundo pra acontecer. E hoje em dia, ninguém vai na casa de ninguém. Fica cada um no seu canto, tem o lado bom e o lado ruim disso: tem a evolução da sociedade também, porque as pessoas estão trabalhando mais também, não é? As mulheres estão trabalhando fora. Então tem uma mudança aí também. Então ninguém vai ficar indo na casa do outro primeiro porque não tem tempo depois porque não quer se envolver com o outro mesmo...antes as mulheres eram mais donas-de-casa. Tem essa mudança mas também tem uma coisa que foi se perdendo...às vezes ainda até acontece: como a gente tem proximidade com a vizinha aqui, que minha mãe cuida dos filhos dela, cuida até hoje, então a gente tem esse espírito mais forte. A gente faz alguma coisa aqui, leva pra lá. Ela faz alguma coisa lá e traz pra cá... enfim. É uma troca desde que as crianças nasceram. Mas se você for pensar no geral, é uma coisa que não existe. Eu falo assim, pelo menos nessa COHAB. Eu não sei em outros lugares. Acho que as pessoas estão individualistas. Hoje você tem sua casa, seu carro e a sua família – nada mais importa. Se não tiver cultura, não tem problema. Se não tiver transporte público, que está uma porcaria, não tem problema. Ninguém corre atrás porque tem o seu garantido. Se eu tenho minha casa, meu carrinho, minha família, tá tudo certo, eu não preciso de mais nada. Então, por exemplo, tem alguns espaços culturais como o Parque Raul Seixas... está lá. Poderia ser um espaço maravilhoso. Mas quem quer brigar por aquilo? Às vezes precisa pessoas de fora daqui pra poder brigar por aquele espaço, que reconhecem a importância. Eu acho que na Casa Raul Seixas poderia acontecer muito mais coisas. Eu comecei minha vida artística lá: o primeiro curso da minha vida, foi lá, na Casa Raul Seixas. Curso de teatro e circo. De certa forma, eu sei dar o valor praquilo porque até hoje eu trabalho com isso. Da época que o parque foi inaugurado (*em 1991*), e das atividades que tinha lá, a movimentação que tinha ali era totalmente diferente de hoje em dia. É um espaço de lazer e cultura que poderia ser muito melhor aproveitado, que as próprias pessoas daqui, da COHAB, poderiam aproveitar. Tem gente que nem sabe que lá tem alguma atividade. Sabe que tem o parque, mas não sabe que tem a Casa. E realmente, às vezes nem tem atividade cultural... E as pessoas nem querem se informar.

Quando eu era criança circulava bem pouco porque minha mãe – como eram quatro crianças, não tinha como tomar conta de todo mundo junto – ela não soltava a gente tanto. Tanto aqui no prédio como lá fora mesmo. A gente foi ficar mais solto com a idade, a gente ia pra escola... na verdade, as recordações que eu tenho por aqui eram: ir pra escola – eu estudava lá no Fadlo, aquela escola em frente ao Parque Raul Seixas - e ia num canto aqui, outro ali, num mercado, numa feira... a lembrança que eu tenho é essa, assim. Até porque não tinha muito pra onde ir – tinha os amigos da escola, que moravam por aqui, mas não saía tanto assim. Hoje, já circulando mais, vejo que o bairro mudou demais. Ali onde hoje tem a Avenida Jacu Pêssego – essa avenida foi construída com a gente aqui. A COHAB estava aqui sem essa avenida. Então pra gente chegar lá no Aquário – um lugar que a gente ia raramente, porque

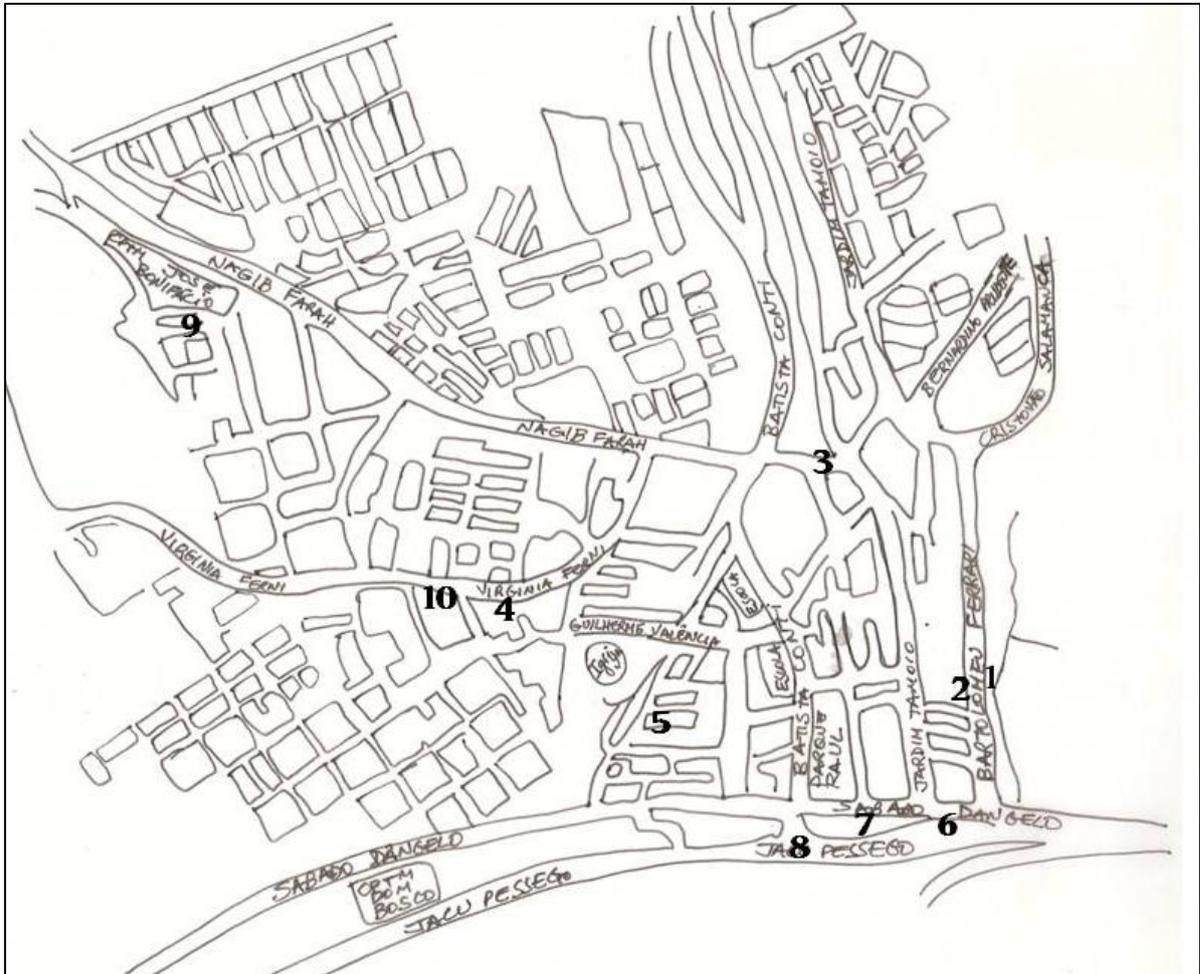
era muito longe – a gente ia a pé. Mas era muito longe porque tinha que dar uma volta muito maior. Hoje se chega rapidamente, pois é uma linha reta direto pela Avenida Jacu Pêssego. A gente tinha que ir lá na padaria, ia pela avenida onde hoje é o Atacadão. Era por ali. E com a avenida veio mais supermercados, deu uma desenvolvida bem grande. Antes não tinha muita opção de comércio. Acho que o comércio que evoluiu, na verdade. A moradia, do Conjunto Habitacional mesmo, acho que não teve muita mudança. Acho que só teve mudança no comércio. Crescimento nesse sentido. Como eu estou mais perto da Avenida, então eu vejo mais. Na verdade, eu fico pouco tempo aqui – porque as minhas atividades são pelo centro, por outras áreas da cidade. Eu comecei a estudar na Penha com catorze anos, então comecei a circular mais por outros bairros, comecei a sair mais daqui de Itaquera, sair mais da COHAB. Na época, eu mesma não diferenciava muito o centro da cidade daqui Mas era bom, era bom ir pra fora. Pegar um ônibus e ir pra escola, outro lugar. Depois comecei a ficar mais pra lá – fui fazer estágio na Avenida Paulista. Eu fiz escola técnica. Quando eu comecei a ir pra Paulista, foi quando eu comecei a conhecer mesmo a cidade. Comecei a sair mesmo e pensei: “eu posso chegar em qualquer lugar”. Você vai aprendendo. Era mais coisa de adolescente mesmo que eu percebia: aqui tem shopping, lá não. Durante uma boa época, nossa forma de lazer era ir pro Shopping Aricanduva. Ah! Lembrei um lugar que eu gosto: é a sorveteria! A Per Tutti. É um lugar que eu gosto até hoje. Lá o sorvete é bom. Hoje em dia é sorveteria e pizzaria, cresceu muito lá também, acompanhou o crescimento da COHAB. Tem música ao vivo, hoje. É um lugar que eu gosto de ir até hoje, recomendo pras pessoas. Chamo pessoas de fora, é um lugar que eu curto. Não tem um espaço aqui no bairro que eu não goste... mas às vezes eu passo ali pela Praça Brasil, por exemplo... Não é que eu não goste de lá, mas é que já aconteceu tanta coisa boa lá, que era um espaço de cultura, e raramente, quando eu passo lá hoje em dia, traz aquela nostalgia. Mas aí você fala: “olha, que pena que isso tá assim”. De já ter visto coisas muito legais – tinha show, Roberto Carlos apresentou ali, Trapalhães... E ali, até pouco tempo atrás, era um espaço onde rádios faziam festas lá. Era um espaço que era utilizado pra alguma coisa. E levava gente pra lá e as pessoas sabiam: “ah, vamos pra Praça Brasil!”. Hoje em dia, é meio abandonado.

Já me senti tratada de forma diferente por morar na COHAB...até hoje, na verdade. Mas hoje em dia eu lido de uma maneira diferente. É aquela coisa: primeiro, por você morar numa periferia, então você já sofre um certo preconceito mesmo. Porque é da periferia. Aí depois tem a zona leste, periferia da zona leste, que é diferente da periferia da zona sul, que é diferente da periferia da zona norte. No estereótipo, quem vive na periferia da zona leste é pobre, seria o periférico mais ignorante. E se você for ver, tem muita coisa boa também. Até coisa de cultura que eu tô conhecendo hoje em dia, tem muita gente fazendo cultura aqui, muita gente da arte. Hoje eu tenho orgulho de falar: eu sou da periferia. Antigamente eu me sentia excluída, mas eu nunca me incomodei por estar aqui mas me incomodei porque as pessoas criavam uma imagem que não era verdadeira. Mesmo sofrendo esse olhar, pra mim não importava, não mudava nada no que eu era e no que eu sinto. E hoje é como se eu tivesse assumido que não importa onde eu moro, importa quem eu sou. E dizer: “lá é um lugar legal, tenho orgulho de ter crescido lá”. Eu sou quem eu sou pela criação que eu tive, claro, mas por ter morado aqui. Acho que muitos valores que eu tenho hoje, foi por eu ter morado numa periferia, foi por ter morado na COHAB.

Acho que a gente vai conquistando as coisas – e tem as coisas materiais sim, teve muita mudança, mas são as questões até muito mais profundas. Acho que é a educação que a gente teve e que tem. Acho que isso faz a grande diferença. A educação da família, da minha mãe, no caso. Se você for pensar na educação formal, hoje em dia eu vejo que é horrível. Muito ruim a educação das escolas que tem aqui na região, as escolas são péssimas. Eu estudava lá no Fadlo e eu até falo: eu tava lá quando tava começando a ficar ruim, quando tava começando a decair, ainda peguei uma parte que não tinha sido contaminada. O próprio ensino era bom, eles se preocupavam em ensinar. Os alunos e os professores tinham respeito um com o outro, o que hoje você não vê mais. Hoje em dia, pra quem mora aqui, tem que colocar numa escola particular. A Bia estudava no Augusto Maia, que é uma escola particular, e agora ela e o irmão dela estão no Joaquim (escola pública – ensino fundamental). A gente vê que a diferença é brutal. Porque a disciplina é diferente, a importância que se dá é diferente, o pensamento mesmo de se pensar: “escola pública não presta”. E não presta mesmo. Infelizmente é a realidade. Mas voltando a falar daqui, acho que é perceber a evolução das coisas – muita coisa a gente tem na gente que são da infância, que de certa forma ainda não perdeu essa coisa da comunidade. Minha mãe, todo mundo conhece minha mãe, também por ela trabalhar aqui no prédio, mas acho que minha mãe ainda conserva um pouco isso. Não sei se por ser moradora antiga. Aquela coisa: precisa deixar a chave com alguém – deixa com minha mãe. Tem uma confiança. Isso é coisa que acontecia antigamente e hoje é difícil de ver.

## ANEXO II - Mapas ATu-9 por elementos

Mapa e Tabela do Elemento QUEDA nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Árvore caindo	Medo	Em frente ao prédio (vê pela janela)	-
2	Escada	Sucesso	<b>Área comum prédio</b>	+
3	Queda d'água	Paz	Asilo	+
4	Queda de bicicleta	Machucado	R. Virginia Ferni	-
5	Escada	Perigo	Entrada da Igreja	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Atropelamento	Dor	Av. Jacu Pessego	-
7	Demolição	Reconstrução	<b>Cingapura</b>	+
8	Queda do telhado	Morte	Av. Jacu Pessego	-
9	Queda de bicicleta	Degradação	CPTM José Bonifácio	-
10	Queda espiritual	Ausência de Deus	Virginia Ferni	-

Mapa e Tabela do Elemento MONSTRO nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Alma penada	Livrar do que não é bom	Igreja	+
2	Violência	Aprendizados	Em casa	+
3	Monstro azul do desenho animado	Medo	Avenida Jacu Pêssego	-
4	Mula sem cabeça	Medo	Igreja	-
5	Lobisomem	Maldade	Atrás casas COHAB	-
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Arma	Morte	Rua Virgínia Ferni	-
7	Condomínio Cingapura à noite	Feiúra	Condomínio Cingapura	-
8	Satanás	prostituição	Virgínia Ferni	-
9	Dinossauro	atração	CPTM Dom Bosco	+
10	Demônio	Queda da humanidade	Virgínia Ferni	-

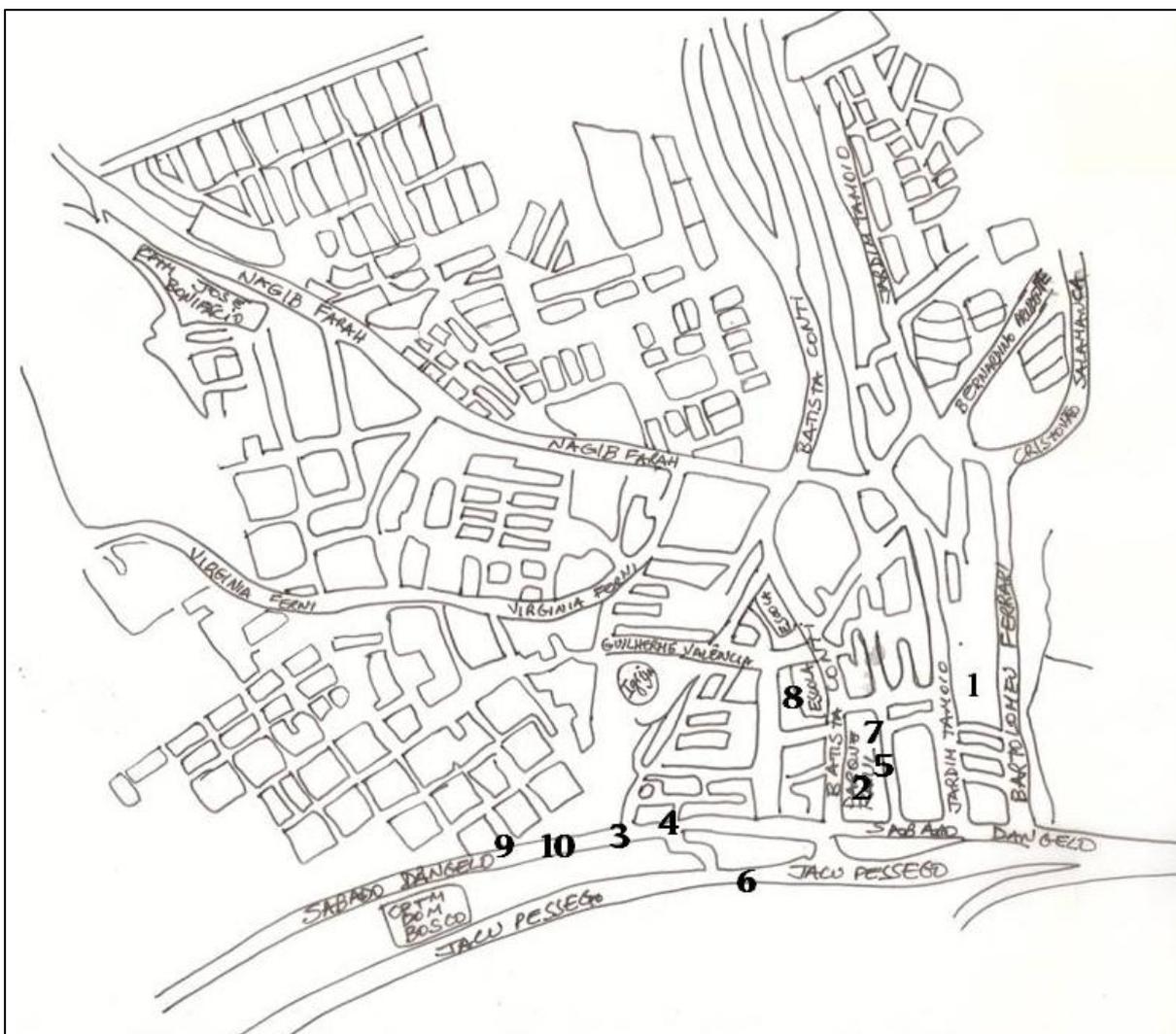


Mapa e Tabela do Elemento ESPADA nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Espada de São Jorge (planta)	Enfeite	Jardim do prédio	+
2	Espada de brinquedo	Alegria	Área comum do prédio	+
3	Faca	Cortar males	Avenida Jacu Pêssego	+
4	Faca	Violência	Casas COHAB	-
5	Faca	Utensílio	Supermercado Lopes	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Faca	Violência	CPTM Dom Bosco	-
7	Espada	Justiça	Em nenhum lugar do mapa	+
8	Espada de Samurai	Segurança	Virginia Ferni	+
9	Espada de príncipe	Antiguidade	Av. Jacu Pêssego	+
10	Bíblia	Guia espiritual	Cingapura	+

Mapa e Tabela do Elemento CÍCLICO nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Bambolê	Diversão	Pátio do prédio	+
2	Saia	Sinal de evolução	Parque Raul Seixas	+
3	Pião	Brincadeira	Rua Sábado Dangelo	+
4	Carro	Locomoção	Rua Sábado Dangelo	+
5	Bicicleta	Lazer	Parque Raul Seixas	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Roda Gigante	Lazer	Avenida Jacu Pêssego	+
7	Roda Gigante	Diversão	Parque Raul Seixas	+
8	Vitral	Perder-se em pensamentos	Escola Joaquim	-
9	Direção do carro	Segurança	Sabado Dangelo	+
10	Tempo	Escassez	Sabado Dangelo	-

Mapa e Tabela do Elemento PERSONAGEM nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Bia (criança de quem cuida)	Crescimento	Escola Joaquim	+
2	Rainha	Sabedoria	Área comum prédio	+
3	Rin Tin Tin	Amizade	R. Virginia Forni (perto SABESP)	+
4	Pica Pau	Natureza	Rio Jacu	+
5	Scoobydoo	Diversão	Escola Joaquim	+
<b>MORAORES CINGAPURA</b>				
6	Palhaço	Diversão	Parque Raul Seixas	+
7	Homem Aranha	Ajuda	Condomínio Cingapura	+
8	Psg filme musical americano "Camp Rock"	Dança, alegria	Parque Raul Seixas	+
9	Galinha Pintadinha	Diversão	Batista Conti, na frente do Parque Raul Seixas	+
10	Jesus	Fortaleza	Cingapura	+

Mapa e Tabela do Elemento ÁGUA nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Água da torneira	Sobrevivência	Vaso de planta que tem em casa	+
2	Chuva	Beleza	Área comum do prédio	+
3	Água doce	Paz	Praça Brasil	+
4	Rio Limpo	Nascimento	Nascente ao lado CPTM José Bonifácio	+
5	Copo d'água	Refrescância	Em casa	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Água suja	Sujeira	Delegacia na Avenida Batista	-
7	Lago com peixes	Carinho	Quadra desportiva condomínio Cingapura	+
8	Filtro Dagua	Vida	Caixa D'água Virgina Ferni	+
9	Garrafa de água mineral	Satisfação	Av Tamoio	+
10	Cachoeira	Meditação	Parque Raul Seixas	+

Mapa e Tabela do Elemento FOGO nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Fósforo	Queimar galhos que sobram	Jardim	+
2	Brincadeira com fogo	Jogo	Em casa	+
3	Sol	Vida	COHAB toda	+
4	Árvores queimando	Destruição	Mutirão Batista	-
5	Incêndio	Destruição	Nenhum lugar	-
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Bombeiro (apagado)	Salva-vidas	Bairro todo	?
7	Bombeiro (apagado)	Salvar do perigo	Pq. Raul Seixas	?
8	Fogueira	Luz	R. Bartolomeu Ferrari	+
9	Fogueira	Chama no coração	Av. Nagib Farah	+
10	Inferno	Morte sem salvação	O bairro todo	-

Mapa e Tabela do Elemento ANIMAL nos espaços do bairro de José Bonifácio



Sujeito	Imagem	Simbolismo	Espaço	+/-
<b>MORADORES COHAB</b>				
1	Passarinho	Liberdade	Solto por todo bairro	+
2	Cachorro	Lembrança engraçada	Área comum do prédio	+
3	Cachorro	Generosidade	Parque Raul Seixas	+
4	Cachorro	Companheirismo	Parque Raul Seixas	+
5	Cachorro	Amizade	Casinhas mutirão Av. Tamoio	+
<b>MORADORES CINGAPURA</b>				
6	Leão	Dominação	Rua Sabado Dangelo	+
7	Gato	Paixão	Parque Raul Seixas	+
8	Gato	Renascimento	Em casa	+
9	Onça	Proteção ao território	Bartolomeu Ferrari	+
10	Cachorro	Amizade	Cingapura	+

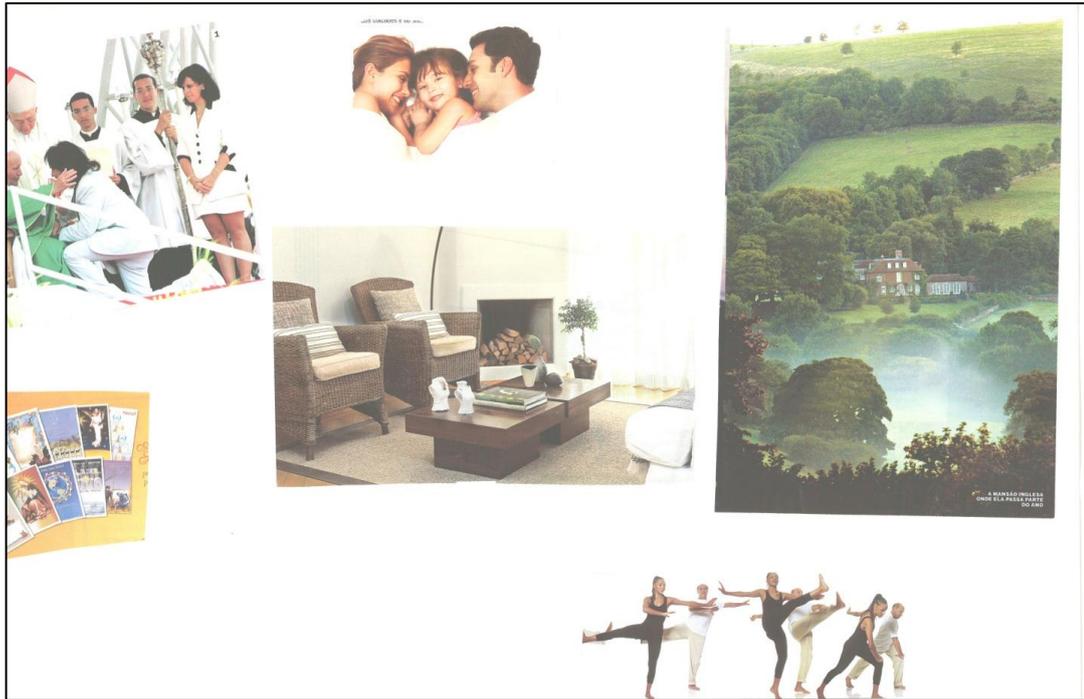
### ANEXO III - Colagens



Colagem criada por moradora da COHAB



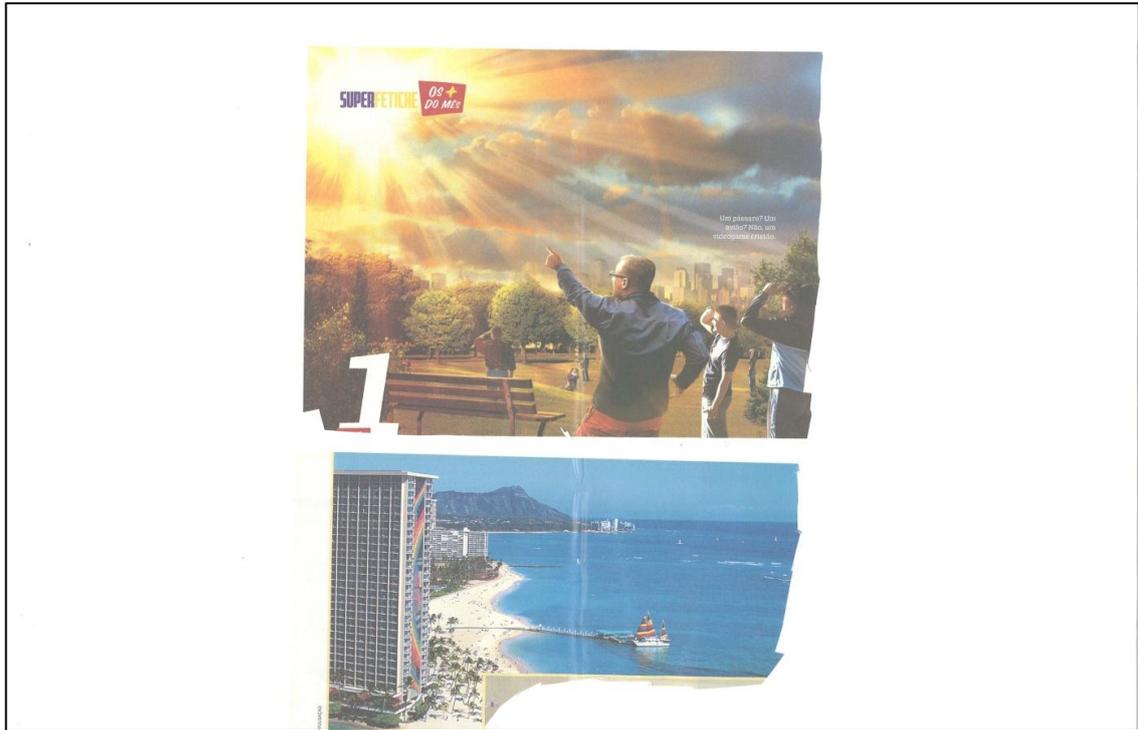
Colagem criada por moradora da COHAB



Colagem criada por moradora da COHAB



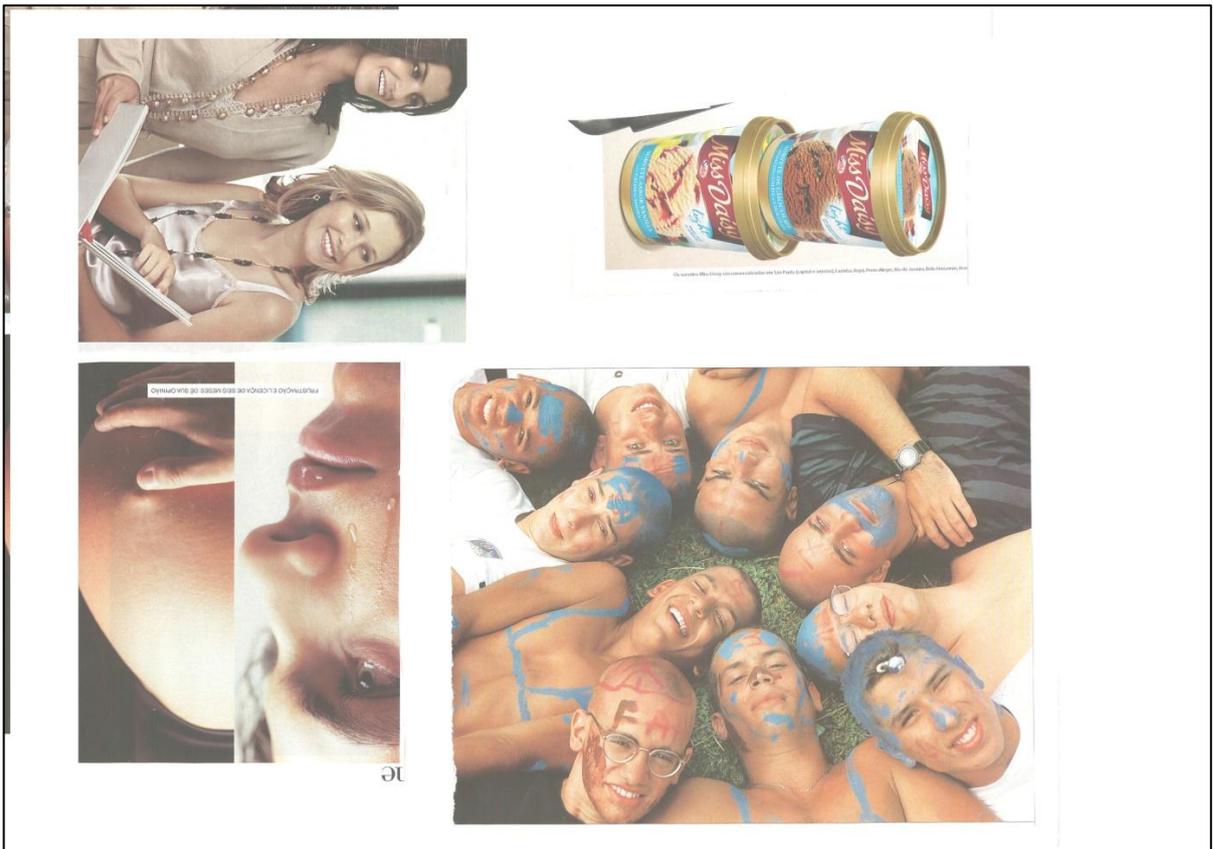
Colagem criada por moradora da COHAB JOSÉ BONIFÁCIO



Colagem criada por morador do CINGAPURA RAUL SEIXAS



Colagem criada por morador da CINGAPURA RAUL SEIXAS



Colagem criada por moradora do CINGAPURA RAUL SEIXAS

**ANEXO IV - Fotos selecionadas e intituladas pelos moradores**



Título: Arte



Título: Cultura



Título: Gênio Mágico



Título: Jogadores de celebridade



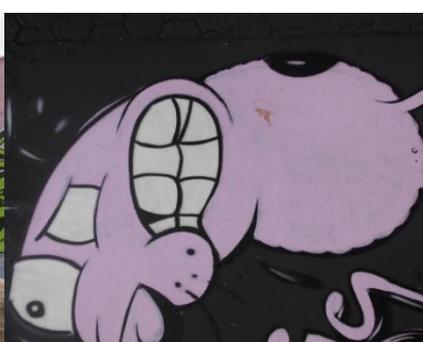
Título: Patinho Feio



Título: Piquenique



Título: Teatro



Título: Tenso



Título: Três patinhos foram passear



Título: A Casa



Título: Bela Igreja



Título: Casa de Flores



Título: Flores



Título: Lindo Parque



Título: Lixo – que feio!



Título: Lixo



Título: Parque



Título: Pato Modelo



Título: Arte de Rua



Título: Cachorrinho



Título: Casa de Cultura Raul Seixas



Título: Floresta Raul Seixas



Título: Jacu Pêssego



Título: Jesus Cristo



Título: Lagoa Raul Seixas



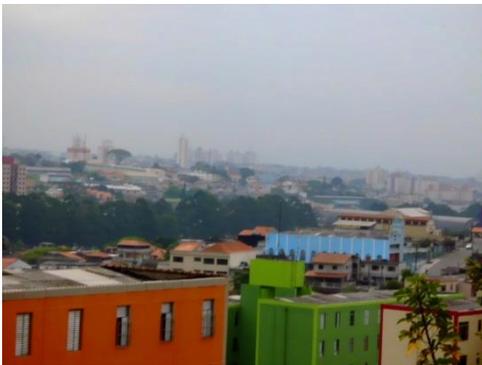
Título: Parque Raul Seixas



Título: Ruas e Becos de São Paulo



Título: A foto de mundo



Título: A paisagem bela



Título: A planta de um desenho



Título: Desenho esquisito



Título: O cinza caindo



Título: O ganso feio



Título: O meio ambiente



Título: O Pato Costa



Título: Planta avermelhada

## ANEXO V

### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Concordo em participar, como voluntário, do projeto de pesquisa intitulado:

#### **“HISTÓRIAS PARA HABITAR – MEMÓRIAS, MORADAS E TRAJETIVIDADES”**

que tem como pesquisadora responsável Daniela Caielli Penteado da Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, orientado por Maria Cecília Teixeira Sanchez que podem ser contatados pelo e-mail danicaielli@gmail.com ou telefone (11) 5251-8909. O presente trabalho investiga a memória de moradores do bairro José Bonifácio-Itaquera por meio de entrevistas e outras ferramentas expressivas (desenho em mapa, colagem, fotografia). Minha participação consistirá em conceder uma entrevista, realizar um desenho orientado em cima do mapa do bairro além de atividades com fotografia (colagem e passeio). Compreendo que este estudo possui finalidade de pesquisa, que os dados obtidos serão divulgados seguindo as diretrizes éticas da pesquisa, com a preservação do anonimato dos participantes, assegurando, assim minha privacidade. Sei que posso abandonar a minha participação na pesquisa quando quiser e que não receberei nenhum pagamento por esta participação. Fui informada que a pesquisadora Daniela Caielli Penteado retornará, conforme o progresso do trabalho e conforme minha disponibilidade, com o material relativo à pesquisa, dando informação sobre o andamento e conclusão da presente pesquisa.

Nome

---

Assinatura

---

Local \_\_\_\_\_ Data

---